HUGO EGITO

AZIVA

Anteprojeto de um Clube para pessoas idosas em João Pessoa-PB

Fonte: Google Gemini (2025)

AZIVA

Anteprojeto de um Clube para pessoas idosas
em João Pessoa-PB

HUGO EDUARDO VIEIRA DO EGITO
ORIENTADORA: PROFª. DRª. AMÉLIA PANET

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE GRADUAÇÃO APRESENTADO AO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB), COMO REQUISITO À OBTENÇÃO DE TÍTULO DE BACHAREL

João Pessoa, 2025

Catalogação na publicação Seção de Catalogação e Classificação

E29a Egito, Hugo Eduardo Vieira do.
ATIVA: Anteprojeto de um Clube para pessoas idosas em João Pessoa / Hugo Eduardo Vieira do Egito. - João Pessoa, 2025.
117 f. : il.

Orientação: Amélia de Farias Panet Barros.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Arquitetura. 2. Envelhecimento ativo. 3. Acessibilidade. 4. Pessoa Idosa. 5. Neuroarquitetura. I. Barros, Amélia de Farias Panet. II. Título.

UFPB/CT CDU 72+711(043.2)

Elaborado por ROSANGELA GONCALVES PALMEIRA - CRB-216

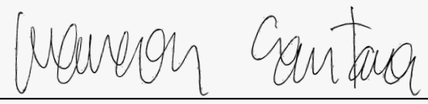
HUGO EDUARDO VIEIRA DO EGITO

ATIVA: ANTEPROJETO DE UM CLUBE PARA PESSOAS IDOSAS EM JOÃO PESSOA-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba, no período 2025.1, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Profª. Drª. Amélia de Farias Panet Barros

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Amélia de Farias Panet Barros (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Marcos Santana
Universidade Federal da Paraíba

Profª. Drª. Juliana Demartini
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, em especial aos meus pais, Giuseppe e Sandra, ao meu irmão Victor e à minha namorada Liz Maria. Cada um deles é fonte de inspiração e exemplo de caráter, dedicação e resiliência. São eles que me motivam a buscar diariamente ser uma pessoa melhor, não apenas no exercício da arquitetura, mas em todas as dimensões da vida.

Aos amigos que estiveram presentes ao longo do curso, deixo meu agradecimento sincero. Cada um, em seu tempo e à sua maneira, contribuiu para minha formação, e foi nessa troca de experiências que encontrei aprendizados e amizades valiosas que levarei comigo.

Aos professores, minha gratidão especial, sobretudo aos de Projeto, que despertaram em mim uma verdadeira paixão pela arquitetura. Foram eles que me mostraram que projetar, além de desafiador, é também profundamente transformador.

Sou igualmente grato a todos que me ofereceram oportunidades de aprendizado, seja em estágios ou na monitoria. O conhecimento é um caminho de mão dupla, e em cada vivência pude tanto colher quanto plantar, construindo experiências que levarei para sempre.

Por fim, agradeço à minha orientadora, professora Amélia Panet, que esteve presente não apenas em uma das cadeiras de Projeto, mas também neste trabalho final, tão especial por encerrar um ciclo e marcar uma etapa significativa da minha vida acadêmica e pessoal.

RESUMO

O envelhecimento populacional é uma realidade mundial e, no Brasil, cresce de forma acelerada. Segundo o IBGE (2022), a população de pessoas idosas já representa 15,6% dos brasileiros, e estima-se que em 2070 alcance cerca de 37,8%. Esse cenário evidencia a necessidade de pensar em espaços arquitetônicos que promovam qualidade de vida, autonomia e inclusão para esse público. Inspirado no conceito de envelhecimento ativo, proposto pela Organização Mundial da Saúde, este trabalho busca investigar como a arquitetura pode contribuir para a socialização, o bem-estar físico e cognitivo e a valorização da pessoa idosa como sujeito ativo na sociedade.

A metodologia adotada inclui revisão bibliográfica sobre envelhecimento ativo, acessibilidade, neuroarquitetura e design multissensorial, além da análise de referências projetuais nacionais e internacionais. O projeto foi estruturado com base nos princípios do desenho universal, de modo a garantir acessibilidade plena e experiências sensoriais que ampliem o vínculo do usuário com o espaço.

Diante disso, o Trabalho de Conclusão de Curso consiste na elaboração do anteprojeto de um clube para pessoas idosas em João Pessoa-PB, localizado no bairro de Cabo Branco. A proposta visa criar um espaço de convivência e acolhimento que incentive a prática de atividades físicas, cognitivas e sociais, reduzindo o isolamento e estimulando a integração comunitária.

Com isso, o resultado é um clube pensado para atender pessoas idosas em diferentes graus de autonomia, oferecendo ambientes que aliam saúde, lazer, estímulo cognitivo e convivência, reforçando a importância da arquitetura como agente transformador da vida em sociedade.

Palavras-chave: Arquitetura, Envelhecimento Ativo, Acessibilidade, Neuroarquitetura, Pessoa Idosa.

SUMÁRIO

01
INTRODUÇÃO 08
OBJETIVO GERAL 08
OBJETIVOS ESPECÍFICOS 08

02
REFERENCIAL TEÓRICO
Qualidade de vida e Pessoa idosa 10
Acessibilidade e Desenho Universal 13
Neuroarquitetura e Design multissensorial 16

03
REFERÊNCIAS PROJETUAIS
Vila para Pessoas com Alzheimer, NORD Architects 21
Escola para Crianças Cegas e Deficientes Visuais, SEAlab 23
Fitness Center, Capote Marcondes Longo A&U 25
Quadro síntese 27

04
ANÁLISE DO ENTORNO
Localização 29
Escolha do terreno 30
Legislação 31
Uso e ocupação do solo 32
Condicionantes climáticas 33
Sistema viário 34

05
PROJETO
Conceitos e Diretrizes 36
Programa de Necessidades 38
Partido 46
Evolução da forma 47
Zoneamento 48
Setorização 50
Acesso e Fluxos 52
Estrutura 53
Materialidade 54
Reservatório de água 55

06
ANÁLISE T.E.L.A
Análise de conforto térmico 57
Análise de conforto ergonômico 58
Análise de conforto lumínico 59
Análise de conforto acústico 60

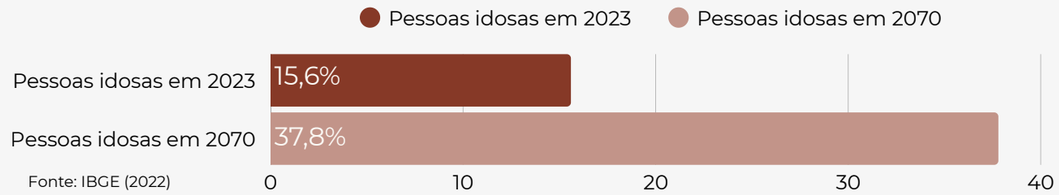
07
MULTISSENSORIALIDADE
Análise fachada 62
Análise restaurante 63
Análise eixo de circulação 64
Análise pátio interno 65
Renderizações do projeto 66

08
CONCLUSÃO 107
REFERÊNCIAS 109

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é um fenômeno que vem se intensificando em todo o mundo, e no Brasil não é diferente. De acordo com o IBGE (2022), a quantidade de pessoas idosas com 65 anos ou mais cresceu 57,4% em apenas 12 anos. Diante desse cenário, torna-se essencial dedicar mais atenção às necessidades específicas desse público, e compreender essa questão a partir da arquitetura e do urbanismo é fundamental para a criação de espaços seguros, acessíveis e convidativos. O conceito de envelhecimento ativo, proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), enfatiza a importância da autonomia, da participação social e do bem-estar físico e mental ao longo do processo de envelhecimento. Esse período da vida deve ser visto como uma fase de oportunidade para aprendizado, socialização e realização pessoal, assim como em qualquer outra etapa da vida. No entanto, muitos espaços construídos ainda não estão preparados para essa realidade, o que gera dificuldades de mobilidade, exclusão social e, frequentemente, isolamento, fazendo com que a arquitetura, muitas vezes, se torne uma barreira na vida da pessoa idosa. O isolamento social, em especial, é uma das principais dificuldades enfrentadas pelas pessoas idosas, contribuindo diretamente para o aumento de doenças como depressão e declínio cognitivo. Segundo a OMS (2021), pessoas idosas que vivem isoladas têm um risco significativamente maior de desenvolver problemas de saúde mental e física. Dessa forma, a criação de espaços que incentivem a interação social e promovam atividades estimulantes é fundamental para combater esse isolamento e melhorar a qualidade de vida desse público. Diante desse contexto, a arquitetura desempenha um papel indispensável no planejamento de espaços que incluam e acolham a população idosa, indo além da acessibilidade normativa, e promovendo bem-estar, autonomia e qualidade de vida. Nesse sentido, o presente trabalho investiga como a arquitetura pode contribuir para o envelhecimento ativo por meio de uma abordagem multissensorial e acessível. A proposta visa criar um espaço que atenda às demandas específicas da população idosa, proporcionando ambientes que favoreçam o convívio social, o lazer e a autonomia. O projeto consiste na criação de um clube para pessoas idosas, pensado como um ponto de encontro voltado à socialização e ao envelhecimento ativo, por meio de atividades que estimulem tanto o bem-estar físico quanto o cognitivo. O recorte geográfico do estudo está situado na cidade de João Pessoa, no bairro de Cabo Branco, reforçando a característica marcante da cidade, que é a conexão com a praia e a qualidade de vida proporcionada por esse ambiente.

Ao propor um clube destinado a esse público, busca-se oferecer não apenas suporte físico e estrutural, mas também um espaço que estimule o senso de pertencimento, a autonomia e a valorização do envelhecimento como uma fase ativa e produtiva da vida. O envelhecimento acelerado da população, somado à escassez de espaços projetados para atender às necessidades do público com 60 anos ou mais, evidencia um desafio urgente para a arquitetura. Este trabalho parte da perspectiva do envelhecimento ativo e do design universal, integrando também a multissensorialidade como estratégia de fortalecer a relação entre o indivíduo e o ambiente. A pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise de referências projetuais, culmina no anteprojeto de um clube para pessoas idosas em João Pessoa, que busca oferecer não apenas acessibilidade, mas também acolhimento, estímulo e qualidade de vida.



Fonte: IBGE (2022)

OBJETIVO GERAL

Elaborar um anteprojeto de um clube para pessoas idosas, que fomente a qualidade de vida e o envelhecimento ativo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender os conceitos de envelhecimento ativo e grau de autonomia da pessoa idosa.
- Adotar a abordagem do design universal, como design inclusivo, para conceber espaços utilizáveis por todos.
- Compreender os conceitos de arquitetura multissensorial e sua aplicabilidade para projetar espaços que contribuam na experiência do usuário.

Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica como pessoas idosas os indivíduos a partir dos 60 anos em países em desenvolvimento, como o Brasil, e a partir dos 65 anos em países desenvolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Figura 02: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

REFERENCIAL TEÓRICO

QUALIDADE DE VIDA E PESSOA IDOSA

Figura 03: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

QUALIDADE DE VIDA E PESSOA IDOSA

Como sugere a Organização Pan-Americana da Saúde (2005, p.8) “O envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos nossos grandes desafios”. O crescimento do número de pessoas idosas ao redor do mundo vem ganhando destaque e gerando debates, sobre expectativa de vida, bem-estar, avanços da medicina e economia. No Brasil, de acordo com dados do IBGE (2022) a proporção de pessoas com 60 anos ou mais quase dobrou, passando de 8,7% para 15,6%. Estima-se que, em 2070, cerca de 37,8% da população brasileira será composta por pessoas idosas (IBGE, 2022). Nesse sentido, promover espaços inclusivos que gerem a sociabilização desse público e a prática de atividades, refletem diretamente na qualidade e expectativa de vida daqueles usuários. Com isso, a Organização Mundial da Saúde definiu qualidade de vida como:

> A percepção dos indivíduos de que suas necessidades estão sendo satisfeitas ou, ainda, que lhes estão sendo negadas oportunidades de alcançar a felicidade e a auto-realização, com independência de seu estado de saúde físico ou das condições sociais e econômicas (OMS, 1998).

Com isso, entende-se que independente do grau de limitação do usuário, a percepção de qualidade de vida também está relacionada com o não impedimento ou limitação de atividades específicas e cotidianas daquele indivíduo. Além disso, a busca pela qualidade de vida está diretamente ligada à percepção do indivíduo, onde o próprio precisa agir de forma a proporcionar, mesmo que inconscientemente, uma melhora.

De acordo com Alleyne (2001, p.1) “é possível imaginar que há cinco principais domínios da Qualidade de Vida: saúde e bem-estar, relações interpessoais, comunidade e moradia, crescimento pessoal e dignidade e auto-estima”. Diante disso, cabe ao próprio indivíduo e aos familiares próximos motivar a inserção da pessoa idosa em um ciclo social, evitando o isolamento da pessoa idosa.

Como descrito no Guia de Cuidados para a Pessoa Idosa (2023, p.24), “A qualidade da saúde e o bem-estar das pessoas idosas são, em grande parte, resultado das experiências e dos estilos de vida que tiveram ao longo da vida”. Ou seja, a prática de atividades físicas regulares é reconhecida como meio eficaz para a manutenção e melhoria da qualidade de vida da população idosa. Para Rolim (2005) A prática regular de atividades físicas contribui significativamente para a saúde, promovendo a redução da morbidade e da mortalidade, além de impactar positivamente nos aspectos psicológicos e sociais dos indivíduos.

Segundo Marchiori et al. (2013), para a pessoa idosa, a percepção de qualidade de vida no ambiente está relacionada à presença de aspectos como segurança, funcionalidade, oportunidades de interação social e preservação da autonomia. Além dos fatores sociais e físicos, a acessibilidade dos espaços pode facilitar a mobilidade, incentivar a participação social e garantir maior independência para essa população. No Brasil, a Norma ABNT NBR 9050:2021 estabelece diretrizes com intuito de promover ambientes que assegurem segurança, independência e inclusão de todos os públicos.

Todavia, o debate sobre qualidade de vida para a pessoa idosa está relacionado com o entendimento sobre a fragilidade, condição inerente ao público com idade mais avançada, devido à redução das reservas fisiológicas e à menor resistência a estressores. Segundo Teixeira (2008) a ausência de um conceito unificado sobre fragilidade dificulta a criação de estratégias eficazes de prevenção e promoção da saúde voltadas à população idosa. Nesse caso, torna-se necessária uma conduta multiprofissional que considere de forma particular fatores físicos, cognitivos e sociais de cada indivíduo.

De acordo com Porto; Rezende (2016) O envelhecimento pode ser analisado sob quatro perspectivas principais: a cronológica, a biológica, a herança genética do indivíduo e as condições ambientais às quais está exposto. Sendo assim, dentro da população idosa, há uma diversidade de perfis, que podem variar não apenas pela idade cronológica, mas também pelo grau de autonomia e necessidades. A organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2005), descreve envelhecimento como sendo:

> um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte. (OPAS, 2005)

Entretanto, para promover uma maior simplificação durante atividades cotidianas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica como pessoa idosa os indivíduos a partir dos 60 anos em países em desenvolvimento, como o Brasil, e a partir dos 65 anos em países desenvolvidos.

Ainda assim, dentro do próprio grupo classificado como pessoa idosa, há diferentes graus de autonomia, que devem ser considerados para promover a qualidade de vida de todos os indivíduos. Para além da classificação etária, o nível de autonomia deve ser considerado, podendo ser dividido em seis categorias principais (FOLHA DE SÃO PAULO, 2009)

FISICAMENTE INCAPAZ

Não realiza nenhuma atividade de autocuidado e tem dependência dos outros.

FISICAMENTE DEPENDENTE

Realiza algumas atividades básicas: toma banho, se veste e se alimenta sozinho, vai de um lugar para outro, mas necessita de ajuda de terceiros.

FISICAMENTE FRÁGIL

Faz tarefas leves: comida e compras; pode realizar todas as atividades básicas, algumas intermediárias e domésticas.

FISICAMENTE INDEPENDENTES

Capaz de trabalhos físicos leves, cuidar da casa e ter "hobbies" de baixo gasto de energia, como caminhada, dança social, jardinagem, dirigir, mas tem baixa reserva física. Faz todas as atividades intermediárias.

FISICAMENTE ATIVOS

Capaz de trabalho físico moderado, esportes de resistência e jogos. Tem aparência física mais jovem que seus pares da mesma idade. É capaz de fazer todas as atividades avançadas.

ATLETAS

Realiza atividades competitivas, até em nível internacional.

Desse modo, a faixa etária passa a ser um delimitador do público-alvo, e a categorização dos seis tipos de pessoas idosas, o ponto de partida para o entendimento das particularidades inerentes dos indivíduos. Com isso, a arquitetura passa a contar com uma nova perspectiva, pois, a partir dessa subdivisão dos perfis de pessoas idosas, é possível compreender melhor as demandas de cada grupo e propor soluções adequadas às suas realidades.

A Organização Mundial de Saúde propõe o termo “Envelhecimento Ativo”, que é definido como sendo: “O processo de otimizar oportunidades para a saúde, a participação e a segurança de modo a melhorar a qualidade de vida no processo de envelhecimento de cada pessoa (OMS, 2002, p. 12)”.

Em síntese, cabe à arquitetura participar no desenvolvimento de espaços que encorajem a realização de atividades físicas e cognitivas verificando a inclusão de todos, para assim, potencializar o objetivo de gerar para a população um envelhecimento ativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL

Figura 04: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL

É fato que, com os avanços tecnológicos e normativos, a arquitetura se propõe a fazer mais do que simples projetos. A construção de ambientes que promovam inclusão e acessibilidade deixam de ser diretrizes projetuais e passam a ser uma obrigatoriedade. Atualmente, a acessibilidade em projetos no Brasil está resguardada pela norma ABNT NBR 9050:2021, que estabelece diretrizes para a acessibilidade em edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos.

Diante disso, o entendimento sobre a acessibilidade é definida pela própria norma como sendo:

> Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. (NBR 9050:2021, p.2)

Seguindo tal lógica, a norma traz conceitos, desenhos e dimensões a fim de garantir que todos os espaços tenham a possibilidade de ser acessados por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Entretanto, a Norma ABNT 9050:2021 também traz em seus termos e definições o conceito de desenho universal: “concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem utilizados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva“ (ABNT 9050:2021, p.4). Desse modo, o desenho universal busca promover ambientes inclusivos sem depender de soluções voltadas exclusivamente para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, garantindo que a acessibilidade seja integrada ao projeto de forma natural, sem criar distinções entre espaços acessíveis e não acessíveis. Nesse sentido, o desenho universal amplia a ideia sobre acessibilidade, para Francisco e Menezes (2011, p. 28) “deixando de ser simplesmente uma solução contra simples barreiras arquitetônicas, para assumir o significado da equiparação de oportunidades e acesso em todos os setores sociais.”

Em virtude disso, a aplicação do design universal na arquitetura passa a ser debatida como uma diretriz projetual que, além de garantir a acessibilidade para além das exigências normativas, busca também uma qualidade estética e harmônica no projeto. De acordo com Merino (2014), na década de 90 um grupo de arquitetos, designers e engenheiros se reuniram para criar os 7 princípios do desenho universal, que serve como base para diversas disciplinas, sendo eles:

PRINCÍPIO 1	Uso Equitativo
PRINCÍPIO 2	Flexibilidade no Uso
PRINCÍPIO 3	Uso Simples e Intuitivo
PRINCÍPIO 4	Informação Perceptível
PRINCÍPIO 5	Tolerância ao Erro
PRINCÍPIO 6	Pouco Esforço Físico
PRINCÍPIO 7	Tamanho e Espaço para Abordagem e Uso

Nessa perspectiva, o desenho universal, de forma multissensorial, abrange uma ampla variedade de aspectos que contribuem para a concepção de um projeto. Sendo assim, a norma NBR 9050:2021 prevê o uso de sinalizações táteis, auditivas, visuais e outras estratégias que promovem a acessibilidade por meio das percepções do usuário. Da mesma maneira, elementos como a simplificação da orientação e percepção do espaço, a comunicação integrada a mais de um sentido e a adaptabilidade, são pilares do desenho universal que permitem ao próprio indivíduo realizar a atividade, tornando o projeto mais inclusivo e integrador.

Logo, conciliar as determinações da NBR 9050:2021 com os princípios de design universal, reforça a ideia de criar espaços que afirmam a busca pela qualidade de vida do usuário. Segundo Francisco e Menezes (2011), garantir o acesso deixou de ser um ato de solidariedade para se tornar uma estratégia essencial na construção de uma sociedade que valoriza a participação plena de cada indivíduo, com suas particularidades. Por isso, para o público com 60 anos ou mais o desenho universal garante que além da acessibilidade, não existam barreiras e distinções entre o percurso sem acessibilidade para o acessível, refletindo diretamente na sensação de pertencimento e socialização no local.

Em virtude disso, a acessibilidade prevista na NBR 9050:2021 busca criar soluções projetuais que atendam a todos os públicos. O escopo da norma reforça a ideia de que a acessibilidade vai além das deficiências motoras, abrangendo diferentes condições de mobilidade e percepção do ambiente.

> No estabelecimento desses critérios e parâmetros técnicos foram consideradas diversas condições de mobilidade e de percepção do ambiente, com ou sem a ajuda de aparelhos específicos, como próteses, aparelhos de apoio, cadeiras de rodas, bengalas de rastreamento, sistemas assistivos de audição ou qualquer outro que venha a complementar necessidades individuais. (NBR 9050:2021, p.1)

Dessa maneira, garantir a inclusão da pessoa idosa em seus diferentes níveis de autonomia compreendendo suas individualidades não deve ser visto apenas como um requisito normativo, mas como um compromisso da arquitetura com a dignidade, liberdade de ir e vir e a qualidade de vida. Como aponta Pallasmaa (2011), sociedades que restringem a autonomia de seus cidadãos tendem a promover o isolamento em vez da interação, afastando o indivíduo do senso de pertencimento e da identificação com o espaço. Com isso, a aplicação dos princípios do design universal, aliada às diretrizes da NBR 9050:2021, permite a criação de espaços mais acessíveis, funcionais e acolhedores, promovendo a integração social e eliminando barreiras que possam limitar a participação ativa dessa população.

REFERENCIAL TEÓRICO

NEUROARQUITETURA E DESIGN MULTISSENSORIAL

Figura 05: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

NEUROARQUITETURA E DESIGN MULTISSENSORIAL

O termo neuroarquitetura surge da junção entre os campos da neurociência, responsável por estudar o funcionamento do cérebro humano, e da arquitetura que investiga como o espaço construído pode influenciar o comportamento e as emoções dos indivíduos. Segundo Paiva (2018), essa área integra conhecimentos sobre os padrões inatos do cérebro, as memórias culturais de diferentes grupos e os efeitos que os ambientes podem provocar nos indivíduos. Ou seja, trata-se de compreender como o ambiente físico afeta as percepções, os sentimentos e as experiências humanas.

Diante disso, reconhecer que o ser humano responde continuamente aos estímulos presentes no ambiente é essencial para guiar o processo de projeto. Como afirma Pallasmaa (2011, p.11), “uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada”. Ou seja, o ato de projetar ultrapassa a estética visual e começa a considerar sua totalidade sensorial presente no corpo humano.

A partir disso, a necessidade de pensar o projeto arquitetônico como uma experiência multissensorial, na qual a visão é frequentemente tratada como protagonista, possa ceder espaço aos outros sentidos humanos, sobretudo quando se busca criar vivências mais profundas e emocionais. De acordo com René Magritte (1928 apud Pallasmaa, 2011, p.27), “em estados emocionais muito intensos ou pensamentos profundos, a visão costuma ser reprimida”. Essa reflexão convida à crítica da hegemonia visual na arquitetura tradicional, que ao priorizar apenas o que pode ser visto, acaba resultando em experiências rasas e pouco afetivas, projetar de forma multissensorial é ampliar a presença do corpo no espaço.

Tradicionalmente, os cinco sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição são a base da percepção humana. Contudo, embora didática, essa divisão pode simplificar e dificultar a experiência sensorial para arquitetura. Sabendo disso, Gibson (1966) propõe uma nova organização dos cinco sentidos tradicionais, reunindo-os em cinco diferentes sistemas perceptivos: paladar-olfativo, háptico, auditivo, visual e o básico de orientação. A partir disso, é possível compreender de forma mais precisa como o corpo interage com o ambiente, oferecendo ao arquiteto ferramentas para projetar espaços mais sensíveis, acessíveis e envolventes.

O sistema paladar-olfativo é considerado uma unidade integrada, uma vez que o paladar depende do olfato para que os sabores sejam plenamente percebidos. Pallasmaa (2011) observa que o olfato é o sentido com maior capacidade de acessar lembranças profundas, o que o torna uma ferramenta poderosa no processo de criação de memórias afetivas e vínculos com o espaço, cheiros característicos podem evocar lembranças, gerar conforto e promover a sensação de pertencimento, sobretudo em ambientes coletivos ou domésticos.

Em síntese, o sistema paladar-olfativo quando considerado no projeto arquitetônico, pode ser explorado por meio de elementos naturais, como plantas aromáticas, capazes de perfumar o ambiente e despertar sensações sutis, mas profundamente significativas. Dessa maneira, o estímulo olfativo tem o poder de evocar memórias, criar vínculos emocionais e fortalecer a relação do usuário com o espaço. Assim, ao considerar o paladar e o olfato no projeto, o arquiteto pode criar ambientes que se tornam lugares de memória, afeto e encontro.

O sistema háptico compreende o tato, a percepção de temperatura, umidade e o movimento do corpo (cinestesia). Nesse caso, é o sentido mais íntimo do ser humano, pois requer contato direto com o ambiente. Por meio dele, o corpo decodifica qualidades físicas e atmosféricas do espaço, como textura, calor e peso. Autores como Pallasmaa (2011) e Heschong (1979) defendem o uso de materiais naturais, envelhecíveis e texturizados como forma de reforçar a conexão entre corpo e arquitetura, aproximando o ser humano dos ciclos da natureza. Além disso, experiências térmicas e táteis compartilhadas podem fortalecer laços sociais e gerar bem-estar.

Contudo, o sistema háptico é muitas vezes explorado de forma inconsciente no projeto arquitetônico, por está intrinsecamente ligado à experiência do corpo no espaço, não há como dissociá-lo do indivíduo que o habita. Contudo, a percepção tátil pode ser estimulada por materiais que comunicam sensações mesmo sem o toque direto, através de vivências anteriores somos capazes de reconhecer, por exemplo, a diferença na condução térmica entre o metal e a madeira, mesmo que muitas vezes nem precisamos tocá-los para perceber essa distinção. De acordo com Lima (2014), o corpo funciona como uma ponte entre a gente e o mundo ao nosso redor, é por meio dele que percebemos e sentimos as coisas, desde o primeiro contato.

Portanto, quando falamos em conforto térmico, estamos tratando de um fator sensorial diretamente ligado ao bem-estar e à qualidade da convivência nos espaços: Iluminação, ventilação, materiais e proporções espaciais influenciam profundamente na maneira como percebemos o ambiente. Segundo Heschong (1979 apud Marques, 2011, p. 45), “se nos sentimos bem junto a uma pessoa, o laço social é ainda mais reforçado quando desfrutamos de conforto térmico.” Logo, ao projetar espaços que acolhem o corpo e regulam suas sensações térmicas de forma eficiente, o arquiteto contribui não apenas para o conforto individual, mas para o fortalecimento de vínculos em escala coletiva, um espaço bem projetado é, portanto, um agente silencioso que favorece encontros, aproximações e a construção de relações mais humanas.

Convém lembrar que, a visão apesar de historicamente privilegiada na arquitetura, deve ser ressignificada dentro de uma proposta multissensorial, esse sentido é essencial para a orientação espacial, leitura de formas e percepção de proporções. No entanto, como reforça Gibson (1966), somos organismos que vivenciam o ambiente de forma ativa, por meio de uma rede sensorial ampla, e não simples receptores passivos. Sendo assim, o uso de luz natural, sombras, contrastes e elementos simbólicos pode realçar o papel da visão, tornando-a não apenas um instrumento de leitura, mas também um canal de conexão emocional e narrativa com o lugar.

Para a aplicabilidade no projeto arquitetônico, é fundamental compreender que apenas ver não é experienciar.

> As sombras profundas e a escuridão são essenciais, pois elas reduzem a precisão da visão, tornam a profundidade e a distância ambíguas e convidam a visão periférica inconsciente e a fantasia tátil. Pallasmaa (2011, p.44)

Desse modo, torna-se essencial reconhecer que a visão também precisa ser trabalhada de forma sensível, para que o observador não se afaste emocionalmente do espaço.

Como resultado, compreender a distinção entre visão focal e periférica nos leva a pensar em ambientes que também acolham o olhar, espaços que permitam pausas visuais e que não exigem constante atenção dirigida. Conforme Pallasmaa (2011, p.13) “A visão periférica nos integra com o espaço, enquanto a visão focada nos arranca para fora dele, nos tornando meros espectadores”. Ou seja, nem todo ponto de um projeto deve ser tratado como foco visual. Criar paisagens internas, emoldurar vistas, e permitir respiros ao olhar faz com que o usuário descanse a vista e, sobretudo, se aproxime do lugar de forma mais sensível e afetiva.

O sistema auditivo desempenha dupla função: percepção sonora e equilíbrio corporal (por meio do aparelho vestibular). De acordo com Ackerman (1991 apud Marques, 2011, p. 62) “sons engrossam o caldo sensorial de nossas vidas, e nós dependemos deles para nos ajudar a interpretar, comunicar e expressar o mundo que nos rodeia”. Dessa forma, desde o ventre materno, o ser humano é sensível aos sons do ambiente, o que revela a importância da paisagem sonora na construção de uma experiência sensorial no espaço.
Historicamente, a audição foi um dos sentidos mais primitivos e essenciais para a sobrevivência humana, e até hoje ela continua sendo um sensor invisível que influencia profundamente nossa percepção do espaço. Como afirma Pallasmaa:

> O senso da visão implica exterioridade, mas a audição cria uma experiência de interioridade. Eu observo um objeto, mas o som me aborda; o olho alcança, mas o ouvido recebe. As edificações não reagem ao nosso olhar, mas efetivamente retornam os sons de volta aos nossos ouvidos. (Pallasmaa, 2011, p.46,47)

Ou seja, mesmo quando não é intencionalmente considerado no processo projetual, o som interage com o espaço construído e retorna ao corpo como experiência, o eco, o abafamento, os ruídos externos ou o silêncio dizem algo sobre o ambiente, por isso, projetar pensando na acústica é projetar para o acolhimento, para a permanência e para o conforto sensorial.

Por fim, o sistema básico de orientação está relacionado à postura corporal, equilíbrio, escala e percepção espacial. De acordo com Neves (2017) É a partir da relação entre o nosso corpo e os planos do espaço que conseguimos perceber de forma imediata o ambiente ao nosso redor, avaliar sua dimensão e traçar o caminho que iremos seguir. Nesse contexto, esse sistema é especialmente relevante em projetos voltados à acessibilidade, pois garante que pessoas com deficiência visual ou mobilidade reduzida possam interagir com o espaço com autonomia.

Esse sistema, especialmente quando pensado para um público de pessoas idosas, assume um papel ainda mais crucial. Segundo Gonçalves (2020), estabelecer eixos de circulação claros e sinalizar os departamentos ou setores com precisão pode facilitar a compreensão do espaço e transmitir uma sensação de segurança e calma ao explorar os caminhos. Desse modo, a clareza espacial, ou seja, a facilidade de compreensão da organização do ambiente e dos caminhos de circulação, influencia diretamente a segurança, a autonomia e a vontade de se movimentar pelo espaço.

Diante disso, projetar com base nesses sistemas perceptivos é uma maneira de ampliar a presença do corpo no espaço, respeitar as diversas formas de percepção e criar experiências mais ricas, acessíveis e emocionalmente significativas. De acordo com Pallasmaa (2011, p.39), “a arquitetura reforça a experiência existencial , nossa sensação de pertencer ao mundo , e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal”. Ou seja, ao transcender a centralidade da visão, o design multissensorial se revela como um poderoso aliado para a construção de ambientes que acolhem, comunicam e criam a sensação de pertencimento.

REFERÊNCIA PROJETUAL

Figura 06: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

Vila para Pessoas com Alzheimer
NORD Architects

Centro Geriátrico, Dax, França
Equipe: Champagnat & Gregorie Architects, NORD Architects
Área: 10700 m² - Ano: 2020

O Centro Geriátrico de Dax, na França, serve como uma importante referência projetual, pois além da sua tipologia, o projeto conta com uma sensibilidade admirável diante o público alvo, trazendo uma série de soluções que servem para a elaboração do projeto do clube para pessoas idosas. Nesse caso, além do público alvo ter a faixa etária similar, o que proporciona um programa interessante a ser analisado, a própria equipe de projeto aborda como diretriz a qualidade de vida e sensação de pertencimento no local.

> O reconhecimento confere continuidade e sentimento de pertencimento. Essa vila foi projetada para criar um ambiente seguro, no qual residentes, parentes e profissionais de saúde tenham uma sensação de bem-estar, que também é um pré-requisito importante para a prestação de cuidados qualificados. (Nord, 2021)

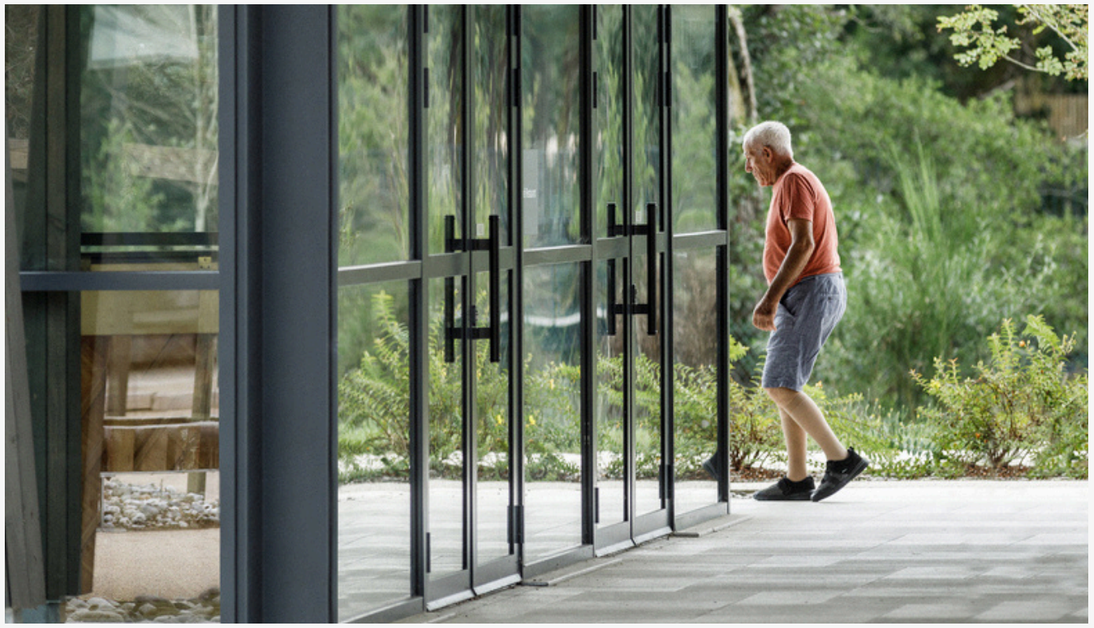


Figura 07: Conexão do espaço interno e externo

Fonte: 11h45. Via Archdaily (2020)

Figura 08: Área de circulação

Fonte: 11h45. Via Archdaily (2020)

O projeto desenvolvido para o centro geriátrico fundamenta-se em referências arquitetônicas e conceituais que buscam responder, de forma sensível e integrada, às necessidades do público-alvo, pessoas idosas, em especial aquelas diagnosticadas com Alzheimer. Entre os aspectos mais relevantes, destaca-se a permeabilidade visual entre os ambientes internos e externos, possibilitada por grandes esquadrias piso-teto. Essa solução arquitetônica promove não apenas a ampliação da iluminação natural e da ventilação cruzada, mas também favorece o contato visual constante entre usuários, equipe técnica e familiares, além de proporcionar uma relação direta com a natureza circundante, elemento essencial para o bem-estar físico e emocional.

Com o intuito de garantir conforto ambiental sem comprometer a transparência espacial, foram incorporados elementos de filtragem, como os brises verticais dispostos no pavimento superior de determinados blocos. Esses dispositivos permitem o controle da incidência solar, reduzem o ganho térmico excessivo e preservam a qualidade da iluminação natural, assegurando equilíbrio entre proteção e abertura, sempre respeitando as condições climáticas locais.

Outro princípio central adotado pelo projeto refere-se à organização dos percursos e à segurança dos deslocamentos. Considerando a vulnerabilidade cognitiva do público atendido, buscou-se criar caminhos claros, legíveis e seguros, que favoreçam a autonomia dos usuários sem impor confinamentos. A implantação privilegia a circulação ao ar livre, onde a exposição ao sol e a proximidade com áreas ajardinadas contribuem para a manutenção de ritmos biológicos e para a sensação de liberdade, diminuindo o risco de desorientação e promovendo bem-estar psicológico.

Fonte: NORD ARCHITECTS. Via Archdaily (2020)
Figura 09: Diagrama de implantação

Fonte: 11h45. Via Archdaily (2020)
Figura 10: Materialidade e ritmo vertical

A conexão com o meio natural extrapola a presença de vegetação, incorporando outros elementos sensoriais, como a água. A inserção de um lago no conjunto, cuidadosamente posicionado, cria pontos de pausa e contemplação, reforçando a dimensão terapêutica do espaço e diversificando as formas de interação com o ambiente. Essa estratégia amplia os estímulos sensoriais disponíveis, favorecendo momentos de tranquilidade e contemplação, aspectos especialmente relevantes para pessoas que enfrentam declínio cognitivo.

Com tais subsídios, o programa de necessidades foi desenvolvido em estreita sintonia com o conceito geral do projeto. As atividades previstas, que incluem ações cotidianas, oficinas, espaços voltados à saúde, áreas de convivência, horta comunitária e ambientes destinados à interação com animais, buscam fortalecer o senso de pertencimento e de inserção social. Essa abordagem possibilita aos usuários manter hábitos associados à sua rotina, agora em um contexto seguro, acolhedor e cuidadosamente planejado, promovendo qualidade de vida, estímulo cognitivo e vínculos afetivos com o espaço.

Fonte: 11h45. Via Archdaily (2020)
Figura 11: Caminhos ao ar livre

Fonte: 11h45. Via Archdaily (2020)
Figura 12: Espaços com área verde

Escola para Crianças Cegas e Deficientes Visuais SEAlab

Escola, Gandhinagar, Índia
Equipe: SEAlab
Área: 750 m² - Ano: 2021

O projeto da escola em Gandhinagar na Índia, assim como o clube para pessoas idosas, exige uma maior sensibilidade da equipe de projeto, nesse caso em específico o espaço é reservado para crianças cegas ou com baixa visão. “A escola foi projetada para ser navegada com a ajuda de mais de um dos cinco sentidos.” (SEAlab, 2022). Nesse contexto, o projeto trabalha a multisensorialidade como diretriz de projeto, a fim de facilitar e melhorar a experiência dos usuários no local.

Diante disso, o projeto revela uma grande sensibilidade por trás da simplicidade de sua forma e materialidade, tendo como referência a multissensorialidade, que se estabelece como um dos pilares norteadores para a elaboração do clube para pessoas idosas

Fonte: BHAGAT ODEDARA. Via Archdaily (2021)
Figura 13: Utilização da textura vertical para compreensão do espaço

Fonte: AAKASH DAVE. Via Archdaily (2021)
Figura 14: Pátio interno

O projeto SEAlab – Escola para Crianças Cegas e com Deficiência Visual apresenta soluções espaciais e sensoriais que se configuram como importantes referências para o desenvolvimento deste trabalho. Entre as estratégias adotadas, destaca-se a utilização de texturas diferenciadas, aplicadas tanto nas superfícies horizontais quanto nas verticais, como recurso para a orientação dos usuários por meio do tato. Essa abordagem permite que crianças com diferentes graus de deficiência visual reconheçam percursos, limites e pontos de interesse, favorecendo a autonomia e fortalecendo a relação corporal com o espaço.

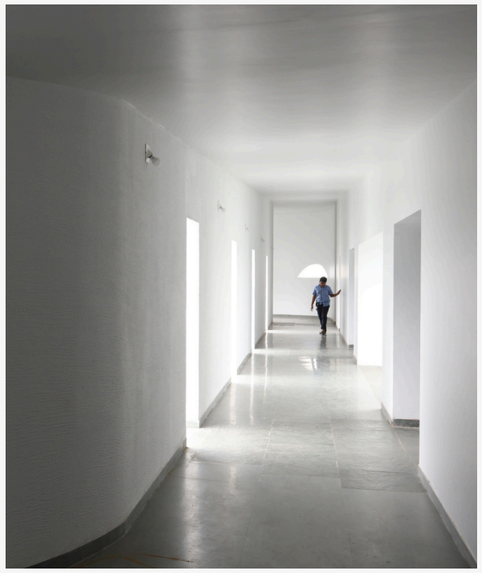
Além da orientação tátil, o projeto promove uma reflexão sobre o uso das cores, sobretudo para usuários com baixa visão. A escolha cromática foi realizada com atenção ao conforto térmico, evitando tons que pudessem aquecer demasiadamente as superfícies, o que poderia dificultar o contato tátil. Esse cuidado demonstra a possibilidade de associar funcionalidade, conforto ambiental e acessibilidade.

Outro aspecto relevante refere-se à incorporação de espécies vegetais aromáticas, que desempenham papel orientador e sensorial, auxiliando na percepção da localização dentro do conjunto. A presença de plantas com aromas específicos amplia a experiência dos usuários, enriquecendo o ambiente educativo e criando pontos de referência que dialogam com a memória olfativa.

Ainda, destaca-se o papel da luz natural como elemento de orientação para pessoas com baixa visão. No SEAlab, a entrada de luz vertical em áreas estratégicas contribui para a leitura dos espaços internos e externos, facilitando o entendimento das dimensões e promovendo continuidade entre os ambientes.

A análise dessas soluções evidencia a relevância de estratégias multissensoriais na concepção de espaços inclusivos. As referências extraídas do SEAlab contribuem diretamente para a elaboração do projeto do clube, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de ambientes que promovam acessibilidade, autonomia e bem-estar, sem abrir mão de uma arquitetura sensível e coerente com as necessidades do público atendido.

Figura 15: Corredor com iluminação vertical



Fonte: DHRUPAD SHUKLA.
Via Archdaily (2021)

Figura 16: Plantas aromáticas

Fonte: ANAND SONECHA.
Via Archdaily (2021)

Figura 17: Pátio interno

Fonte: DHRUPAD SHUKLA.
Via Archdaily (2021)

Figura 18: Texturas verticais

Fonte: BHAGAT ODEDARA.
Via Archdaily (2021)

Fitness Center
Capote Marcondes Longo Arquitetura e Urbanismo

Academia de ginástica, Goiânia, Brasil
Equipe: Capote Marcondes Longo Arquitetura e Urbanismo Área: 10600 m² - Ano: 2023

O projeto da academia de ginástica, localizado em Goiânia é uma referência de projeto voltada para a qualidade dos ambientes nos quesitos de programa de necessidades, layout e setorização. Nesse sentido, o projeto que conta com uma área de mais de dez mil metros quadrados oferece atividades de alto, médio e baixo impacto.

Nesse caso, o projeto que conta com atividades como pilates, musculação, pista de caminhada, piscina e reabilitação e consegue servir de acervo para a elaboração de um programa que abrace pessoas idosas em diferentes níveis de autonomia.

Figura 19: Jardim interno *Fonte: LEONARDO FINOTTI. Via Archdaily (2023)*

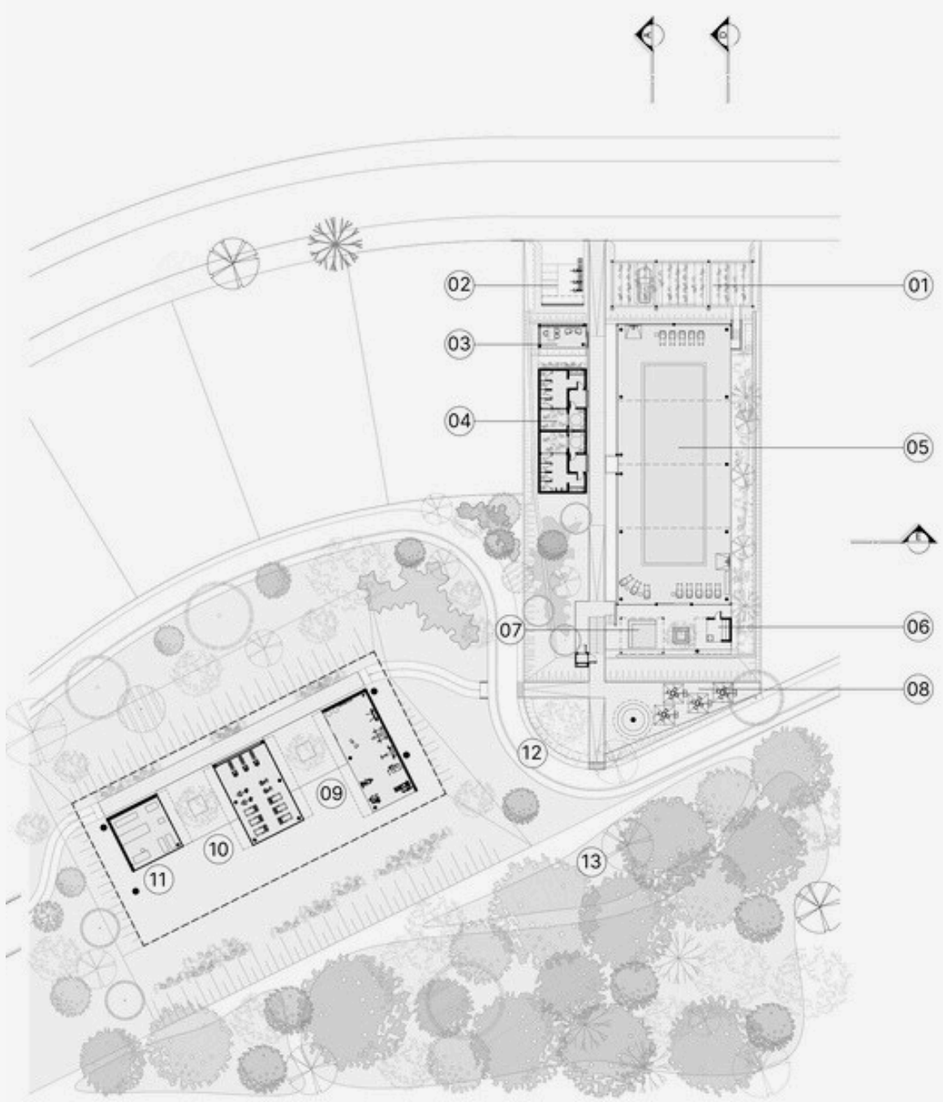
Figura 20: Blocos de atividade física *Fonte: LEONARDO FINOTTI. Via Archdaily (2023)*

O Fitness Center, localizado em Goiânia, apresenta soluções espaciais que dialogam diretamente com as premissas adotadas neste trabalho, oferecendo referências significativas para a concepção do projeto. Um dos aspectos mais relevantes é a integração da natureza ao ambiente construído. O conjunto tem uma parte formada por três blocos independentes, entre os quais se estabelecem áreas cobertas que acolhem jardins internos, destacando-se a presença de uma árvore central. Essa estratégia evidencia a intenção de permitir que a natureza adentre o espaço edificado, criando ambientes mais agradáveis, promovendo o conforto ambiental e contribuindo para a qualidade de vida dos usuários.

Outro ponto fundamental refere-se ao programa de necessidades, que, mesmo concebido para um centro de práticas esportivas, revela diretrizes aplicáveis ao desenvolvimento de um clube voltado a pessoas idosas. A análise desse projeto demonstrou a importância de contemplar atividades de diferentes níveis de intensidade física, alto, médio e baixo impacto, respeitando as distintas condições de autonomia entre os usuários. A partir dessa referência, foi possível estruturar um programa diversificado para o presente trabalho, incluindo espaços como piscina com raia, área para yoga, piscina destinada à reabilitação e academia, promovendo oportunidades para a prática de exercícios compatíveis com as demandas de cada indivíduo.

Por último, destaca-se a forte presença da permeabilidade visual, elemento que reforça a comunicação entre os ambientes internos e externos, permitindo que a paisagem natural se torne parte integrante da experiência espacial. Essa característica contribui para a criação de espaços mais abertos, iluminados e conectados com o entorno, potencializando o bem-estar e a sensação de amplitude.

A análise do Fitness Center evidencia a relevância de integrar vegetação, diversidade programática e transparência espacial como diretrizes para a qualificação dos ambientes. As soluções observadas neste projeto oferecem suporte às decisões tomadas para o desenvolvimento deste trabalho, orientando a construção de um espaço que alie funcionalidade, conforto e relação harmoniosa com a natureza.



Fonte: CAPOTE MARCONDES LONGO A&U. Via Archdaily (2023)
Figura 21: Planta baixa do Fitness Center

CONTRIBUIÇÕES
QUADRO SÍNTESE

Centro Geriátrico de Dax – França

Referência pela criação de um ambiente seguro e acolhedor, que valoriza o bem-estar da pessoa idosa. Destacam-se a permeabilidade visual, o uso de elementos naturais (como lago e vegetação), caminhos ao ar livre que estimulam autonomia, além de elementos de filtragem e de um programa de necessidades consistente.

Permeabilidade Visual
Elementos de Filtragem
Caminhos ao ar livre
Elementos Naturais
Programa de necessidades

Escola para Crianças Cegas e Deficientes Visuais – SEAlab, Índia

Projeto que adota uma abordagem multissensorial, explorando estratégias como diferenciação de texturas para orientação tátil, plantas aromáticas para localização e luz natural como guia para pessoas com baixa visão, ampliando a acessibilidade e o vínculo com o espaço.

Diferenciação de texturas
Plantas aromáticas
Iluminação Natural e acessos

Fitness Center – Goiânia, Brasil

Contribui para a definição de um programa de necessidades adaptado a diferentes níveis de autonomia, inspirando atividades de alto, médio e baixo impacto. Destacam-se também os jardins internos, que integram a natureza ao edifício, e a permeabilidade visual, que melhora o conforto e incentiva o convívio.

Jardins internos
Programa de necessidades
Permeabilidade Visual

ANÁLISE DO ENTORNO

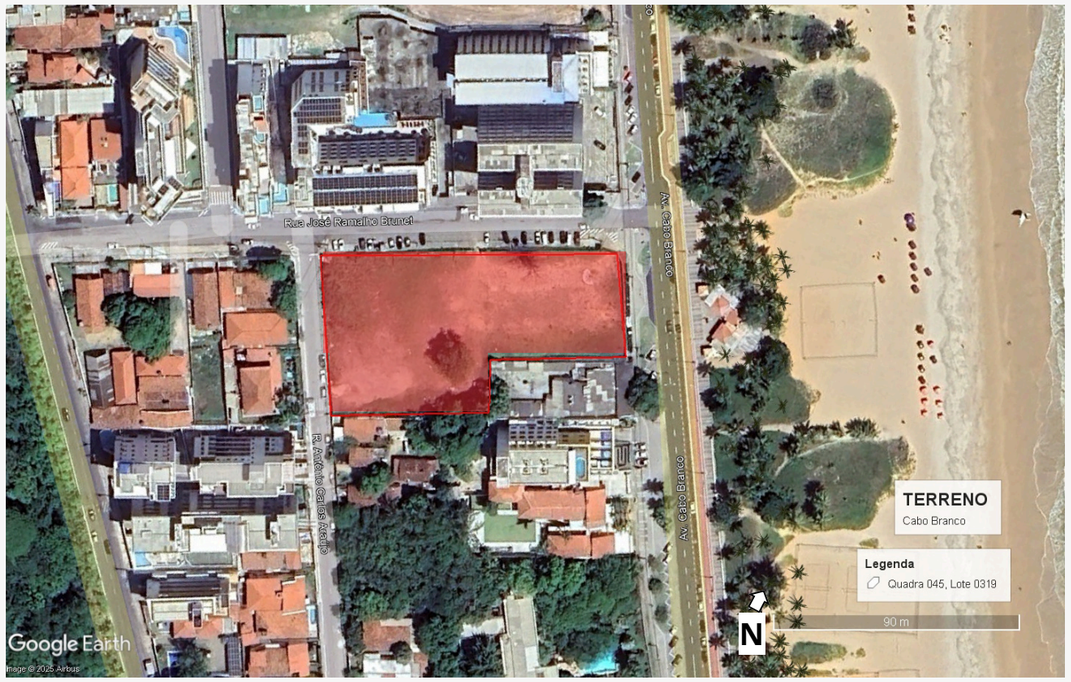
Figura 22: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

LOCALIZAÇÃO

O terreno selecionado para o desenvolvimento do anteprojeto do clube para pessoas idosas está localizado no bairro de Cabo Branco, em João Pessoa. Inserido na quadra 045, lote 0319, possui uma área total de 5.420m² e conta com três frentes, sendo elas para a Avenida Cabo Branco, a principal via do bairro, e para as ruas José Ramalho Brunet e Antônio Carlos Araújo.

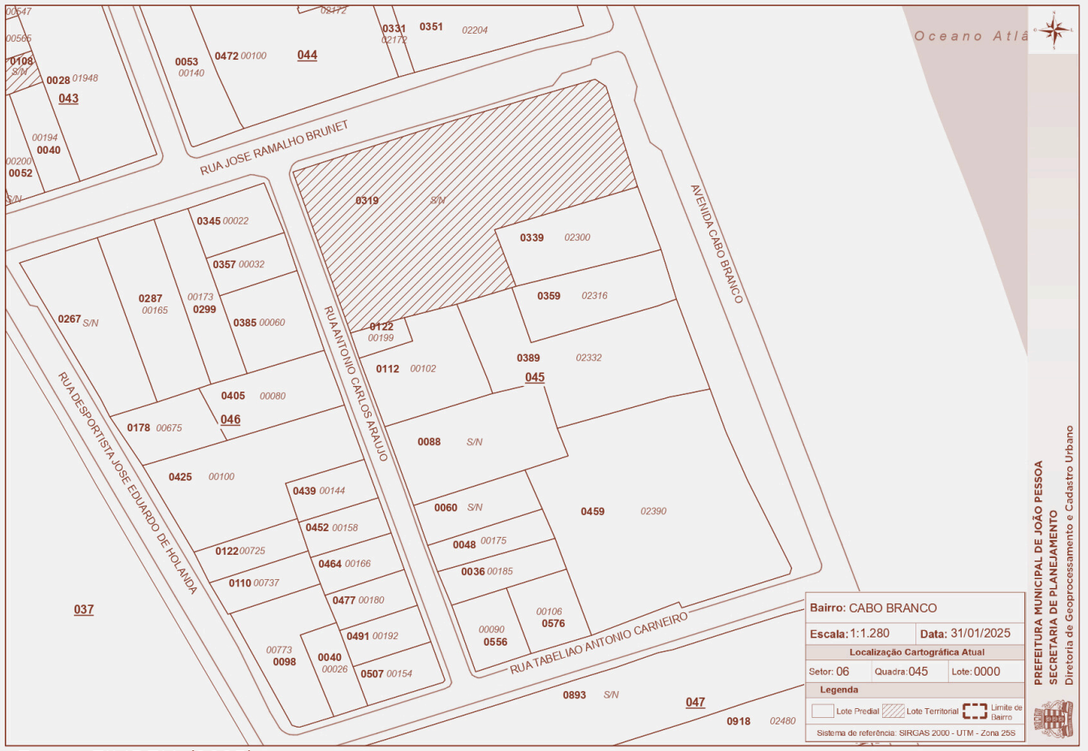
Além disso, localizado no bairro de Cabo Branco, o lote em questão ocupa uma posição estratégica para o desenvolvimento do projeto, apresentando fácil acesso a importantes vias da cidade, como a Avenida Epitácio Pessoa e a Avenida Ministro José Américo de Almeida, ambas responsáveis por conectar o centro urbano à orla. Ademais, a proximidade com o mar reforça a identidade da cidade de João Pessoa e dialoga diretamente com os princípios de promoção da qualidade de vida e do envelhecimento ativo, oferecendo aos futuros usuários alternativas de lazer que se estendem para além dos espaços propostos no próprio lote.

Figura 23: Vista de satélite do terreno



Fonte: Google Earth + Autor (2025)

Figura 24: Overlay do terreno



Fonte: FILIPEIA (2025)

Figura 25: Imagem do terreno

Fonte: Google Earth + Autor (2025)

Figura 26: Imagem do terreno

Fonte: Google Earth + Autor (2025)

Figura 27: Imagem do terreno

Fonte: Google Earth + Autor (2025)

Figura 28: Imagem do terreno

Fonte: Google Earth + Autor (2025)

ESCOLHA DO TERRENO

A definição do terreno para o desenvolvimento do clube destinado às pessoas idosas em João Pessoa considerou não apenas critérios técnicos, mas também sua capacidade de atender às demandas funcionais e sociais do programa arquitetônico. O lote apresenta dimensões e configuração adequadas para abrigar o projeto, oferecendo área suficiente para a implantação dos diferentes ambientes e flexibilidade para a criação de espaços de convivência, lazer e atividades terapêuticas.

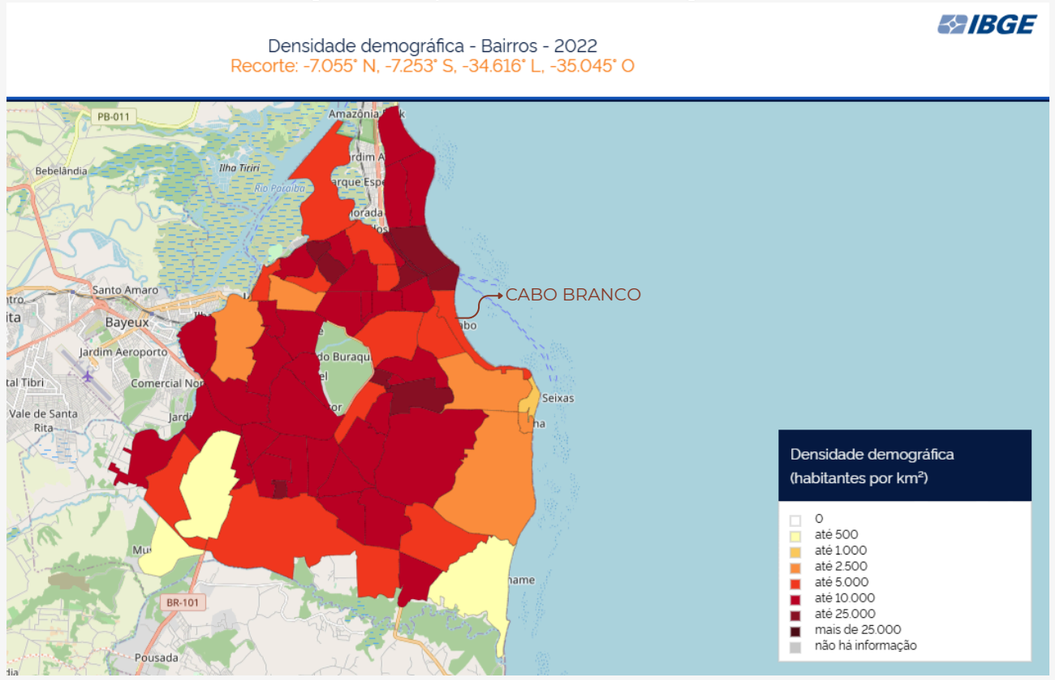
Outro fator determinante foi a qualidade do entorno. Inserido em uma região consolidada e bem servida de infraestrutura, o terreno permite que o equipamento se integre ao cotidiano urbano sem se isolar, ao mesmo tempo em que preserva uma atmosfera segura e tranquila, aspectos essenciais para as pessoas idosas.

A escolha pelo bairro de Cabo Branco fortalece ainda mais a proposta, já que o local se destaca pela associação ao bem-estar e à qualidade de vida. Entre os bairros litorâneos de João Pessoa, o Cabo Branco configura-se como um ponto de equilíbrio, reunindo características de centralidade urbana, infraestrutura consolidada e localização privilegiada.

Segundo o IBGE (2022), João Pessoa possui uma população estimada em 897.633 habitantes, sendo que cerca de 15% correspondem a pessoas idosas, o equivalente a aproximadamente 134.600 habitantes. No bairro do Cabo Branco, onde está situado o lote, residem cerca de 8.268 pessoas, com densidade de aproximadamente 4.575 hab/km². Esses dados reforçam a relevância da implantação do clube neste contexto, considerando a demanda crescente por espaços destinados ao envelhecimento ativo e à integração social.

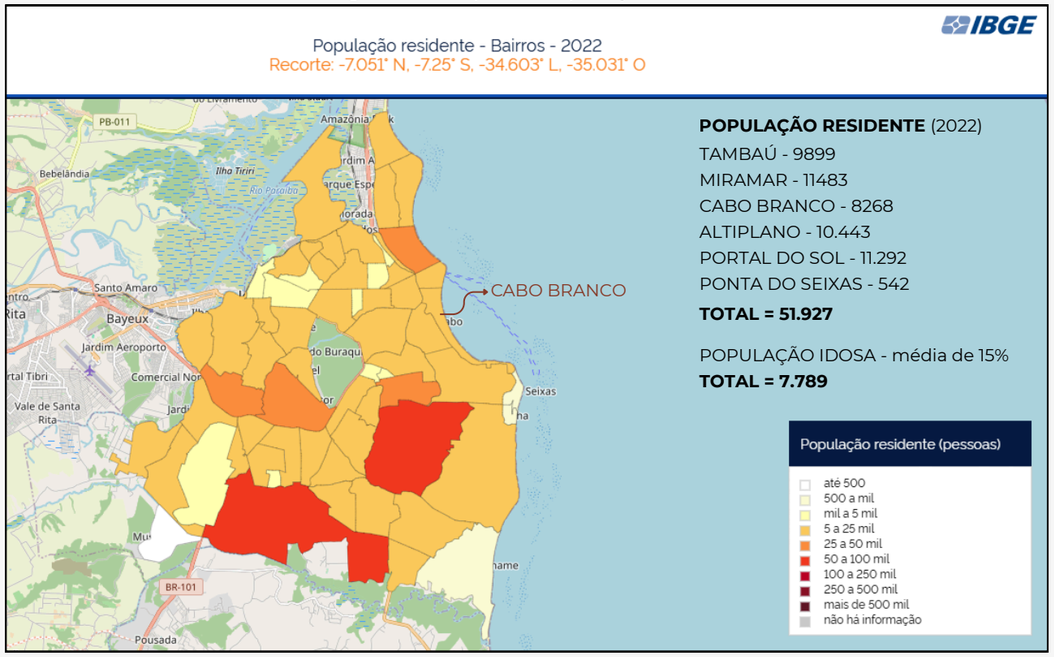
Além de atender especificamente à população do bairro do Cabo Branco, o dimensionamento do público-alvo do clube também considerou os bairros vizinhos como Tambaú, Miramar, Altiplano, Portal do Sol e Ponta do Seixas. Essa estratégia amplia a área de abrangência do equipamento, garantindo que ele funcione como um polo de referência local, capaz de atrair e beneficiar um conjunto maior de moradores que compartilham características urbanas semelhantes e proximidade territorial.

Figura 29: Mapa de densidade demográfica na cidade de João Pessoa.



Fonte: IBGE (Censo 2022)

Figura 30: Mapa de População residente na cidade de João Pessoa.



Fonte: IBGE (Censo 2022)

LEGISLAÇÃO

De acordo com o Novo Plano Diretor de João Pessoa (2024), o lote selecionado para o desenvolvimento do projeto está inserido na Zona Habitacional 3 (ZH3) e se encontra dentro da Área de Influência das Praias, que abrange um raio de 500 metros da orla. Essa classificação impõe restrições quanto à altura máxima das edificações, com o objetivo de preservar a paisagem urbana e garantir a proteção visual da cidade.

Nesse sentido, o Plano Diretor sinaliza algumas normas próprias para a ZH3 referentes ao uso e ocupação do solo, sendo elas: Taxa de Ocupação (TO) máxima de 50% e Taxa de Área Permeável (TAP) de 5%. Além disso, o recuo frontal deve ser no mínimo de 5 metros, lateral até três pavimentos 1,5 metros e quatro pavimentos 3 metros, e o recuo dos fundos até três pavimentos 3 metros.

Essas determinações legais orientam de forma decisiva a implantação do projeto, uma vez que estabelecem limites claros para a ocupação do lote e influenciam diretamente na organização espacial, no aproveitamento das áreas livres e na definição volumétrica da edificação. Assim, a legislação urbana não apenas direciona as escolhas arquitetônicas, mas também reforça a importância de um planejamento que respeite as diretrizes ambientais e urbanísticas da cidade.

ESTUDO DE VIABILIDADE

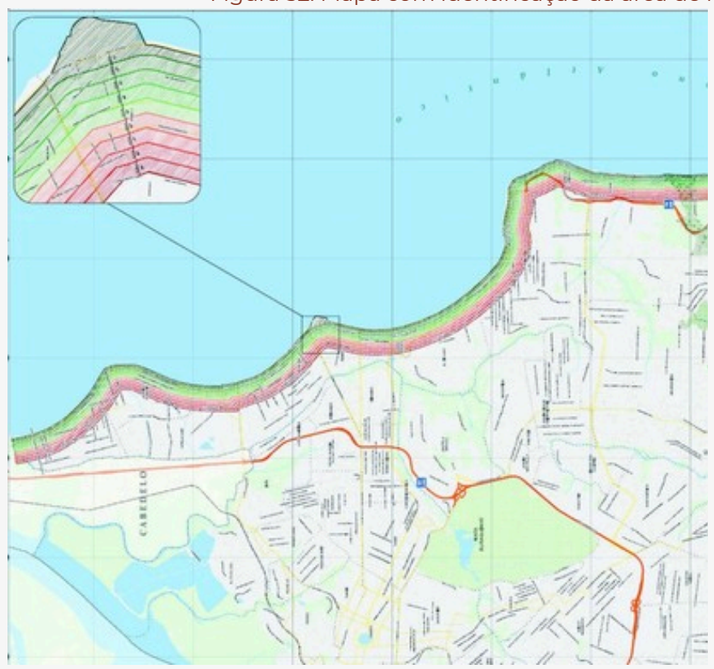
ZONA URBANA	ZH3
ÁREA TOTAL	5.420 m²
TAXA DE OCUPAÇÃO	50%
ALTURA MÁXIMA	12,90m
ÁREA PERMEÁVEL	5%

Figura 31: Tabela com quadro de parâmetros de ocupação do solo.

QUADRO DE PARÂMETROS DE OCUPAÇÃO DO SOLO (A) (B)						
ZONA	AM	TO MÁXIMA (%)	TAP MÍNIMA (%)	RECUOS MÍNIMOS (m)		
				FRONTAL (RFT) (C)	LATERAL (RL) (D)	FUNDO (RFD) (E)
ZH-1	(F)	50	10	5,00	Até 3º PV = 1,50 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]	até 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]
ZH-2 (G)	(H)	55	5	5,00	até 3º PV = 1,50 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]	até 2º PV = 2,00 3º e 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]
ZH-3	(F)	50	5	5,00	até 3º PV = 1,50 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]	até 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]
ZH-4	(F) (H)	50	15	5,00	até 3º PV = 2,00 4º PV = 4,00 DE = 4,00+[(N-4)x0,30]	até 4º PV = 3,00 DE = 4,00+[(N-4)x0,30]
ZH-5	(F) (H)	50	15	5,00	até 2º PV = 1,50 3º e 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]	até 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]
ZCS-1	(H)	80	5	0,00	0,00	2,00
ZCS-2	(H)	70	5	5,00	até 2º PV = 0,00 3º e 4º PV = 2,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]	até 4º PV = 3,00 DE = 3,00+[(N-4)x0,30]

Fonte: Lei complementar nº 166, de 29 de Abril de 2024. p. 16

Figura 32: Mapa com identificação da área de influência das praias em João Pessoa.



Faixa	Altura máxima
Primeira faixa	12,90 metros
Segunda faixa	16,50 metros
Terceira faixa	19,50 metros
Quarta faixa	22,50 metros
Quinta faixa	25,50 metros
Sexta faixa	28,50 metros
Sétima faixa	31,50 metros
Oitava faixa	34 metros
Nona faixa	35 metros

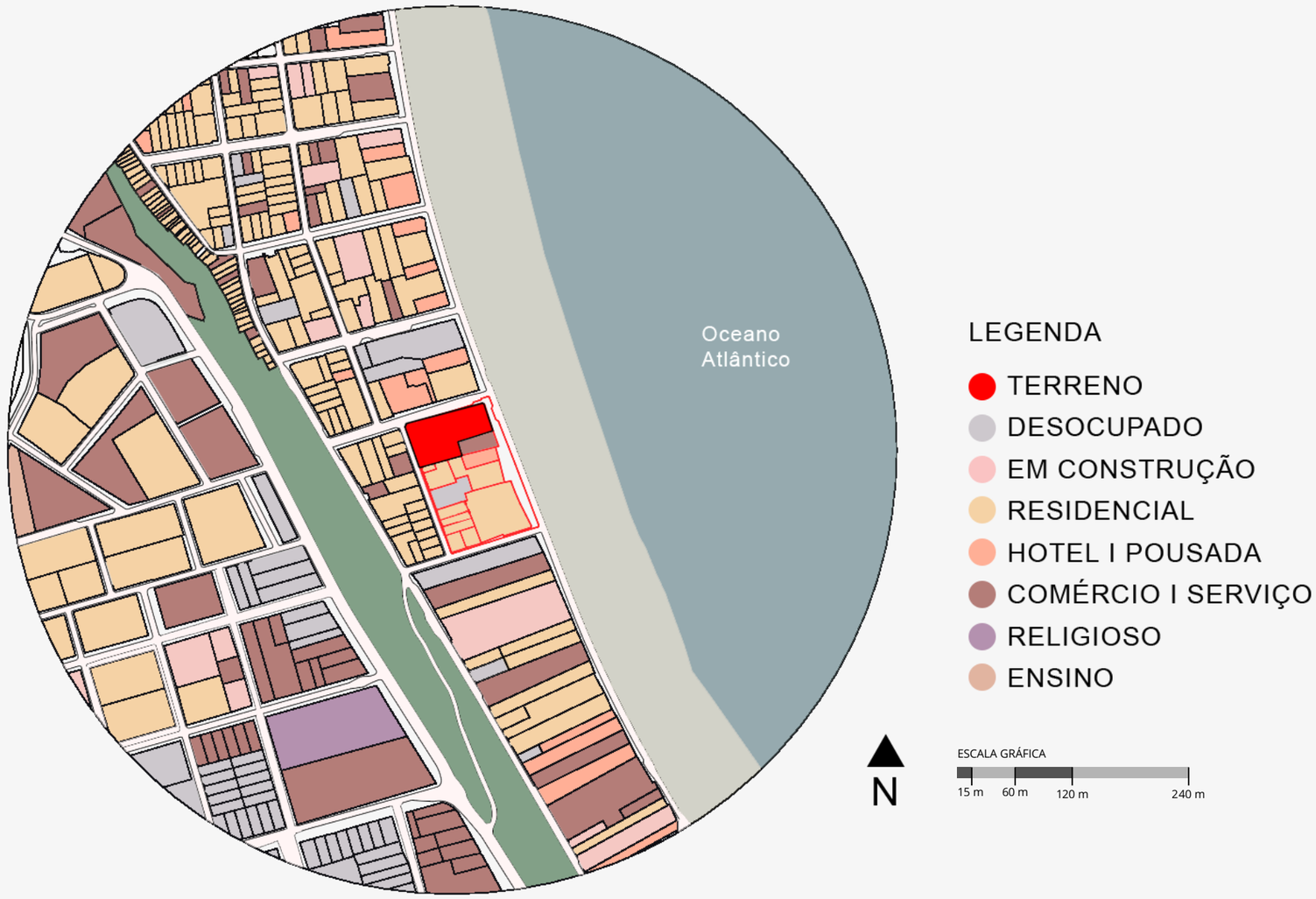
Fonte: Lei complementar nº 166, de 29 de Abril de 2024. p. 14

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

O bairro do Cabo Branco tem como sua principal característica a predominância do uso residencial. Grande parte dos lotes, em um raio de 600 metros da área de estudo, é destinada a esse uso. Porém, devido à sua localização privilegiada, o bairro também conta com equipamentos voltados ao turismo, como hotéis, bares, restaurantes, entre outros serviços. Logo, por estar situado dentro da faixa de 500 metros da orla, os edifícios multifamiliares seguem um gabarito de altura que aumenta gradativamente à medida que se afastam da beira-mar.

Nesse caso, a predominância residencial do bairro favorece a implantação do clube, pois indica demanda potencial que se beneficiará diretamente do espaço. Soma-se a isso a localização privilegiada, com infraestrutura adequada e acesso à orla, que conta com ciclovia ao longo de toda a praia, incentivando práticas saudáveis. Ademais, no quarteirão ao lado do lote escolhido, está localizado o Parque Cabo Branco, que abriga uma variedade gastronômica e amplia as opções de lazer e convívio na região, reforçando a viabilidade do clube como espaço de promoção do bem-estar físico e mental das pessoas idosas.

Figura 33: Diagrama de Uso e Ocupação do Solo



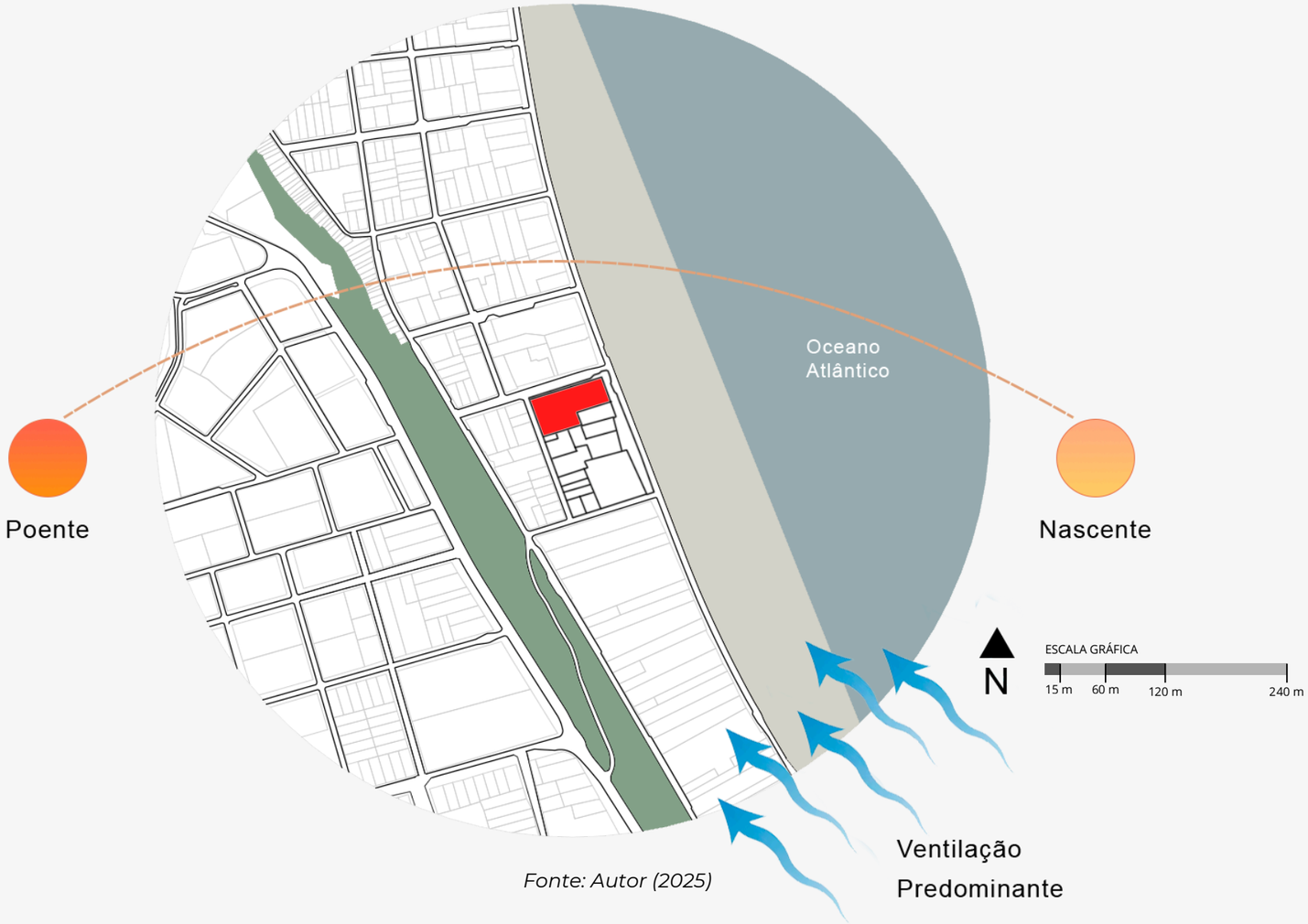
Fonte: Autor (2025)

CONDICIONANTES CLIMÁTICAS

João Pessoa é uma cidade com clima tropical úmido, ou seja, temperatura elevada e alta umidade relativa do ar durante todo o ano, além de ter pouca variação térmica. Ademais, a cidade possui uma ventilação predominante no sudeste d leste na maior parte do ano. Sabendo disso, a localização do lote no bairro é particularmente privilegiada em relação às condicionantes climáticas. O terreno, situado à beira-mar, conta com uma de suas frentes voltada para o leste, direção predominante dos ventos e também de onde nasce o sol. Essa orientação favorece tanto a ventilação cruzada quanto o aproveitamento da vista para o mar, qualificando o desempenho ambiental e a experiência sensorial do clube para pessoas idosas.

Nesse contexto, a boa ventilação natural, proporcionada pela orientação do terreno e pela ausência de obstruções significativas ao redor, torna-se uma aliada essencial no enfrentamento do clima quente e úmido da cidade. Contudo, a alta incidência solar exige cuidados no controle térmico, especialmente em fachadas mais expostas. Logo, como o terreno possui frentes voltadas para leste, oeste e norte, será necessário um controle das aberturas e proteções solares, principalmente nas fachadas oeste e norte, que vão receber maior incidência solar. Além disso, a proximidade com a orla marítima faz com que as chuvas sejam mais frequentes na região, reforçando a necessidade de soluções projetuais voltadas à captação e reaproveitamento da água pluvial, bem como um sistema de escoamento eficiente, aspectos fundamentais para a concepção do clube.

Figura 34: Diagrama de Condicionantes climáticas



Fonte: Autor (2025)

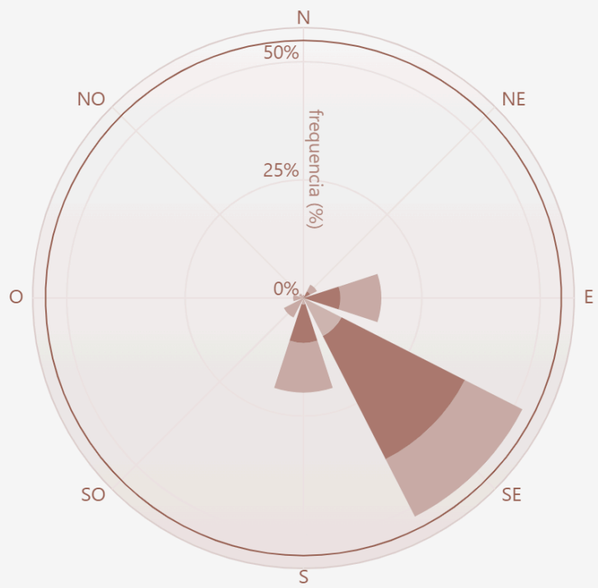


Gráfico Rosa dos Ventos

- 2-4 m/s
- 0-2 m/s

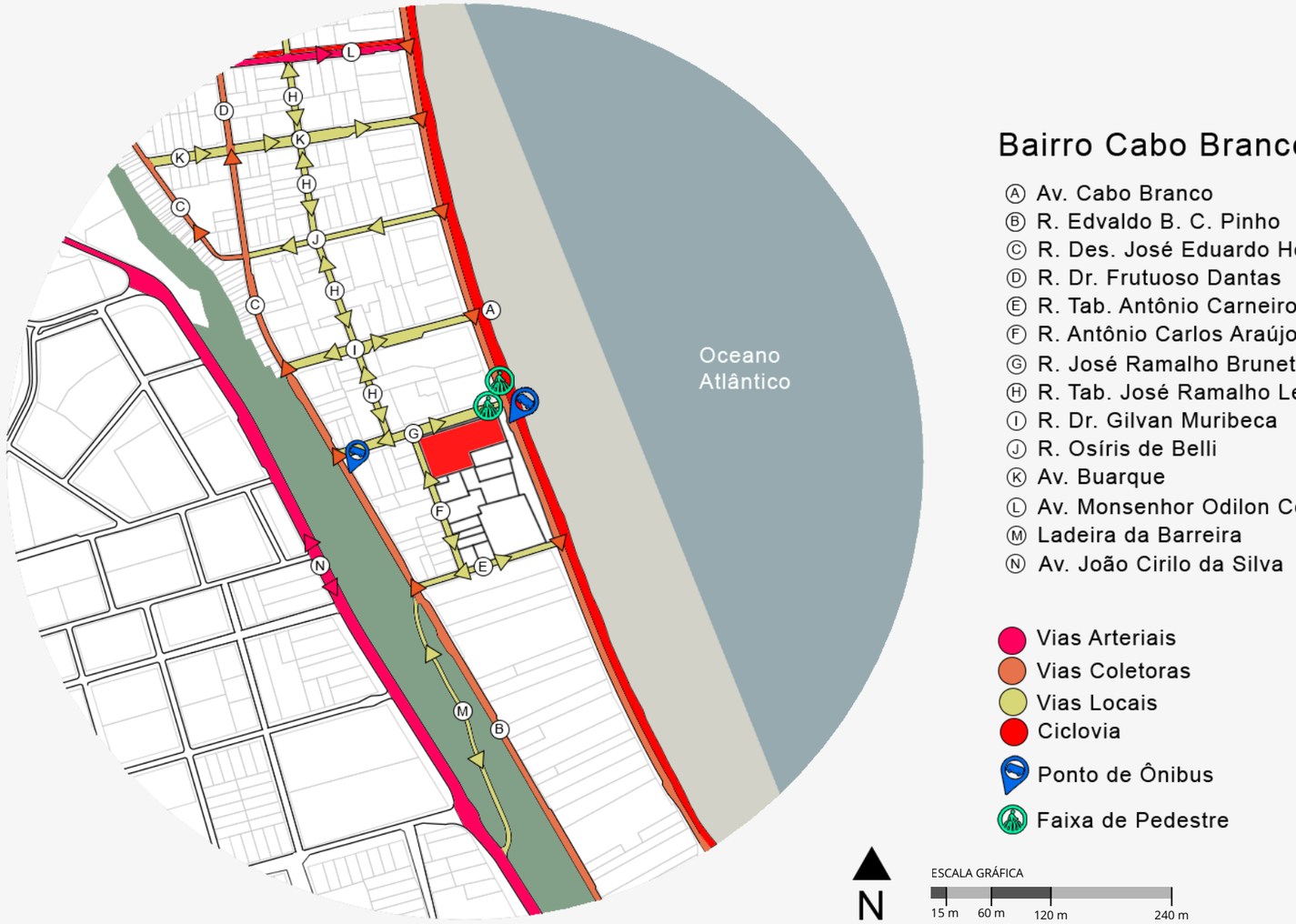
Fonte: INMET, 2016.
Via projeteee.mme.gov.br/dados-climaticos/ (2025)

SISTEMA VIÁRIO

O sistema viário do bairro de Cabo Branco favorece diretamente o terreno escolhido para a implantação do clube, devido à sua localização estratégica. A Avenida Monsenhor Odilon Coutinho, classificada como via arterial, conecta a orla ao centro e a outros bairros, além de contar com ciclovia em toda sua extensão, o que amplia as opções de mobilidade e facilita o acesso de moradores tanto da orla quanto de outras regiões.

As vias coletoras, como a Avenida Cabo Branco e a Rua Edvaldo Bezerra Cavalcante Pinho, também desempenham papel fundamental na acessibilidade do projeto. Ambas apresentam fluxo moderado, sendo que a Avenida Cabo Branco possui fiscalização eletrônica que contribui para a redução da velocidade, melhora o conforto acústico e garante maior segurança viária. Na Rua Edvaldo Bezerra Cavalcante Pinho, esse controle ocorre por meio de lombadas, garantindo um tráfego mais seguro e adequado ao perfil dos usuários. Inclusive, há uma parada de ônibus em frente ao lote, na Avenida Cabo Branco, o que reforça a acessibilidade do transporte público.

Figura 35: Diagrama de Sistema viário



Fonte: Autor (2025)

PROJETO

Figura 36: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

CONCEITOS E DIRETRIZES

VÍNCULO

Promover laços afetivos entre usuário e o espaço

- Projetar ambientes multissensoriais que estimulem habilidades motoras e cognitivas, com mobiliário interativo e elementos táteis, sonoros e olfativos.
- Integrar espaços que remetam ao cotidiano, como biblioteca, salas de aula e café, para resgatar memórias afetivas e fortalecer a identidade com o lugar.
- Incluir zonas de refúgio acolhedoras, com iluminação suave e materiais confortáveis, que promovam descanso e bem-estar físico e emocional.

RITMO

Respeitar a autonomia e gerar movimento

- Setorizar os ambientes conforme os níveis de autonomia dos usuários (baixa, média e alta), organizando o layout para facilitar deslocamentos seguros e independentes.
- Utilizar ritmos estruturais e proteções solares (brises, pergolados, treliças) para modular luz e temperatura, criando ambiências que guiem o tempo e o uso dos espaços.
- Projetar transições graduais entre áreas sociais e de introspecção, com variações de iluminação, textura e mobiliário, garantindo fluidez e conforto perceptivo.

COMUNIDADE

Estimular a convivência e comunicação

- Desenvolver ambientes para atividades em grupo, com disposição de mobiliário que incentive o contato visual, a escuta e a troca de experiências.
- Criar espaços híbridos de permanência, entre circulação e ambientes, que favoreçam encontros informais e estimulem a apropriação do espaço fora das programações fixas.
- Garantir conforto e acessibilidade nos espaços ao ar livre, com coberturas, vegetação e pavimentações adequadas ao público-alvo, incentivando o convívio prolongado.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Figura 37: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades foi organizado em sete setores, que, além de facilitarem a setorização do projeto, agrupam ambientes com funções complementares e lógicas de uso semelhantes. O programa como um todo foi pensado para acolher as pessoas idosas com diferentes graus de autonomia, oferecendo desde atividades de baixo impacto físico, como oficinas manuais e biblioteca, até atividades de maior exigência motora, como natação e academia. Também foram contempladas práticas que estimulam tanto o corpo quanto a mente, unindo exercícios cognitivos e motores em uma proposta que valoriza o bem-estar em sua totalidade.

Além disso, a definição do programa levou em consideração o público potencial da região, tomando como base a média de pessoas idosas residentes no bairro do Cabo Branco e nos bairros vizinhos, Tambaú, Miramar, Altiplano, Portal do Sol e Ponta do Seixas, que totaliza aproximadamente 7.789 adultos com 60 anos ou mais. Esse dado foi essencial para dimensionar a proposta, de modo que a capacidade do clube esteja alinhada às demandas reais da população local, garantindo uma oferta de atividades compatível com a comunidade a que se destina.

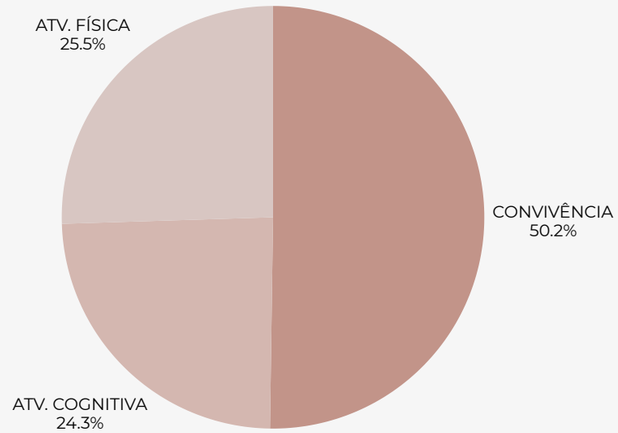
A presença de atividades coletivas no programa tem papel central no desenvolvimento de uma comunidade ativa, incentivando a pessoa idosa a se sentir à vontade para estar no local, construir relações e, a partir disso, participar com mais engajamento das rotinas e espaços do clube. Essa estrutura está diretamente relacionada aos conceitos fundamentais do projeto, especialmente comunidade e vínculo, este último entendido como a conexão afetiva tanto com o espaço físico quanto com o grupo que ali se forma. Além de promover a convivência, o clube também oferece suporte à saúde e bem-estar, por meio de ambientes voltados a tratamento, permanência e acolhimento diário.

Vale ressaltar que o programa foi elaborado para um clube de uso diurno, funcionando nos turnos da manhã e da tarde, sem a proposta de abrigar as pessoas idosas durante a noite. Essa definição norteia a dinâmica das atividades e a configuração dos espaços, priorizando a permanência temporária com conforto, estímulo e autonomia.

DIVISÃO DE ÁREAS

O gráfico apresenta a distribuição percentual da área destinada aos diferentes usos no projeto: atividades físicas, atividades cognitivas e espaços voltados à sociabilização. Os ambientes de convivência e socialização também contribuem para o desenvolvimento cognitivo, pois estimulam a troca entre as pessoas e a criação de vínculos, mesmo não estando associados a uma atividade específica. Foram desconsideradas da análise as áreas de circulação, banheiros, recepção, setores administrativos e demais ambientes de apoio.

DIVISÃO DE ÁREAS
GRÁFICO



- **SETOR 01 -** Chegada e Acolhimento Familiar
- **SETOR 02** - Saúde e Cuidados
- **SETOR 03** - Alimentação e Bem-estar
- **SETOR 04** - Convívio e Estímulo Cognitivo
- **SETOR 05 -** Convívio e Estímulo Físico
- **SETOR 06** - Desenvolvimento Cognitivo (Pavimento Superior)
- **SETOR 07** - Sociabilização (Pavimento Superior)

PROGRAMA DE NECESSIDADES

01	SETOR Chegada e Acolhimento Familiar
101 m²	RECEPÇÃO 01
10 m²	COPA
3 m²	WC F. 01
3 m²	WC M. 01
7,2 m²	GUARITA
2,8 m²	WC GUARITA

01	SETOR Chegada e Acolhimento Familiar
54 m²	RECEPÇÃO 02
2,7 m²	DML 01
3,50 m²	WC F. 04
3,52 m²	WC M. 04
14,8 m²	RECEPÇÃO 03
40 + 16 vagas	ESTACIONAMENTO (interno + externo)

02	SETOR Saúde e Cuidados
9,58 m²	SALA PSICÓLOGO
11,2 m²	SALA TRIAGEM
16,6 m²	SALA FISIOTERAPIA
26,6m²	CAPELA

03	SETOR Alimentação e Bem-estar
184 m²	RESTAURANTE (salão)
127,5 m²	RESTAURANTE (varanda)
73,7 m²	COZINHA
3,33 m²	WC F. 05
3,33 m²	WC M. 05
2,6 m²	WC M. 06 (FUNC.)
2,60 m²	WC F. 06 (FUNC.)

PROGRAMA DE NECESSIDADES

04	SETOR Convívio e Estímulo Cognitivo
48,59 m²	ATELIÊ 01
47,36 m²	ATELIÊ 02
45,58 m²	BIBLIOTECA
3 m²	WC F. 02/03
3 m²	WC F. 02/03

04	SETOR Convívio e Estímulo Cognitivo
107 m²	CAFÉ
3 m²	WC F. 07/08
3 m²	WC M. 07/08
54,7 m²	YOGA

05	SETOR Convívio e Estímulo Físico
131,5 m²	QUADRA
73 m²	PISCINA
119 m²	PISCINA C/ RAIA
3,20 m²	WC F. 09
3,20 m²	WC M. 09

05	SETOR Convívio e Estímulo Físico
131,5 m²	APOIO ATIVIDADES
3,20 m²	WC F. 10
3,20 m²	WC M. 10
16,8 m²	VESTIÁRIO M.
16,8 m²	VESTIÁRIO F.
127,3 m²	ACADEMIA

PROGRAMA DE NECESSIDADES

06	SETOR Desenvolvimento Cognitivo (Pavimento Superior)
57,5 m²	SALA 01
57,5 m²	SALA 02
59,2 m²	SALA 03
132,5 m²	SALÃO
137,3 m²	HALL ELEVADOR

06	SETOR Desenvolvimento Cognitivo (Pavimento Superior)
3 m²	WC F. 10-14
3 m²	WC M. 10-14
3,2 m²	DML 02

07	SETOR Sociabilização (Pavimento Superior)
307 m²	SOLÁRIO
7,1 m²	BAR

M²	ÁREAS
2.788 m²	ÁREA CONSTRUÍDA
30%	ÁREA PERMEÁVEL
35%	TAXA DE OCUPAÇÃO
0,51	ÍNDICE DE APROVEITAMENTO

- **Incapaz:** Totalmente dependente, não realiza autocuidados.
- **Dependente:** Realiza atividades básicas com ajuda em algumas tarefas.
- **Frágil:** Executa tarefas leves e básicas, com limitações em atividades domésticas.
- **Independente**: Realiza tarefas intermediárias, mas com baixa resistência física.
- **Ativo:** Pratica atividades físicas moderadas e avançadas com autonomia.
- **Atleta:** Envolve-se em esportes de alta performance, inclusive competitivos.

ATIVIDADES *NÍVEL DE AUTONOMIA E USO DO ESPAÇO*	Fisicamente Incapaz	Fisicamente Dependente	Fisicamente Frágil	Fisicamente Independente	Fisicamente Ativos	Atleta
RECEPÇÃO		●	●	●	●	●
WC		●	●	●	●	●
TRIAGEM		●	●	●	●	●
FISIOTERAPIA		●	●	●	●	●
PSICÓLOGIA		●	●	●	●	●
YOGA			●	●	●	●
RESTAURANTE			●	●	●	●
CAFÉ			●	●	●	●
BIBLIOTECA			●	●	●	●
CAPELA			●	●	●	●
SALA DE AULA 01-03				●	●	●
SALÃO				●	●	●
ATELIÊ 01-02				●	●	●
PISCINA				●	●	●
PISCINA C/ RAIA					●	●
QUADRA					●	●
ACADEMIA					●	●
BAR/SOLÁRIO			●	●	●	●

Fonte: AUTOR (2025)

CAPACIDADE - CLUBE

A lotação máxima do clube foi definida em 400 usuários no turno da manhã e 356 no turno da tarde, totalizando 756 pessoas/dia.

Esse número considera apenas a presença nos ambientes de uso exclusivo do clube, pois o restaurante possui limite próprio de atendimento, calculado à parte: 304 refeições/dia.

Essa separação é necessária porque o restaurante opera em rodízios de refeições (com capacidade de 152 lugares por rodada), permitindo que diferentes grupos de usuários façam suas refeições sem impactar a contagem de presença no restante do clube. Assim, até 304 pessoas podem passar pelo restaurante em um dia, além dos 756 frequentadores que utilizam os demais espaços.

USO SIMULTÂNEO E A ROTATIVIDADE INTERNA

A distribuição por ambientes apresentada neste estudo representa a capacidade máxima simultânea nos espaços do clube. Isso significa que, em um horário de pico, por exemplo, às 10h da manhã, poderíamos ter 400 pessoas presentes ao mesmo tempo, ocupando os setores conforme as proporções definidas (atividades físicas, cognitivas, convívio e atendimentos).

Entretanto, ao longo do turno, ocorre uma rotatividade natural: às 11h, os mesmos usuários podem simplesmente trocar de atividade, quem estava na piscina passa para o café, quem estava no ateliê vai para a academia, e assim por diante.

Dessa forma, os números atribuídos a cada espaço não indicam pessoas novas somando-se ao total, mas sim distribuições de um mesmo grupo que se reorganiza ao longo do tempo. Essa lógica garante que o dimensionamento reflita um cenário realista de uso, respeitando o limite de 400 pessoas pela manhã e 356 à tarde, mesmo com a diversidade de atividades oferecidas.

Setor / Ambiente	Manhã (400)	Tarde (356)
Atividades Físicas	83	83
• Academia	44	44
• Quadra	15	15
• Piscinas	24 (15+09)	24 (15+9)
Cognitivo / Motor	149	133
• Salas de aula (3×16)	48	48
• Ateliês (18 + 18)	36	36
• Salão (dança 32) (teatro — 16)	16+16	16
• Biblioteca / leitura	24	24
Yoga	9	9
Convívio	162	140
• Café / convivência	65	54
• Bar / Solário / Circulação	85	74
• Capela	12	12
Atendimento	6	-
• Psicólogo	2	-
• Triagem	2	-
• Fisioterapia	2	-
TOTAL (exceto restaurante)	**400**	**356**

DISTRIBUIÇÃO E EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO

A distribuição de aproximadamente, 40% para espaços de convívio, 38% para atividades cognitivas e motoras, 20% para atividades físicas e 2% para atendimentos, garante que a oferta de atividades seja proporcional à demanda real dos usuários.

Isso porque, de acordo com os diferentes níveis de autonomia, a maior parte dos usuários tende a participar com mais frequência das atividades cognitivas (como oficinas, salas de aula e ateliês) e das áreas de convívio (como cafés, salões e solário), em comparação às atividades físicas, que exigem maior vigor e, portanto, envolvem uma parcela menor do público.

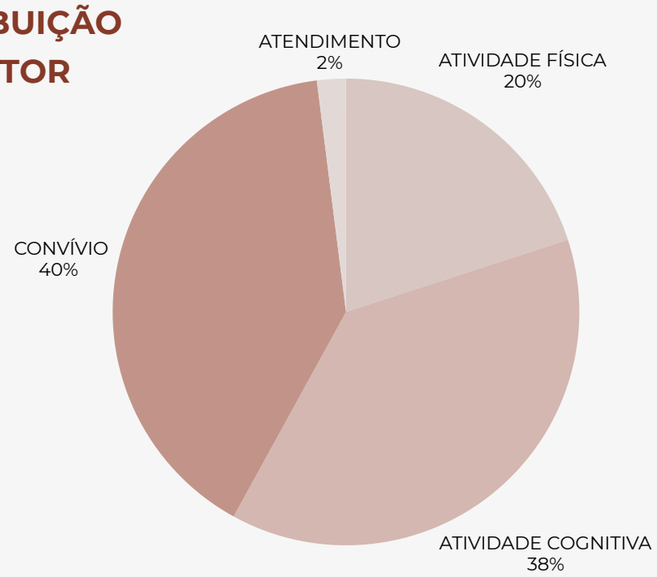
Já os atendimentos ocupam apenas 2% da distribuição, pois correspondem a serviços pontuais, como sessões de psicologia, fisioterapia ou triagem. Esses momentos são importantes para o cuidado individual, mas não configuram práticas contínuas ou intensivas para todos os usuários, justificando a porcentagem reduzida.

Assim, a lógica da distribuição permite que cada pessoa circule entre diferentes setores no mesmo turno, equilibrando saúde, lazer e socialização. Um usuário pode, por exemplo, iniciar a manhã em uma oficina (setor cognitivo), passar em seguida por uma atividade física na piscina ou academia e terminar o período em um espaço de convívio, reforçando tanto o desenvolvimento individual quanto a integração social.

DISTRIBUIÇÃO POR SETOR

Setor / Ambiente	Manhã (400)	Tarde (356)
Atividades Físicas	83	83
Cognitivo / Motor	149	133
Convívio	162	140
Atendimento	6	0
TOTAL (exceto restaurante)	**400**	**356**

DISTRIBUIÇÃO POR SETOR



PÚBLICO ALVO

Considerando a capacidade do clube de 756 usuários por dia, funcionando de segunda a sábado, são possíveis 4.536 visitas por semana. Como cada pessoa deve frequentar o espaço em média duas vezes por semana, o número de pessoas únicas atendidas semanalmente será de aproximadamente 2.268 usuários.

Comparando com a estimativa de 7.789 pessoas idosas residentes no Cabo Branco e bairros vizinhos, o clube tem potencial para atender cerca de 29% dessa população, garantindo um impacto significativo sobre a oferta de espaços de lazer, convivência e atividades para o público na região.

Se incluirmos o restaurante no cálculo do público atendido, sua capacidade de 304 refeições por dia representa 1.824 refeições semanais. Assumindo que cada pessoa idosa utilize o restaurante em média uma vez por semana, isso corresponde a cerca de 1.824 pessoas adicionais. Nesse cenário, o alcance potencial do clube poderia subir para aproximadamente 4.092 usuários por semana, o que representa cerca de 52% da população idosa estimada. Esse resultado reforça o papel estratégico do restaurante como elemento de inclusão social e de ampliação do impacto comunitário do projeto.

PARTIDO ARQUITETÔNICO

O partido arquitetônico do projeto nasce da relação direta entre o terreno e o mar, elemento natural que se impõe como protagonista da paisagem. Assim, a volumetria inicial é orientada de modo a potencializar as vistas, explorando a frente litorânea como forma de estabelecer uma conexão contínua entre os espaços internos e o horizonte. Essa abertura não apenas valoriza o contexto em que o edifício se insere, mas também promove uma experiência de bem-estar, ao integrar a arquitetura com a natureza e seus ciclos.

Paralelamente, reconhece-se a importância de oferecer aos usuários um ambiente de introspecção e acolhimento. Nesse sentido, o projeto incorpora a criação de um pátio interno, concebido como um verdadeiro refúgio. Este espaço, protegido da agitação externa, se apresenta como área de conforto e contemplação, fortalecendo a sensação de pertencimento e criando um equilíbrio entre abertura e recolhimento.

Em síntese, o partido busca conciliar dois movimentos complementares: a expansão em direção ao mar, em busca da paisagem e da natureza, e o recolhimento para dentro do lote, no pátio que atua como núcleo de sociabilidade, descanso e bem-estar.

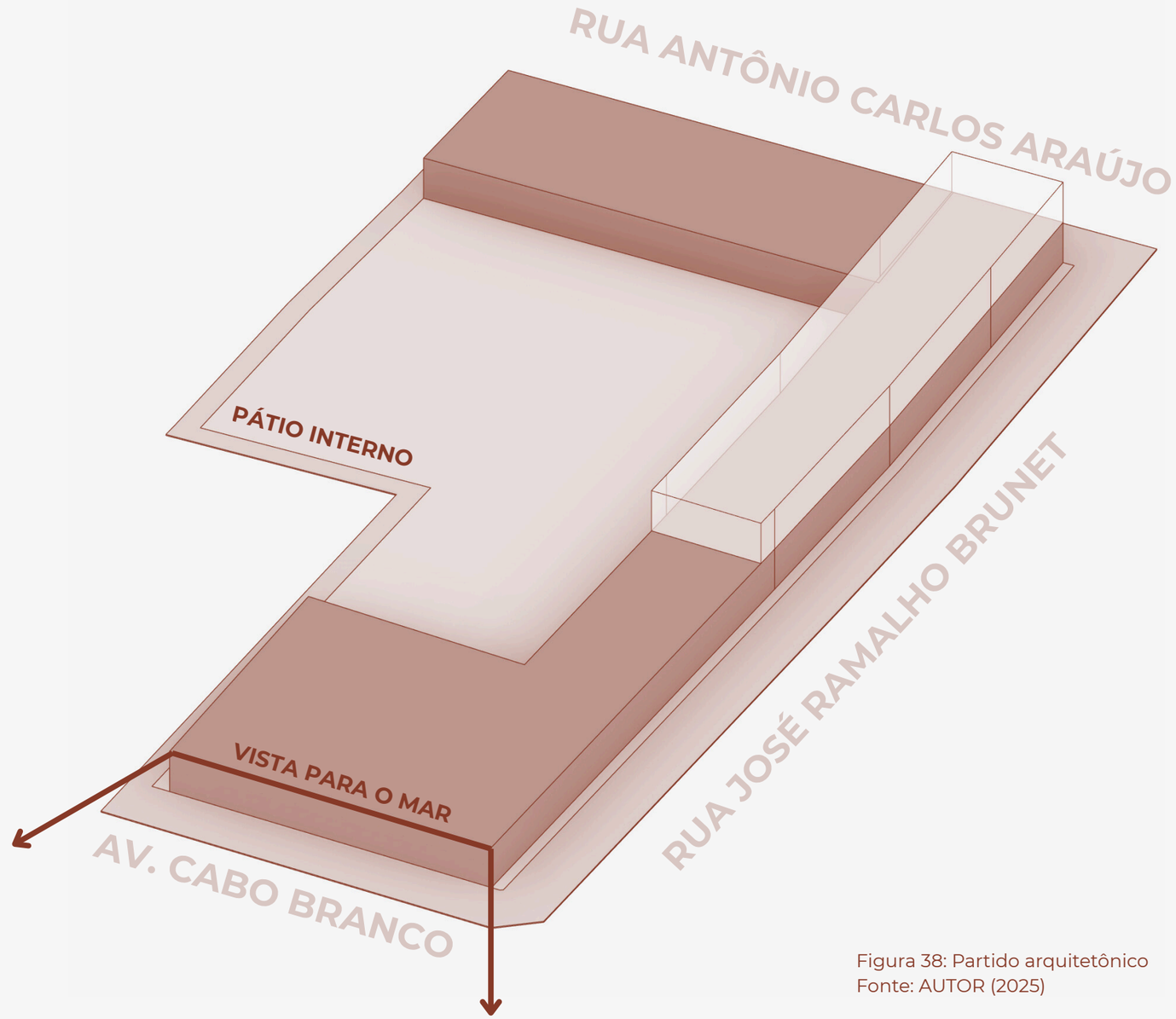
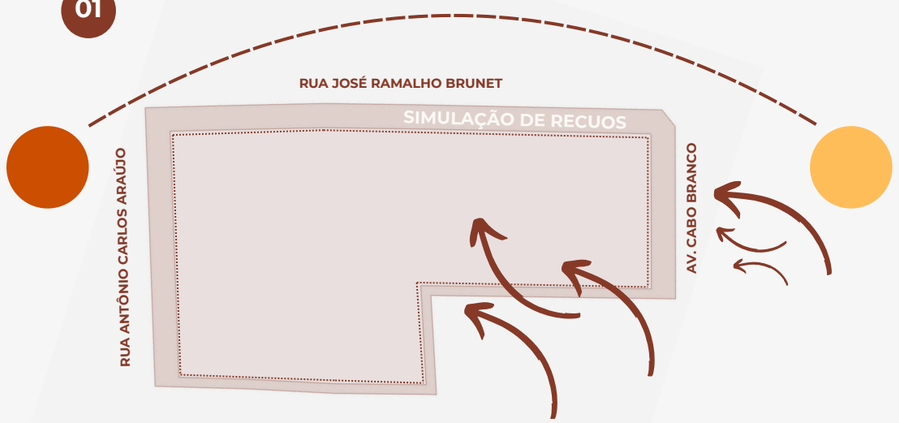


Figura 38: Partido arquitetônico
Fonte: AUTOR (2025)

EVOLUÇÃO DA FORMA

01



Análise do terreno e criação do partido

Figura 39: Análise do terreno
Fonte: AUTOR (2025)

02 Partido Inicial

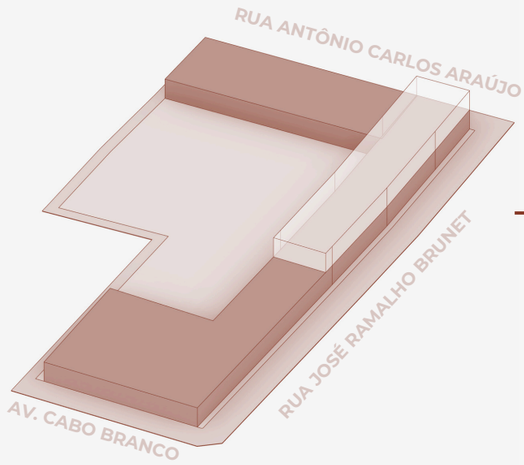


Figura 40: Evolução da forma
Fonte: AUTOR (2025)

Mudança na posição do bloco interno

03 Partido com programa

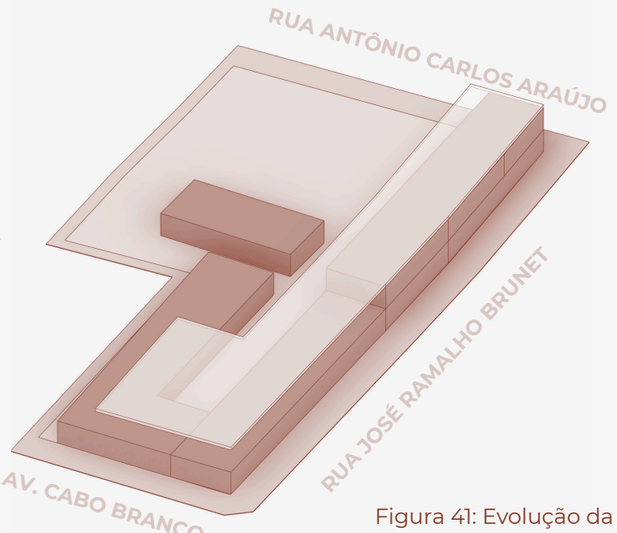


Figura 41: Evolução da forma
Fonte: AUTOR (2025)

04 Proposta apresentada na Pré-Banca

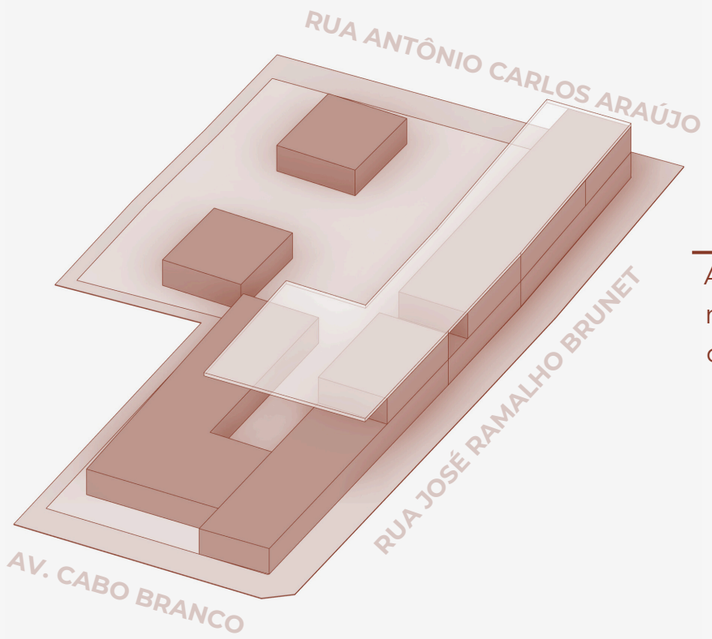


Figura 42: Evolução da forma
Fonte: AUTOR (2025)

Proposta final

Ajuste na área permeável e realocação da implantação de áreas de atividade física

04 Proposta Final
(Cheios e vazios)

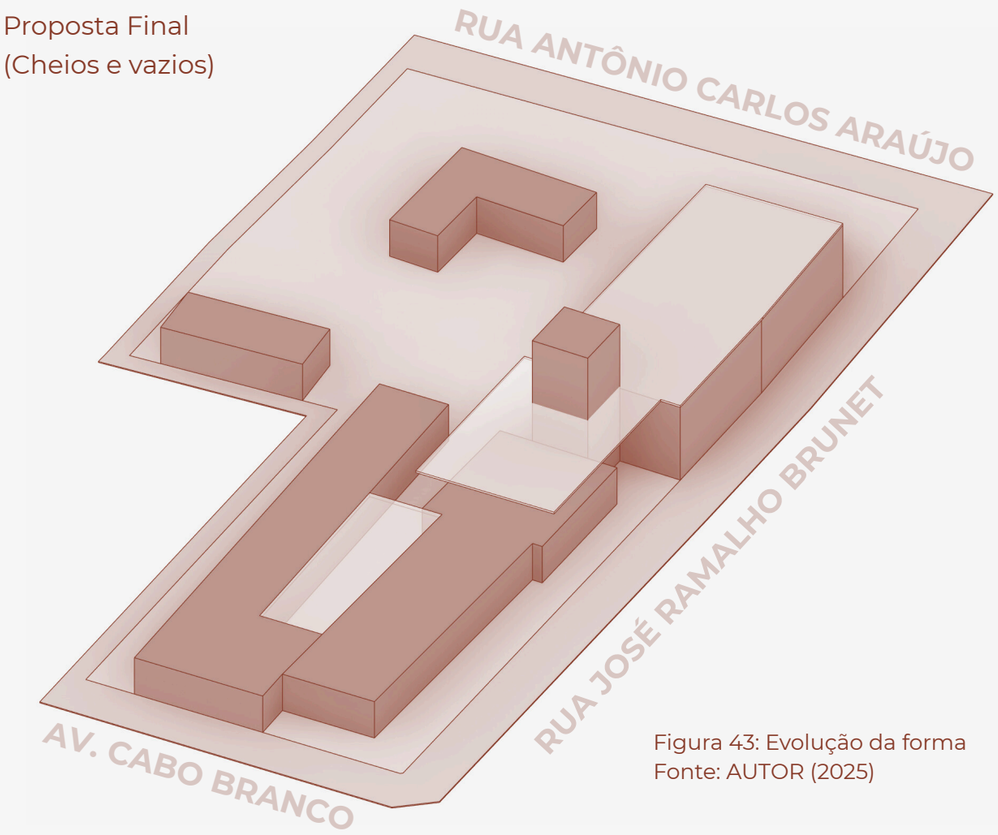
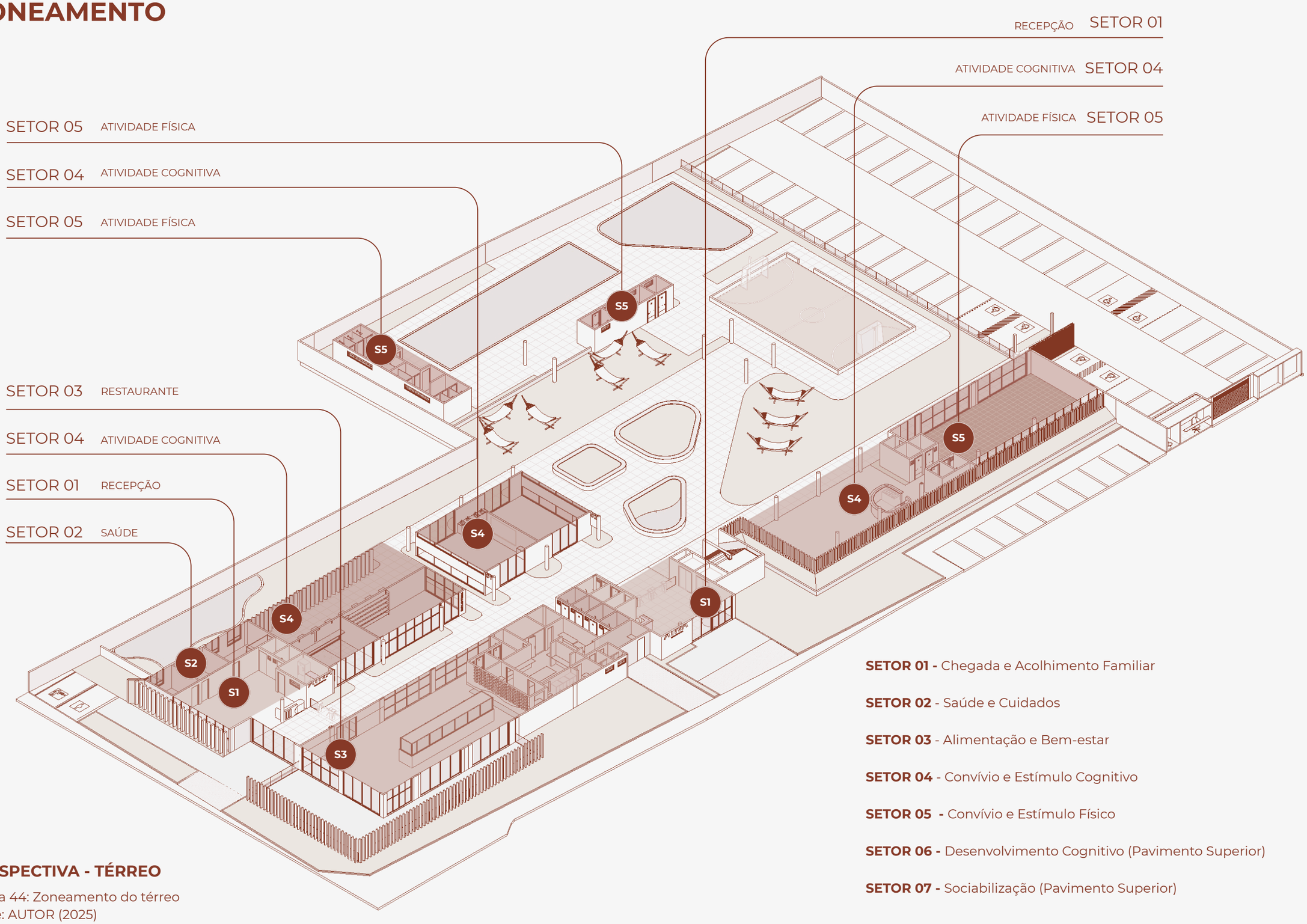


Figura 43: Evolução da forma
Fonte: AUTOR (2025)

ZONEAMENTO



PERSPECTIVA - TÉRREO

Figura 44: Zoneamento do térreo
Fonte: AUTOR (2025)

SETOR 01 - Chegada e Acolhimento Familiar

SETOR 02 - Saúde e Cuidados

SETOR 03 - Alimentação e Bem-estar

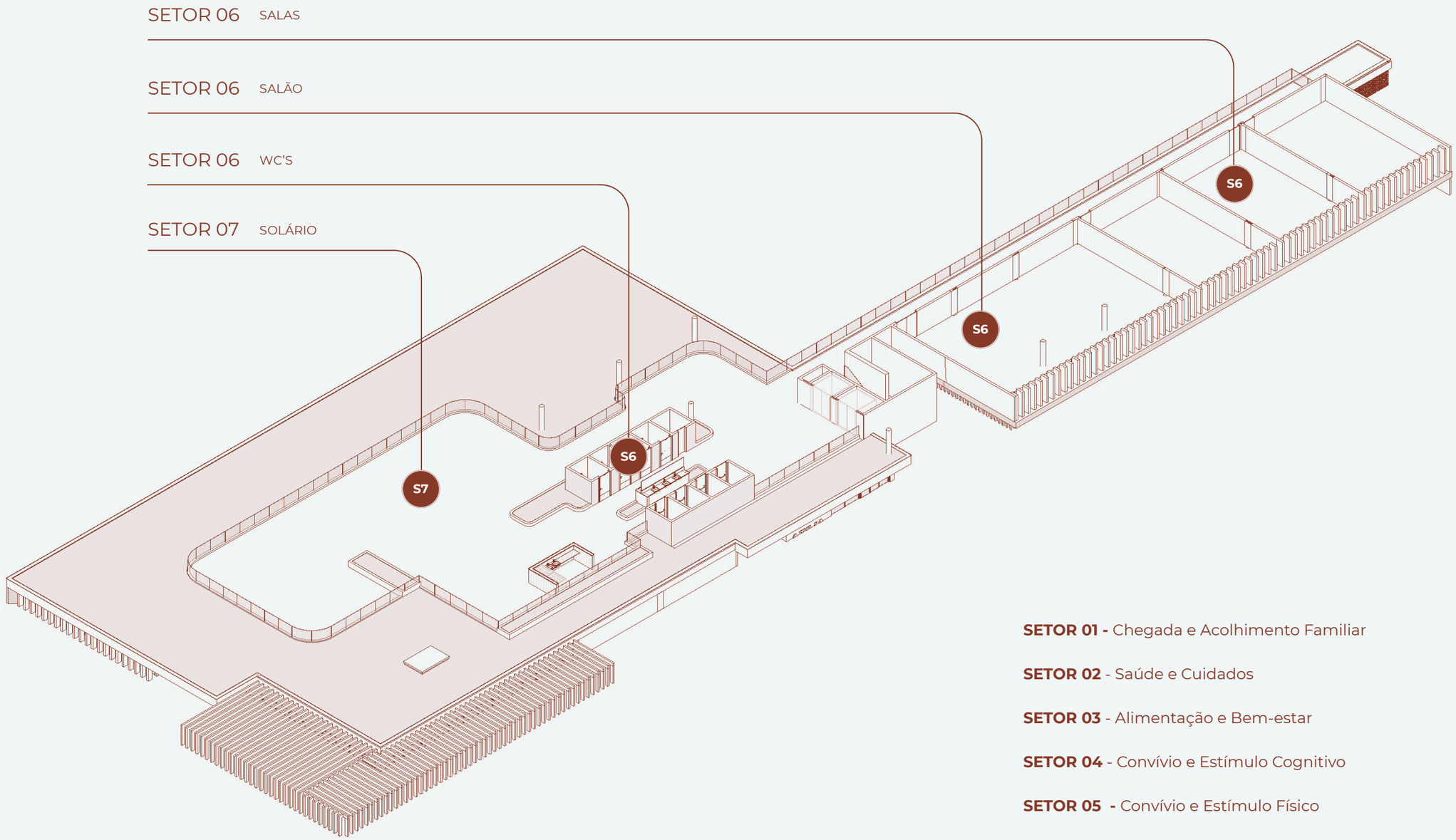
SETOR 04 - Convívio e Estímulo Cognitivo

SETOR 05 - Convívio e Estímulo Físico

SETOR 06 - Desenvolvimento Cognitivo (Pavimento Superior)

SETOR 07 - Sociabilização (Pavimento Superior)

ZONEAMENTO



PERSPECTIVA - PAV. SUPERIOR

Figura 45: Zoneamento Pav. Superior
Fonte: AUTOR (2025)

SETOR 01 - Chegada e Acolhimento Familiar

SETOR 02 - Saúde e Cuidados

SETOR 03 - Alimentação e Bem-estar

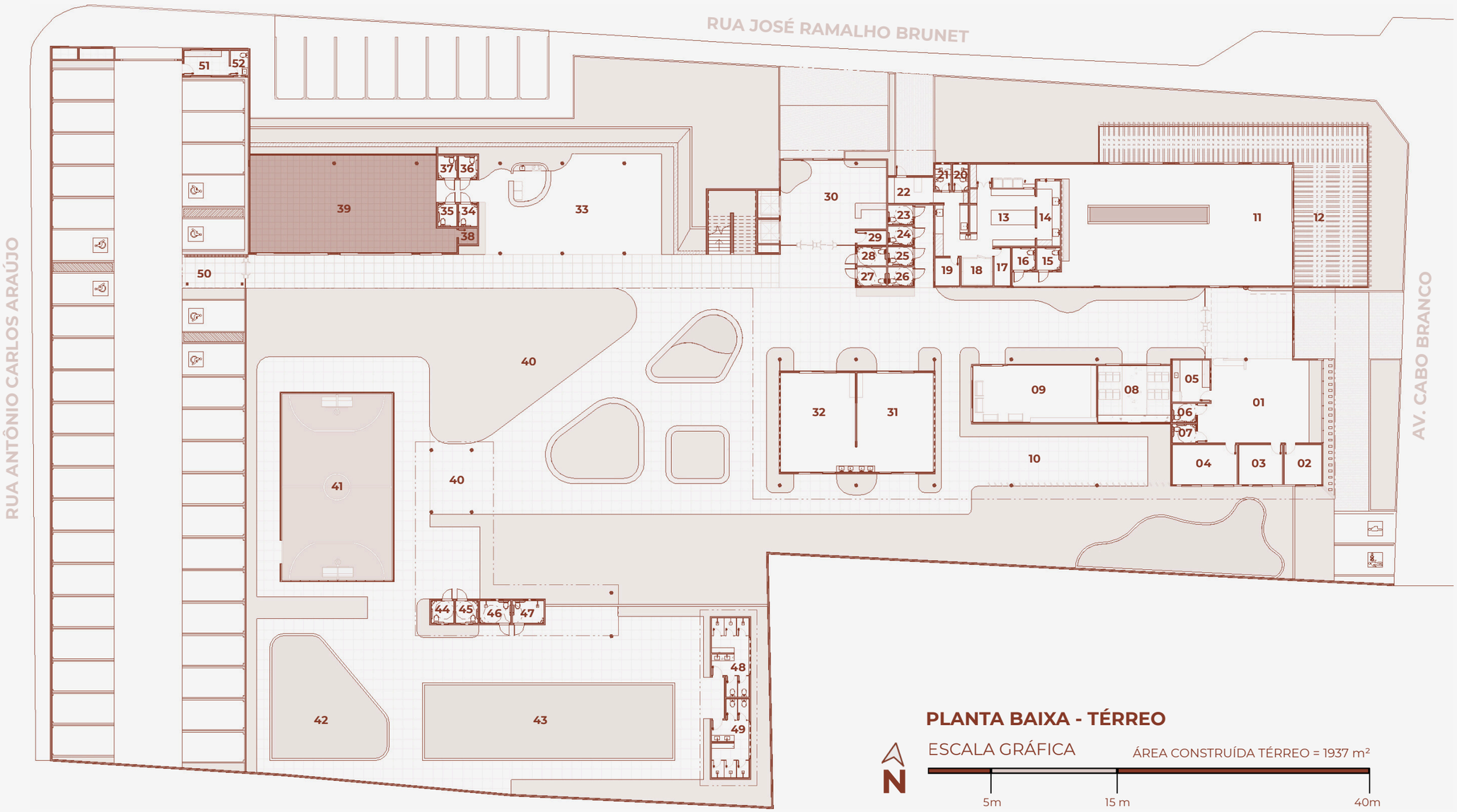
SETOR 04 - Convívio e Estímulo Cognitivo

SETOR 05 - Convívio e Estímulo Físico

SETOR 06 - Desenvolvimento Cognitivo (Pavimento Superior)

SETOR 07 - Sociabilização (Pavimento Superior)

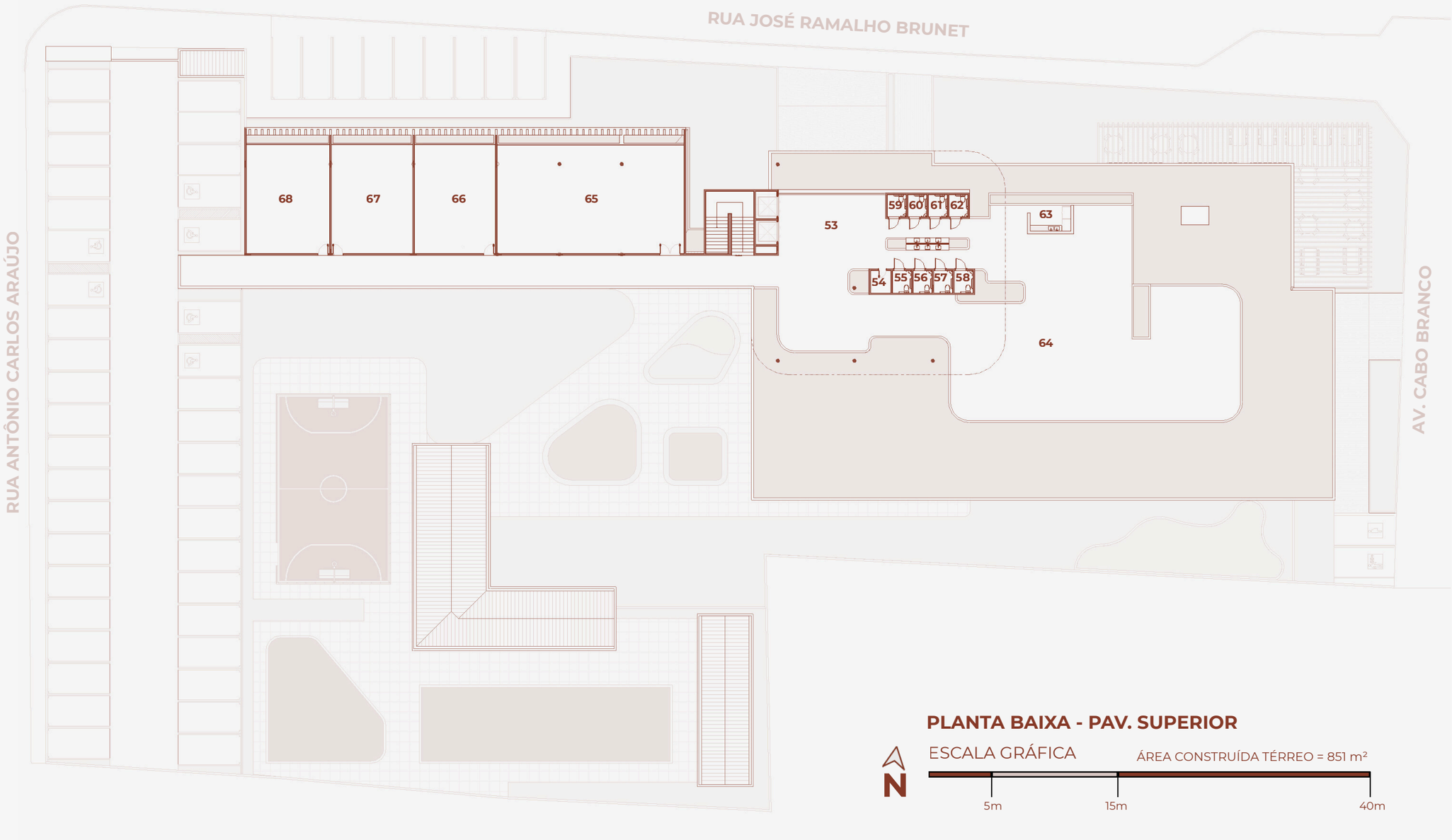
SETORIZAÇÃO



	TÉRREO	
01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,74 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha Limpeza	36,59 m²
14	Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	48,59 m²
32	Ateliê 02	47,36 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Pscina	72,97 m²
43	Psicina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC. FUN. 01	2,80 m²
	PAV. SUPERIOR	
53	Hall elevador	137,30 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Solário	307,22 m²
65	Salão	132,54 m²
66	Sala 01	57,52 m²
67	Sala 02	57,50 m²
68	Sala 03	59,21 m²
		2414,79m²

Figura 46: Setorização Planta Baixa Térreo
Fonte: AUTOR (2025)

SETORIZAÇÃO



TÉRREO

01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,74 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha Limpeza	36,59 m²
14	Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	48,59 m²
32	Ateliê 02	47,36 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Pscina	72,97 m²
43	Psicina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC. FUN. 01	2,80 m²

PAV. SUPERIOR

53	Hall elevador	137,30 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Solário	307,22 m²
65	Salão	132,54 m²
66	Sala 01	57,52 m²
67	Sala 02	57,50 m²
68	Sala 03	59,21 m²
		2414,79m²

Figura 47: Setorização Planta Baixa Pav. Superior
Fonte: AUTOR (2025)

ACESSOS E FLUXOS

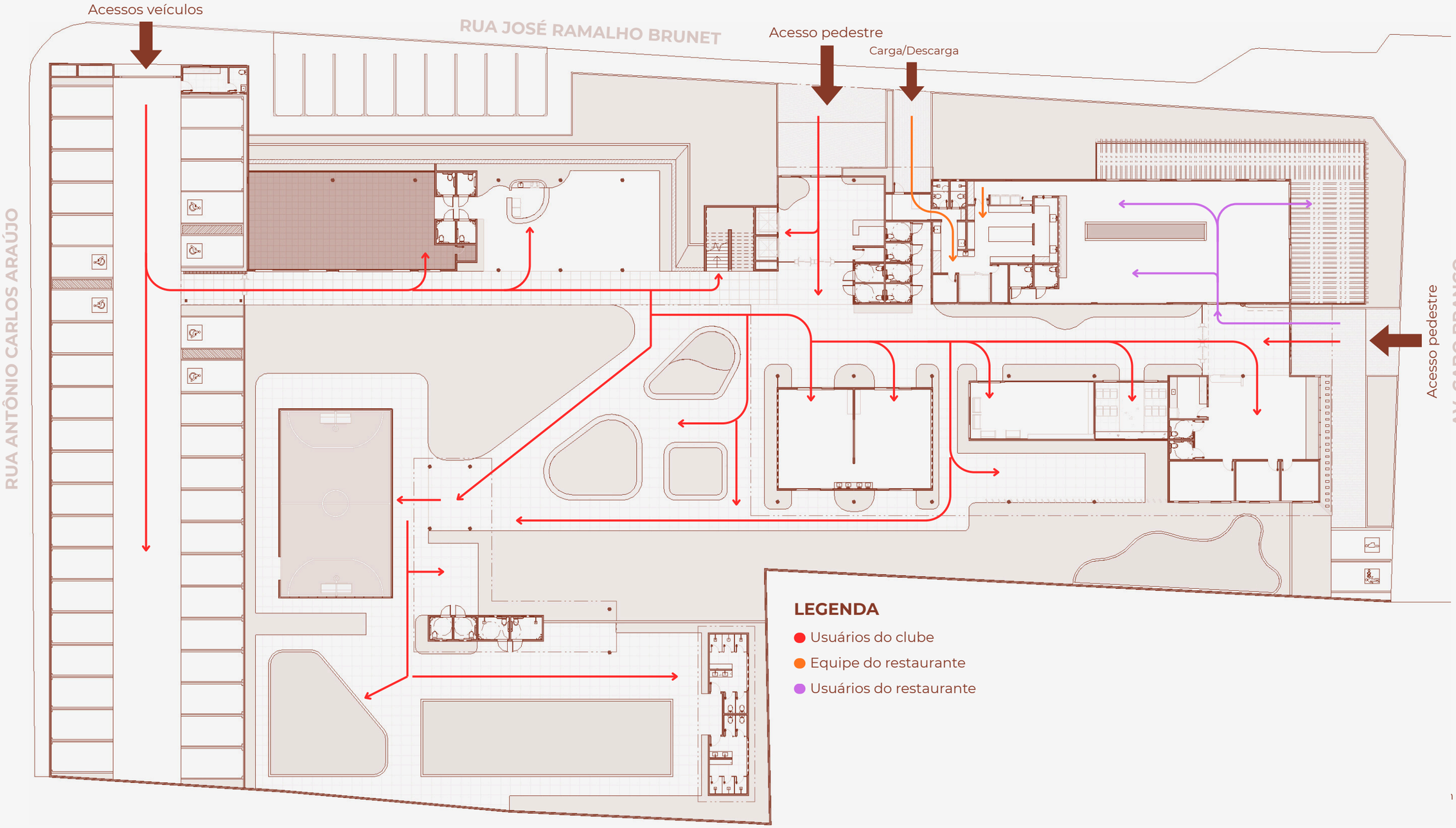


Figura 48: Acessos e Fluxos
Fonte: AUTOR (2025)

ESTRUTURA

O partido estrutural do edifício foi organizado a partir de duas linhas estruturais independentes, definidas pela caixa de escada e de elevadores, que funciona como elemento de divisão e travamento. De um lado, desenvolve-se a estrutura de dois pavimentos, e do outro, a estrutura predominantemente térrea.

Na parte em dois pavimentos, os pilares seguem um mesmo alinhamento, garantindo estabilidade e continuidade estrutural. O sistema adota balanços proporcionais a 1/5 do vão em cada extremidade, com 3/5 concentrados no entrepilar central. Para vencer esses vãos de maneira eficiente e obter uma superfície inferior contínua, optou-se pela utilização de laje nervurada com caixão perdido em concreto armado.

Já no outro bloco estrutural, os pilares assumem um outro alinhamento independente, permitindo maior flexibilidade no uso dos espaços. O mesmo sistema de laje nervurada foi adotado, garantindo uniformidade construtiva em todo o edifício. Destaca-se a área do restaurante, onde os vãos chegam a até 10 metros, estratégia pensada para liberar o salão de pilares centrais e proporcionar um espaço amplo e contínuo. Nos demais setores, os vãos variam entre 6 e 7 metros em um sentido e no outro os vãos seguem os 10 metros do restaurante, atendendo adequadamente aos requisitos de estabilidade, espessura e peso da estrutura.

Quanto às dimensões estruturais, a definição foi baseada em referências do livro Bases para Projeto Estrutural na Arquitetura, de Yopanan Rebello, em conjunto com as recomendações da NBR 6118. Considerando os vãos de até 10 metros vencidos pela laje nervurada de caixão perdido, adotou-se uma espessura de 28 cm, conforme parâmetros indicados pelo autor. Para os pilares, o dimensionamento levou em conta a classe de agressividade ambiental II, estabelecida pela norma, o que demandou um reajuste em suas seções. Assim, foram adotadas dimensões de 25 x 35 cm para os pilares retangulares e 30 cm de diâmetro para os circulares, garantindo maior segurança e durabilidade da estrutura. Complementarmente, a estrutura demandou a execução de vigas de borda, tanto para garantir o travamento quanto para possibilitar a fixação do forro, sendo adotadas em sua maioria seções de 20 x 60 cm.

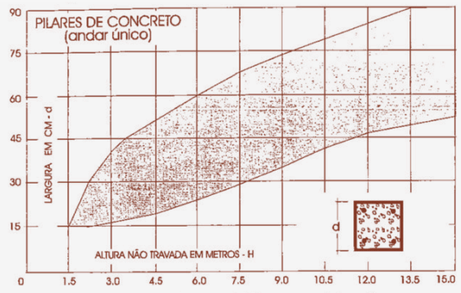
Figura 49: Tabela com Classe de agressividade ambiental

Tabela 7.2 – Correspondência entre a classe de agressividade ambiental e o cobrimento nominal para Δc = 10 mm

Tipo de estrutura	Componente ou elemento	Classe de agressividade ambiental (Tabela 6.1)			
		I	II	III	IV [c]
		Cobrimento nominal mm			
Concreto armado	Laje [b]	20	25	35	45
	Viga/pilar	25	30	40	50
	Elementos estruturais em contato com o solo [d]	30		40	50
Concreto protendido [a]	Laje	25	30	40	50
	Viga/pilar	30	35	45	55

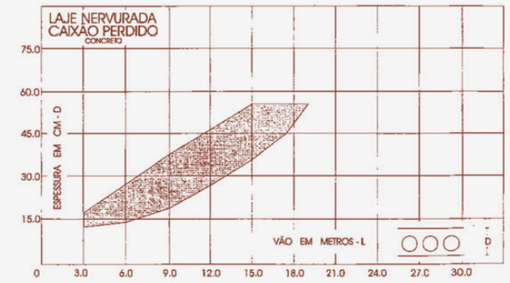
Fonte: ABNT NBR 6118:2014. P. 20

Figura 50: Gráfico de dimensionamento de pilares

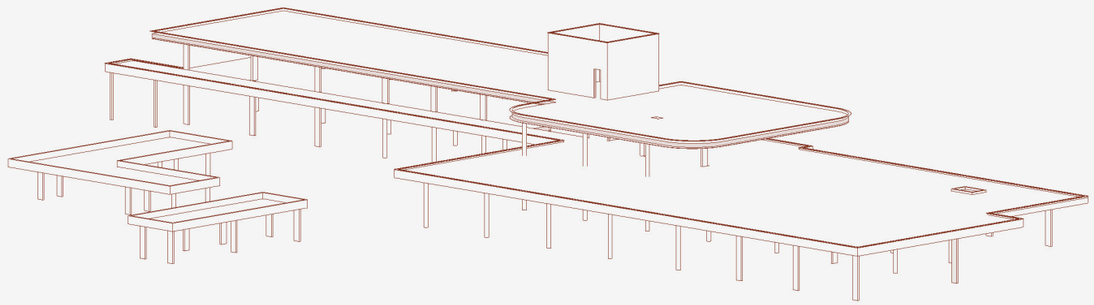


Fonte: REBELLO, Yopannan. Bases para projeto estrutural na arquitetura. P. 200

Figura 51: Gráfico de dimensionamento de laje



Fonte: REBELLO, Yopannan. Bases para projeto estrutural na arquitetura. P. 171



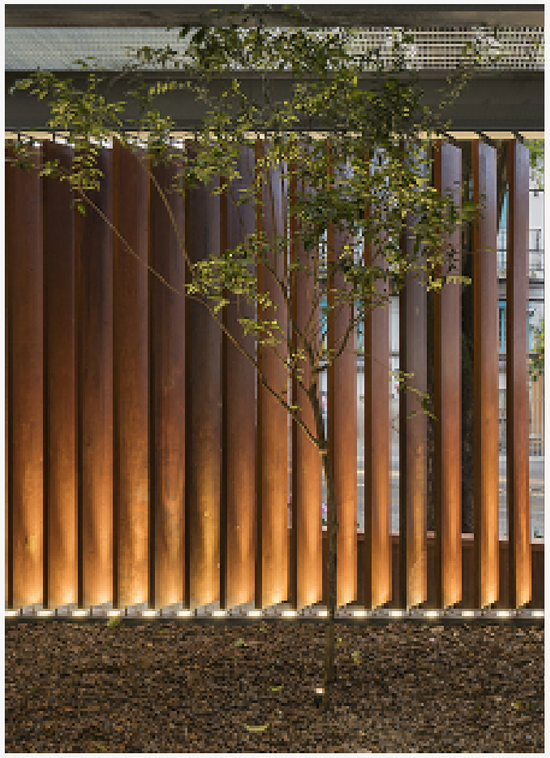
Fonte: AUTOR (2025)
Figura 52: Diagrama Estrutural

MATERIALIDADE

A materialidade adotada no projeto vai além da dimensão estética, tornando-se um recurso essencial para a criação de uma experiência arquitetônica sensorial e significativa. A escolha dos materiais foi pautada pela busca de multisensorialidade, atemporalidade e conforto, estabelecendo uma relação íntima entre espaço e usuário. A madeira, utilizada tanto em planos horizontais quanto verticais, desempenha papel de acolhimento e continuidade, reforçando a sensação de calor e proximidade. O azulejo na cor laranja surge como ponto de contraste em relação às paredes beges, trazendo vivacidade e dinamismo à composição. As texturas aplicadas às superfícies remetem ao estudo de correlatos, permitindo a diferenciação dos ambientes e valorizando a diversidade perceptiva.

Outro elemento marcante é a pedra natural, inserida como material atemporal que evoca a sensação de bem-estar e a conexão direta com a natureza. Esse diálogo se expande com o paisagismo, que permeia o espaço interno por meio de jardins e da permeabilidade visual proporcionada por grandes esquadrias de vidro. O vidro, por sua vez, é explorado em duas versões: o liso convencional, que potencializa a transparência e a integração, e o canelado, que filtra a luz natural e garante privacidade em determinados ambientes, sem abrir mão da luminosidade. Dessa forma, a materialidade se consolida como elemento central no projeto, unindo estética, funcionalidade e sensorialidade.

Figura 53: Brises em madeira

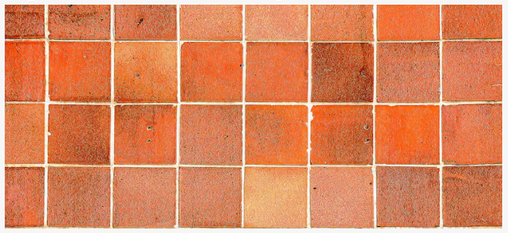


Fonte: BERNARDES ARQUITETURA: EDIFÍCIO CULTURAL. Via Revista Projeto (2018)

Figura 54: Textura na parede

Fonte: FAMÍLIA BIM (2025)

Figura 55: Cerâmica laranja



Fonte: ANTARES_NS. Via Freepik (2025)

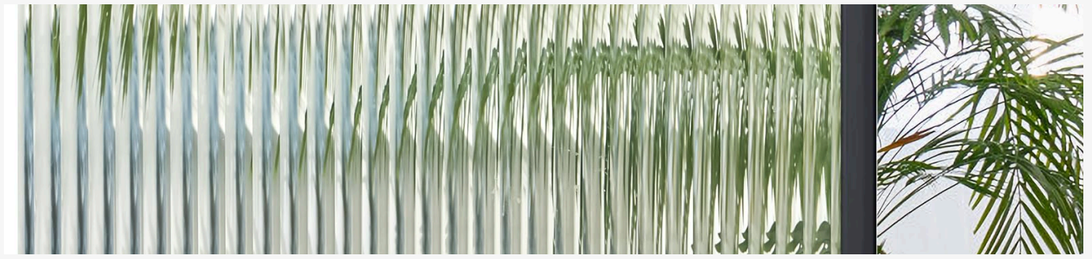
Figura 56: Piso de madeira

Fonte: Fonte: Pisos ABC (2024)

Figura 57: Pedra natural

Fonte: ECOMINER PISOS E REVESTIMENTOS. Via site EcoMiner (2025)

Figura 58: Vidro canelado



Fonte: Coavas. Via site Amazon (2025)

RESERVATÓRIO DE ÁGUA

O dimensionamento da caixa d’água do clube foi realizado a partir das demandas de consumo diário, da reserva técnica e do atendimento às normas de segurança. O reservatório terá capacidade total de 303.000 litros, distribuídos conforme as seguintes necessidades:

- **Capacidade máxima do restaurante:** atendimento a 152 pessoas por rodada, com duas rodadas por refeição, totalizando 304 pratos. Considerando um consumo médio de 25 litros por prato, chega-se a 7.600 litros por dia. Em dois dias de funcionamento, o total estimado é de 15.200 litros.

- **Reserva de incêndio:** de acordo com os parâmetros técnicos, 20% da capacidade total do reservatório deve ser destinada exclusivamente à proteção contra incêndios. Isso corresponde a 60.600 litros.

- **Clube Ativa – Qualidade de Vida:** a capacidade diária do clube é de 756 pessoas, divididas entre turnos da manhã (400 pessoas) e da tarde (356 pessoas). Considerando que cada usuário frequenta o clube duas vezes por semana, estima-se um total de 1.890 pessoas idosas atendidas semanalmente. Para dimensionamento do consumo, adotou-se o cálculo de 150 litros/dia por pessoa, resultando em uma necessidade de 113.600 litros/dia. Para a reserva de dois dias, o total armazenado deve ser de 227.200 litros.

Somando-se as parcelas de consumo, a reserva de incêndio e as demandas específicas do restaurante, a caixa d’água foi projetada para garantir o abastecimento adequado e seguro de todo o empreendimento. Sua implantação será feita acima do bloco de escadas, configurando um bloco estrutural independente que aproveita a rigidez do núcleo de circulação vertical, favorecendo a distribuição de cargas e assegurando maior racionalidade construtiva. Nesse caso, a elevação do reservatório potencializa a pressão gravitacional da rede, garantindo um fornecimento contínuo e uniforme de água. O sistema foi pensado em dois níveis: 1/3 do volume total será destinado ao reservatório superior, enquanto os outros 2/3 permanecerão no reservatório inferior, ambos alinhados no mesmo eixo. Essa solução contribui para a eficiência no abastecimento e oferece maior segurança em situações de manutenção ou necessidade de contingência.

Figura 59: Perspectiva do projeto com foco na caixa d’água

Fonte: AUTOR (2025)

T.E.L.A

ANÁLISE DE CONFORTO

Figura 60: Imagem Ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

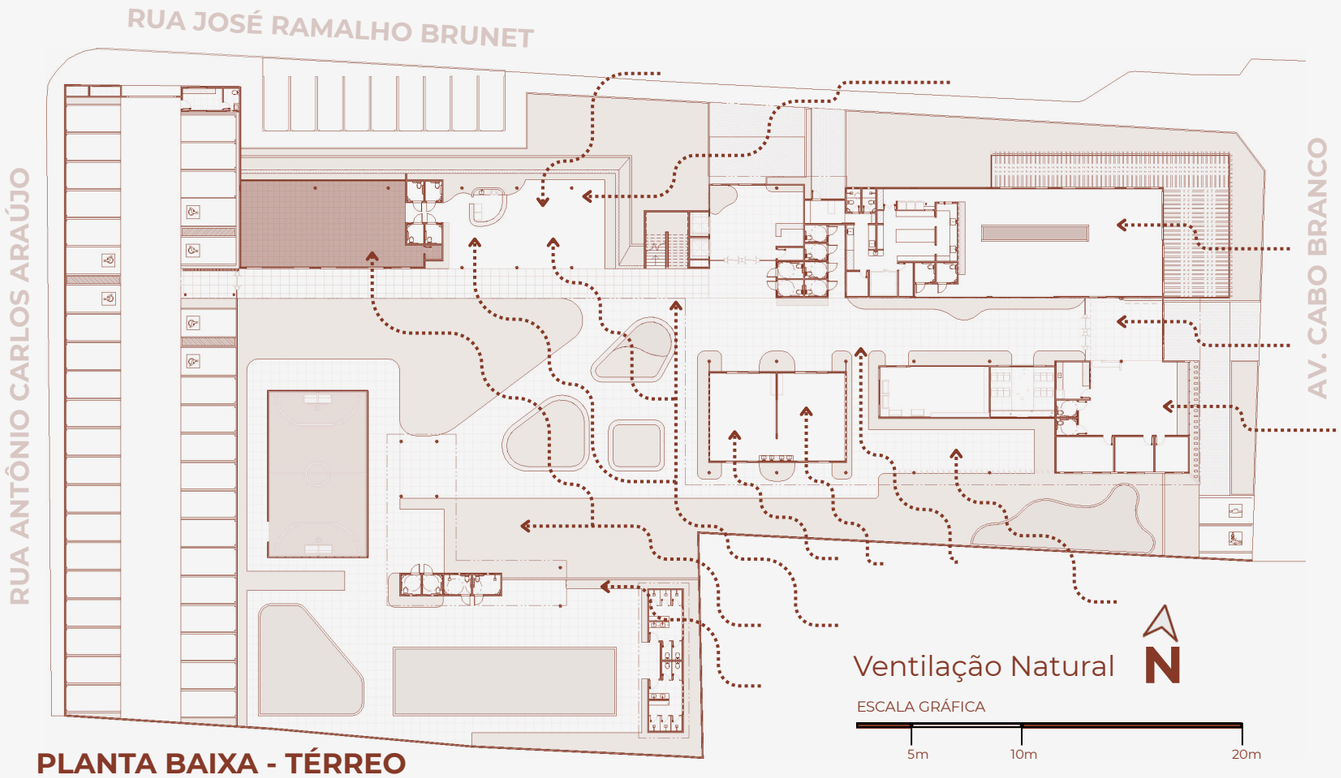
ESTRATÉGIAS DE CONFORTO

ANÁLISE T.E.L.A

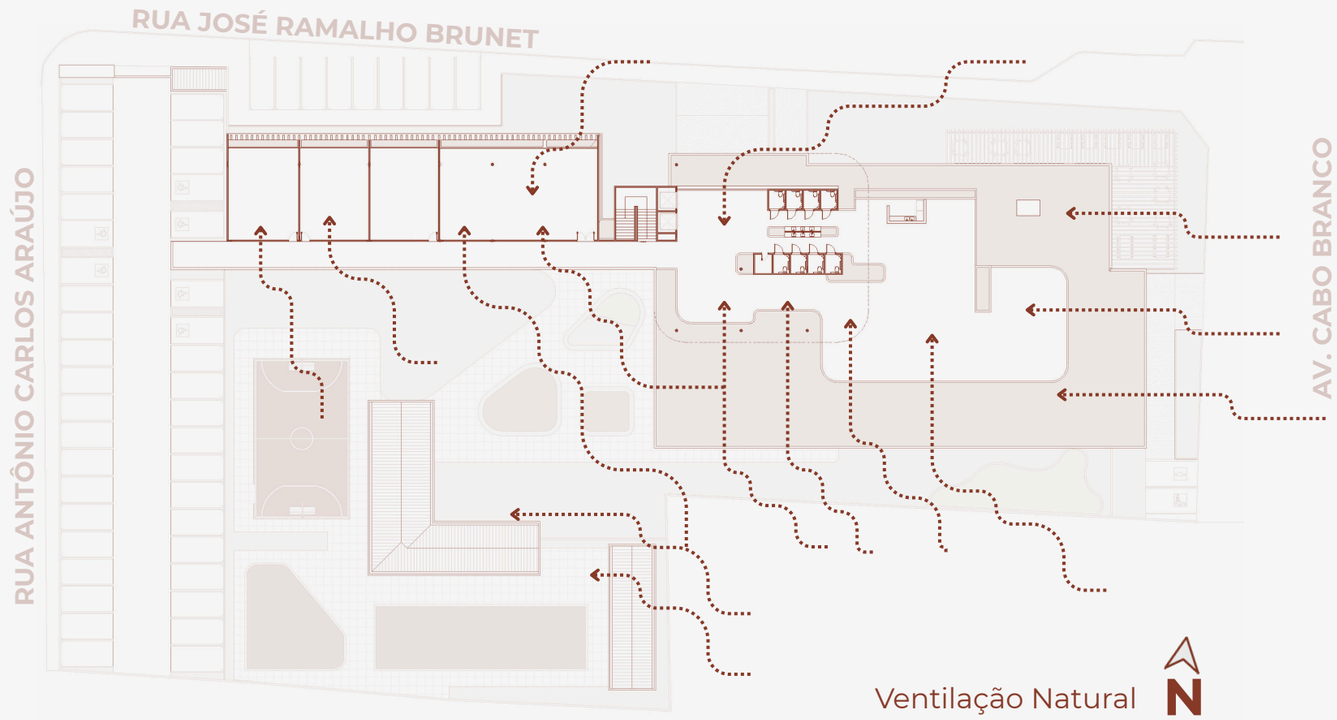
A estratégia de conforto térmico do projeto baseia-se no aproveitamento da ventilação predominante proveniente dos quadrantes sul e leste ao longo da maior parte do ano. A implantação foi pensada de modo que o edifício se abra para o sudeste, criando um pátio interno que atua como área de respiro e favorece o fluxo de ar entre os ambientes.

Na fachada norte, a adoção de brises permite a proteção solar sem comprometer a circulação do ar, garantindo a continuidade da ventilação cruzada. Já no bloco térreo voltado ao sul, aberturas estratégicas criam um verdadeiro “corredor de vento”, potencializando a entrada das brisas e reduzindo o acúmulo de calor nos espaços internos. A fachada leste, voltada para o beira-mar, mantém-se livre de obstruções, possibilitando que o ar fresco penetre com facilidade. O pátio no setor sul reforça esse movimento, assegurando que não haja barreiras ao fluxo natural do ar, mesmo no bloco de dois pavimentos.

No pavimento superior, a análise demonstrou que as salas voltadas ao sul recebem a ventilação de maneira direta, sem interferências, enquanto os brises da fachada norte contribuem para o sombreamento sem impedir a passagem das correntes de ar. O solário, implantado na porção leste, permanece completamente aberto, garantindo ventilação plena e conforto térmico adequado às atividades ao ar livre.



PLANTA BAIXA - TÉRREO
Figura 61: Diagrama de ventilação Térreo
Fonte: AUTOR (2025)



PLANTA BAIXA - PAV. SUPERIOR
Figura 62: Diagrama de ventilação Pav. Superior
Fonte: AUTOR (2025)

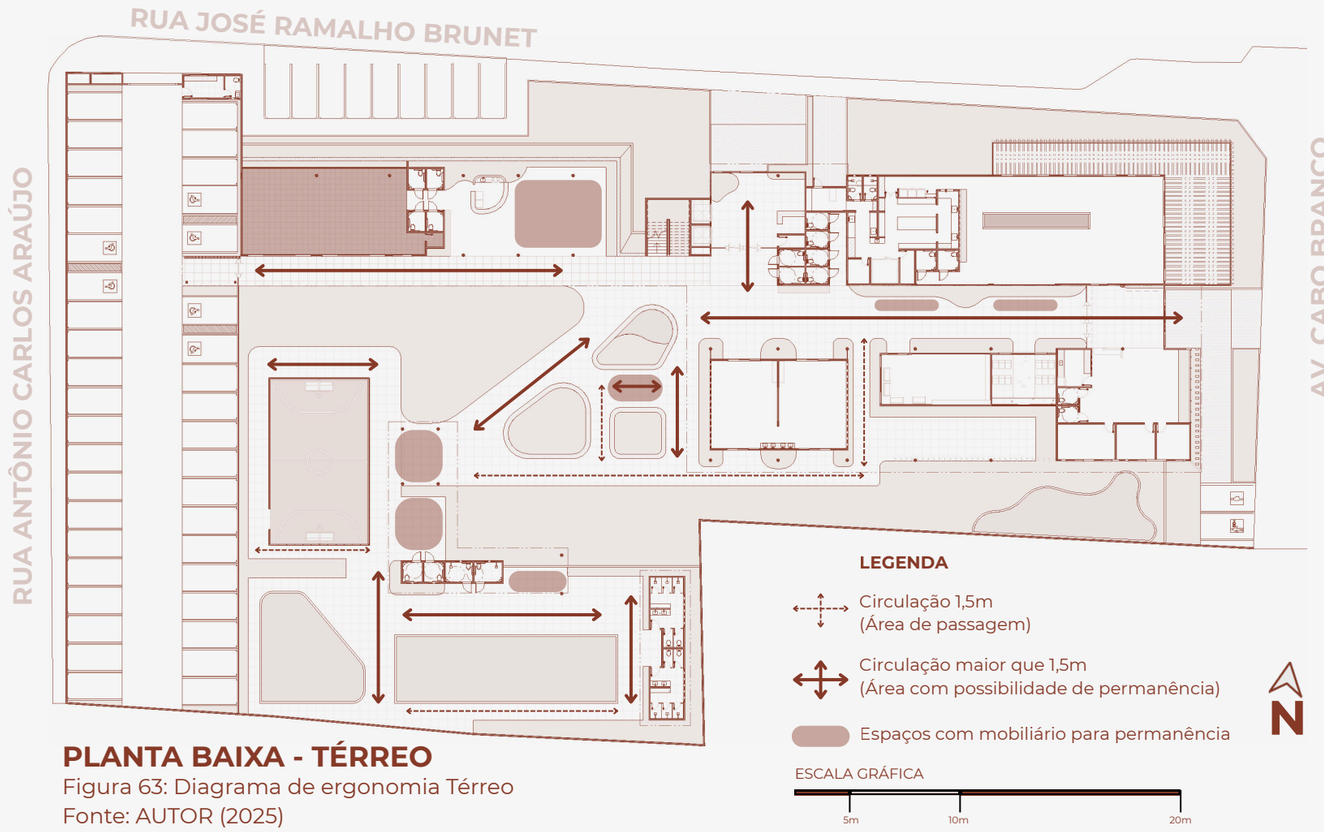
ESTRATÉGIAS DE CONFORTO

ANÁLISE T.E.L.A

A análise ergonômica do projeto foi orientada pelos princípios do desenho universal, assegurando que todos os espaços comportem a diversidade de usuários em suas diferentes particularidades. Os acessos e passagens internas foram dimensionados com largura mínima de 1,5m, permitindo a circulação confortável de pessoas, incluindo cadeirantes e indivíduos com mobilidade reduzida. Nos ambientes de circulação principal, como corredores, a largura varia entre 1,5m e 3,8m, sendo definida conforme a intenção de uso: em alguns trechos, a fluidez do deslocamento rápido é priorizada, enquanto em outros, o espaço se abre para possibilitar permanência mais prolongada e encontros sociais.

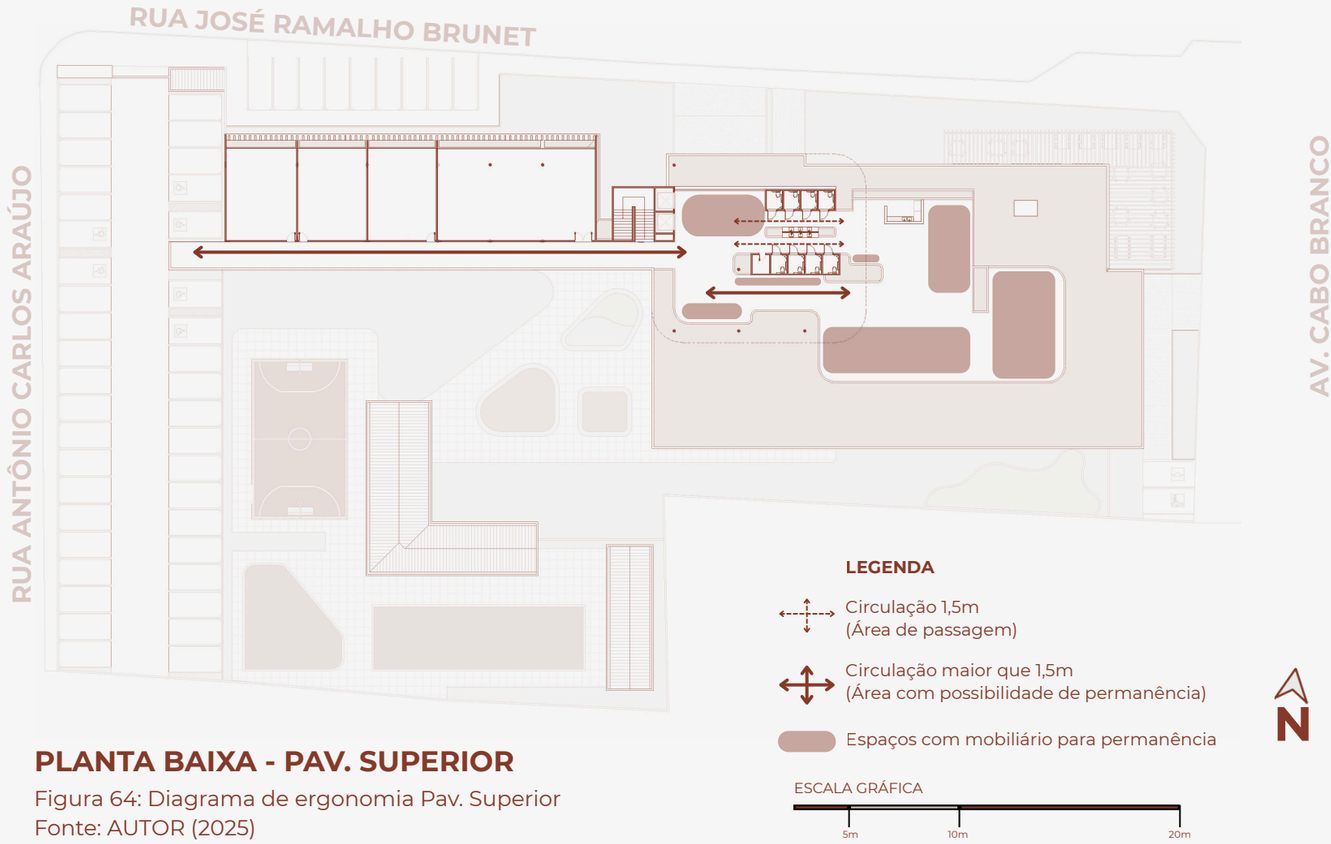
Além disso, o projeto contempla áreas de permanência distribuídas por todo o edifício, com mobiliário pensado para proporcionar conforto, como sofás e poltronas. Essa escolha reforça um dos conceitos centrais do projeto, a ideia de comunidade, ao estimular a socialização e a apropriação do espaço mesmo em locais sem uso específico.

Por fim, todos os banheiros foram projetados em conformidade com a NBR 9050:2021, garantindo acessibilidade, segurança e autonomia para todos os usuários. Dessa forma, a ergonomia no projeto se consolida como ferramenta fundamental na promoção do bem-estar, da inclusão e da qualidade espacial.



PLANTA BAIXA - TÉRREO

Figura 63: Diagrama de ergonomia Térreo
Fonte: AUTOR (2025)



PLANTA BAIXA - PAV. SUPERIOR

Figura 64: Diagrama de ergonomia Pav. Superior
Fonte: AUTOR (2025)

ESTRATÉGIAS DE CONFORTO
ANÁLISE T.E.L.A

A análise de conforto lumínico do projeto teve início com o estudo da carta solar, que orientou a implantação e o tratamento das fachadas. As áreas mais expostas à radiação direta receberam soluções específicas de proteção, como brises e pergolados , capazes de filtrar a luz e controlar a incidência solar, reduzindo o ofuscamento e garantindo iluminação natural equilibrada.

A edificação foi organizada em dois blocos principais conectados por um corredor central. Nesse núcleo, foram criadas aberturas em um dos lados, permitindo que a luz natural penetre de forma controlada. Essa estratégia assegura um ambiente mais suave, adequado às atividades de caráter introspectivo, como biblioteca, capela e salas de atendimento, que demandam luminosidade difusa e conforto visual.

Nas áreas destinadas às atividades físicas, adotou-se um tratamento diferenciado: piscinas e quadra esportiva permanecem descobertas, mas envoltas por vegetação, favorecendo a incidência direta do sol. Essa decisão valoriza a integração entre luz natural e bem-estar, reforçando a relação entre exposição solar moderada e saúde. Além disso, a quadra foi orientada no eixo norte-sul, reduzindo o risco de ofuscamento dos jogadores durante treinos e partidas.

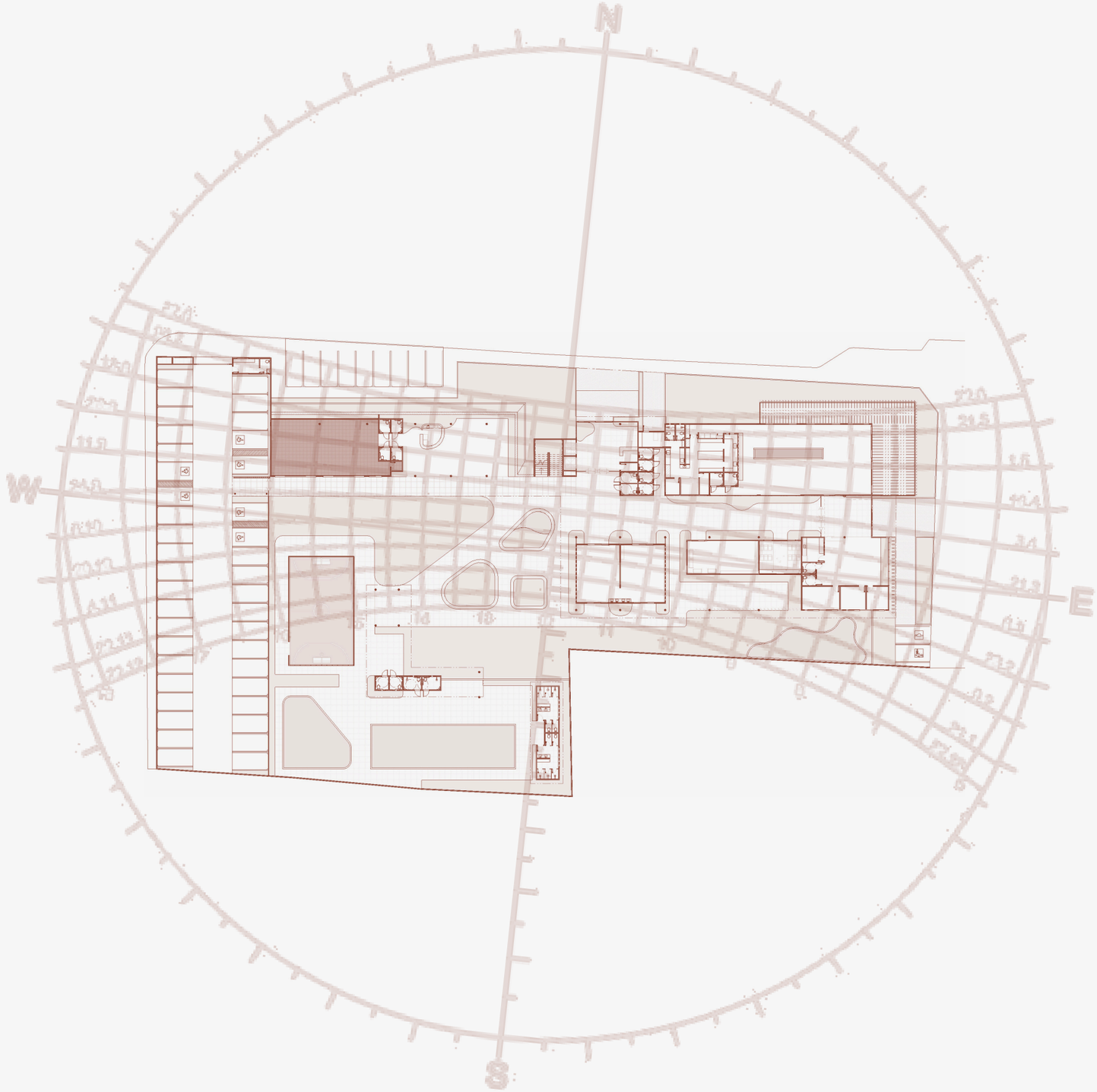


Figura 65: Diagrama de conforto lumínico Térreo
Fonte: AUTOR (2025)

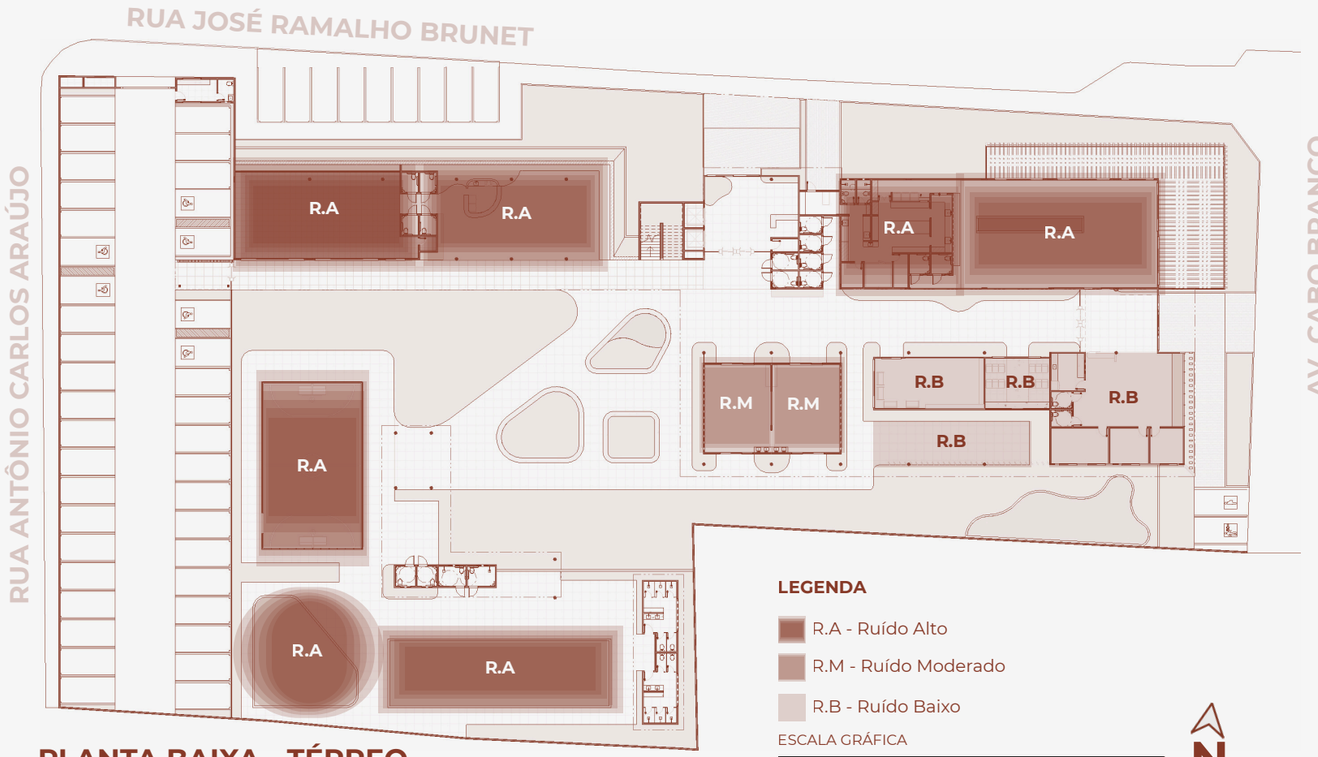
ESTRATÉGIAS DE CONFORTO

ANÁLISE T.E.L.A

A estratégia de conforto acústico do projeto está fundamentada na organização setorial dos ambientes conforme a intensidade do ruído e no uso da implantação para favorecer a dispersão sonora. A disposição dos espaços buscou agrupar atividades com características semelhantes, criando zonas de transição que funcionam como “respiros” entre áreas barulhentas, moderadas e silenciosas.

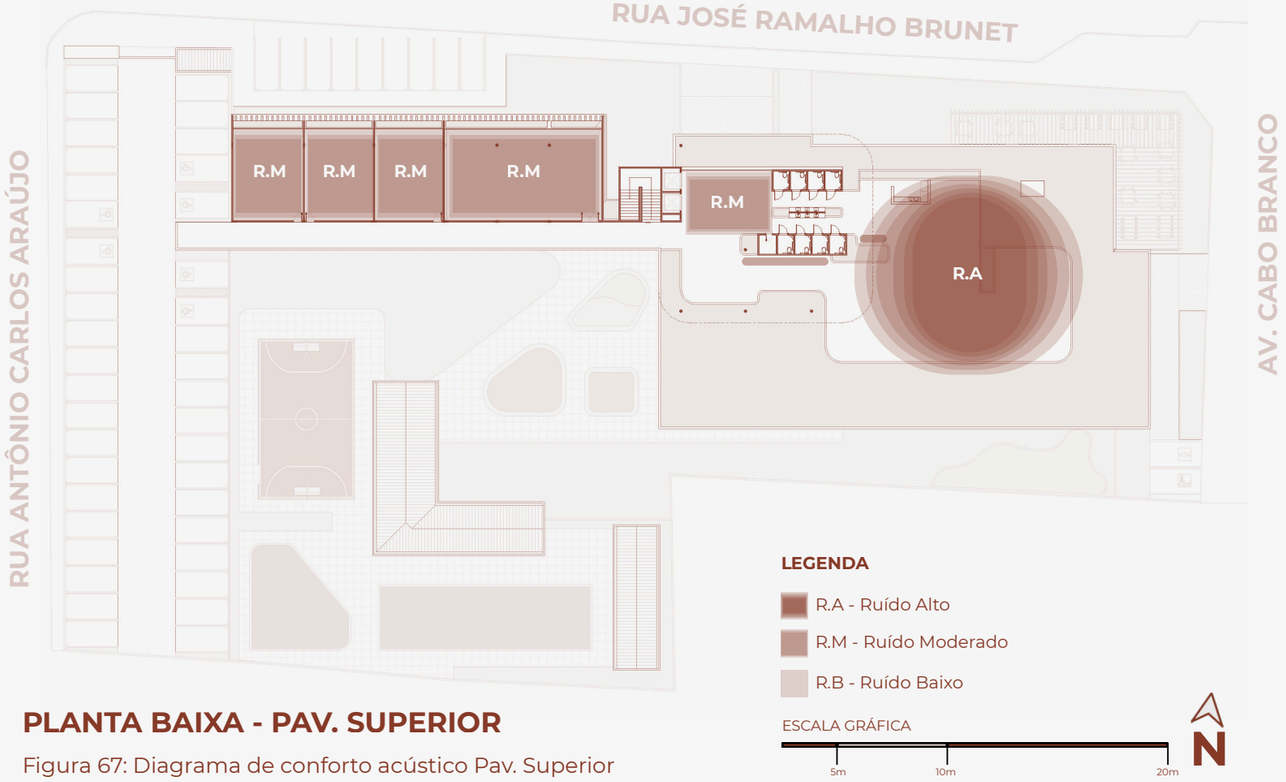
No pavimento térreo, a porção oeste abriga os usos com maior nível de ruído, como quadra esportiva, academia e piscinas. Essas áreas são separadas do restante do conjunto por um espaço de permanência arborizado, que atua como filtro acústico natural. No centro do projeto localizam-se os ateliês, onde o ruído é moderado, enquanto a fachada leste concentra os ambientes de baixo nível sonoro, como biblioteca, capela e salas de atendimento. Essa setorização, aliada à orientação dos ventos predominantes vindos do leste, favorece uma espécie de “varredura” natural: o vento carrega os sons gerados no oeste para fora do lote, minimizando interferências nas zonas silenciosas.

Na porção superior do terreno, o solário foi posicionado na fachada leste, privilegiando a vista para o mar. Embora inserido em uma área destinada ao relaxamento, sua implantação em nível elevado e a ausência de paredes altas evitam a reverberação, permitindo que o som se dissipe livremente. Ademais, a distância física entre o solário e as salas de aula é reforçada pela inserção do bloco de escadas e elevadores, que atua como barreira intermediária, garantindo maior isolamento e conforto acústico para os espaços.



PLANTA BAIXA - TÉRREO

Figura 66: Diagrama de conforto acústico Térreo
Fonte: AUTOR (2025)



PLANTA BAIXA - PAV. SUPERIOR

Figura 67: Diagrama de conforto acústico Pav. Superior
Fonte: AUTOR (2025)

PROJETO

MULTISSENSORIALIDADE

Figura 68: Imagem ilustrativa
Fonte: Google Gemini (2025)

MULTISSENSORIALIDADE

Sistemas adotados por Gibson
Desenho universal

Figura 69: Renderização da Fachada Leste
Figura 70: Renderização da Fachada Leste
Fonte: AUTOR (2025)

A arquitetura, ao a criar algo novo, inevitavelmente gera novas sensações nos usuários que irão vivenciar e percorrer seus espaços. Nesse sentido, a análise multissensorial busca correlacionar as soluções projetuais adotadas com fundamentos teóricos da neuroarquitetura e do desenho universal.

Partindo do princípio da análise do desenho universal aplicado à arquitetura em sua escala volumétrica, e não apenas ao mobiliário ou utensílios de design, observa-se que no acesso pela Avenida Cabo Branco, o projeto contempla princípios como uso simples e intuitivo, informação perceptível, baixo esforço físico, além de dimensões e espaços adequados para a aproximação e uso. Esses aspectos foram avaliados especificamente em relação à experiência da pessoa idosa, garantindo clareza na compreensão do clube e de seu acesso principal.

Sob a ótica da Gibson e sua sistematização sobre os sistemas perceptivos humanos, torna-se essencial compreender a arquitetura, o ambiente e o entorno como um produto único e integrado, capaz de gerar uma experiência multissensorial completa. Nesse contexto, o acesso pela Avenida Cabo Branco foi desenvolvido a partir de diferentes estratégias:

VISÃO: A proposta parte do uso da visão focal, que direciona o olhar para o eixo central de acesso, criando um caminho em destaque que conduz naturalmente o usuário até a recepção. Em paralelo, a visão periférica é estimulada pelos ritmos estruturais das proteções solares e pelo paisagismo lateral, elementos que reforçam a noção de percurso sem desviar a atenção do foco principal.
BÁSICO DE ORIENTAÇÃO: A clareza espacial é garantida pela própria organização volumétrica do acesso, cuja leitura é direta e legível. Essa solução reforça a percepção do eixo de entrada, tornando-o facilmente identificável e favorecendo a orientação dos usuários.
PALADAR-OLFATIVO: A implantação de árvores frutíferas, como o pé de acerola, libera aromas que evocam memórias afetivas e fortalecem os vínculos emocionais com o espaço.
AUDIÇÃO: Não foram previstas intervenções diretas, permitindo que o entorno natural prevaleça. A proximidade com o mar atua como um “ruído relaxante”, incorporando o som das ondas à ambiência do projeto.
HÁPTICO: A escolha de materiais como madeira, cores terrosas e texturas aplicadas em paredes pintadas intensifica a sensação de aconchego, estimulando percepções táteis mais acolhedoras.

MULTISSENSORIALIDADE

Sistemas adotados por Gibson
Desenho universal

Figura 71: Renderização do salão do restaurante
Figura 72: Renderização da varanda do restaurante
Fonte: AUTOR (2025)

Nos ambientes destinados ao Restaurante, os princípios do Desenho Universal aparecem principalmente na concepção das circulações, garantindo uso simples e intuitivo, informação perceptível, baixo esforço físico e dimensões adequadas para abordagem e uso. Em ambos os salões, a clareza espacial é reforçada pelo fato de serem espaços livres de pilares e com permeabilidade visual entre os ambientes, o que facilita a comunicação e a orientação do usuário. Assim, o princípio do baixo esforço físico é contemplado pela implantação do restaurante totalmente no térreo, sem desníveis, assegurando plena acessibilidade.

Na perspectiva dos sistemas perceptivos de Gibson, observa-se uma diferenciação entre os dois ambientes:

- **VISÃO:** No salão interno, a visão é guiada por um objeto focal, representado pelo aquário central, que organiza o espaço em torno de si. Já no salão externo, a estratégia é voltada à visão periférica, proporcionada pelo pergolado com vegetação, que dilui o foco visual e induz a um estado de relaxamento.
- **HÁPTICO:** A materialidade busca criar sensações acolhedoras em ambos os espaços, ainda que com abordagens distintas. O ambiente externo tende a ser percebido como mais quente, marcado pela ventilação contínua e pela presença da madeira. No interno, prevalecem sensações mais frias, reforçadas pelas cores azul e branca nas paredes, pelo grande aquário e pelo vidro texturizado que separa o restaurante do corredor do clube.
- **BÁSICO DE ORIENTAÇÃO:** Beneficiado pela ausência de pilares e paredes, o espaço mantém uma leitura clara e aberta. A única barreira visual, o aquário, possui transparência moderada, mas não suficiente para comprometer a legibilidade espacial.
- **PALADAR-OLFATIVO:** Como esperado para um restaurante, o próprio programa contribui com aromas que permeiam o ambiente, reforçando a experiência sensorial.
- **AUDIÇÃO:** No salão interno, haverá música ambiente para complementar a experiência, enquanto no externo, o som predominante será o do entorno, especialmente a proximidade com o mar, que se torna parte da ambiência relaxante.

MULTISSENSORIALIDADE

Sistemas adotados por Gibson
Desenho universal

Figura 73: Renderização da circulação principal
Figura 74: Renderização da circulação principal
Fonte: AUTOR (2025)

Nos eixos de circulação, os princípios do Desenho Universal também se fazem presentes. A legibilidade do espaço garante uso simples e intuitivo, informação perceptível e dimensões adequadas para abordagem e uso. A própria arquitetura, ao se configurar em um eixo central de circulação, já promove a clareza espacial, que é reforçada pela intervenção de comunicação visual, assegurando uma orientação inequívoca para o usuário. Além disso, a circulação foi projetada sem desníveis, contemplando o princípio do baixo esforço físico e garantindo plena acessibilidade.

Sob a ótica da teoria perceptiva de Gibson, a análise multissensorial revela estratégias específicas:

- **VISÃO E BÁSICO DE ORIENTAÇÃO:** a clareza espacial é favorecida pelo fato de o volume estruturar-se em torno de um único corredor central, de fácil leitura. A distinção cromática também atua como recurso de orientação: os acessos à biblioteca e capela recebem a cor terracota, associada a espaços de caráter mais intimista, enquanto os ateliês utilizam o bege, sinalizando áreas de criação e atividades práticas. Essa diferenciação possibilita que o usuário compreenda a função dos ambientes apenas pela cor, reforçando a orientação visual.
- **HÁPTICO:** a diferenciação tátil é trabalhada nas paredes laterais, a partir de diferentes materiais e acabamentos. Na parede destinada à convivência, onde se encontram sofás e o acesso aos banheiros, são aplicados elementos como cerâmica e vidro canelado, conferindo textura e variedade ao toque. Já a parede de acesso aos ambientes de atividade é marcada por pintura em terracota e bege, cada qual associada a uma textura distinta. Essa solução, inspirada em referenciais projetuais, amplia as possibilidades de percepção espacial, beneficiando tanto pessoas com baixa visão quanto cegos totais.
- **PALADAR-OLFATIVO:** nos eixos de circulação não há árvores frutíferas, mas esse sentido pode ser estimulado de forma pontual dentro dos ambientes internos, como o uso de óleos essenciais, ou ainda de forma natural pelas próprias atividades desenvolvidas nos ateliês, que podem gerar aromas específicos associados à experiência.
- **AUDIÇÃO:** sua aplicação se mostra mais relevante em ambientes específicos, como biblioteca e capela, onde será incorporado ruídos brancos ou música ambiente para reforçar a atmosfera proposta. Nos ateliês, entretanto, não há a mesma necessidade de intervenção, permitindo que a dinâmica das atividades determine o ambiente sonoro.

MULTISSENSORIALIDADE

Sistemas adotados por Gibson
Desenho universal

Figura 75: Renderização do pátio interno
Figura 76: Renderização do pátio interno
Fonte: AUTOR (2025)

O pátio interno, possivelmente a área de maior concentração de usuários, foi concebido como um espaço destinado à socialização, à criação de vínculos e ao relaxamento. Sob a ótica do Desenho Universal, trata-se de um ambiente de uso simples e intuitivo, pensado para repouso e convívio. As dimensões foram projetadas de acordo com a NBR 9050:2021, garantindo passagens de no mínimo 1,50m, variando conforme a necessidade de circulação ou permanência. Inclusive, o princípio do baixo esforço físico está presente na decisão de não criar desníveis, assegurando acessibilidade plena.

Sob a ótica da teoria de Gibson, a análise multissensorial revela estratégias específicas:

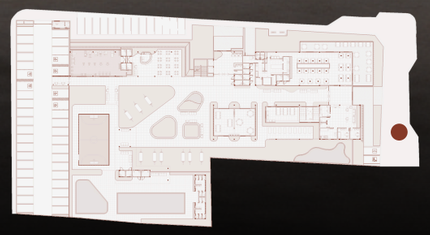
- **VISÃO:** A visão periférica é a protagonista, ao contrário de outras áreas do projeto. Ela possibilita ao usuário um descanso tanto visual quanto corporal, criando uma percepção ampla e relaxada do espaço.
- **HÁPTICO:** Se manifesta na conexão direta com a natureza viva. O usuário pode caminhar descalço na grama, sentir a terra e explorar texturas distintas, vivenciando estímulos táteis variados.
- **PALADAR-OLFATIVO:** Esse estímulo é proporcionado pela presença de árvores frutíferas, como mangueiras e cajueiros, que além de oferecerem aromas marcantes, evocam memórias afetivas relacionadas ao sabor e ao olfato. Essas espécies serão implantadas nos canteiros do recuo lateral, fora do eixo de circulação.
- **AUDIÇÃO:** É ativado pelo som natural do vento nas copas das árvores e pelo movimento suave da água em um pequeno lago, criando uma ambiência sonora de relaxamento.
- **BÁSICO DE ORIENTAÇÃO:** É garantido pela paginação de piso que direciona os fluxos de circulação e pela ausência de paredes obstrutivas. Apenas a vegetação, em certos ângulos, atua como filtro parcial da visão, sem comprometer a clareza espacial.

RECEPÇÃO 01

Figura 77: Acesso Av. Cabo Branco

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

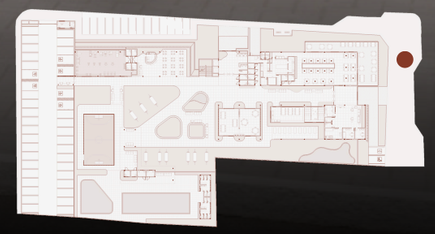


RECEPÇÃO 01

Figura 78: Acesso Av. Cabo Branco

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

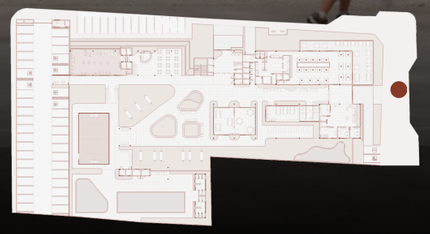


RECEPÇÃO 01

Figura 79: Acesso Av. Cabo Branco

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



RECEPÇÃO 02

Figura 80: Acesso Rua José Ramalho Brunet

Fonte: AUTOR (2025)

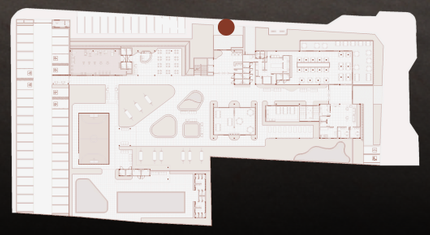
Localização

RECEPÇÃO 02

Figura 81: Acesso Rua José Ramalho Brunet

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

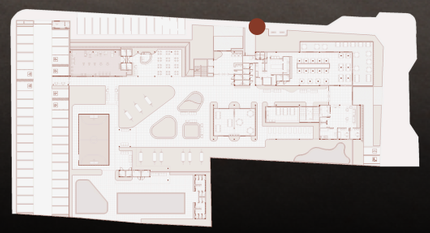


RECEPÇÃO 02

Figura 82: Acesso Rua José Ramalho Brunet

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



RECEPÇÃO 01

Figura 83: Acesso Restaurante

Fonte: AUTOR (2025)

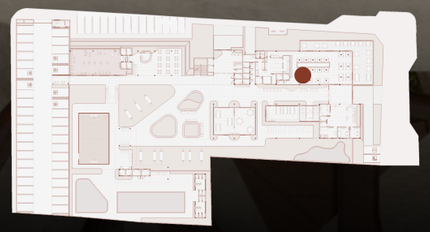
Localização

RESTAURANTE

Figura 84: Salão principal

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

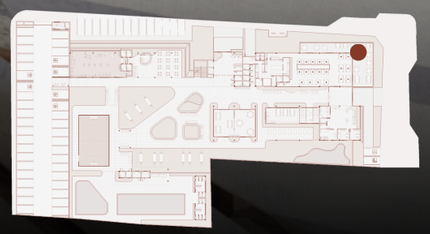


RESTAURANTE

Figura 85: Varanda restaurante

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



RECEPÇÃO 01

Figura 86: Acesso clube

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

RECEPÇÃO 01

Figura 87: Acesso capela

Fonte: AUTOR (2025)

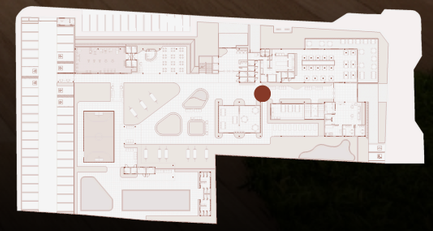
Localização

CIRCULAÇÃO

Figura 88: Eixo com acesso as atividades cognitivas

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

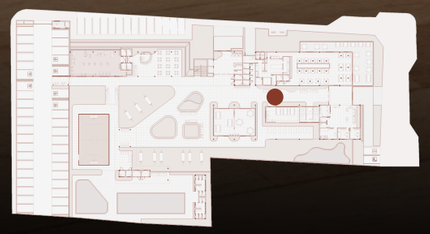


CIRCULAÇÃO

Figura 89: Acesso biblioteca

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



CIRCULAÇÃO

Figura 90: Vista ateliês 01 e 02

Fonte: AUTOR (2025)

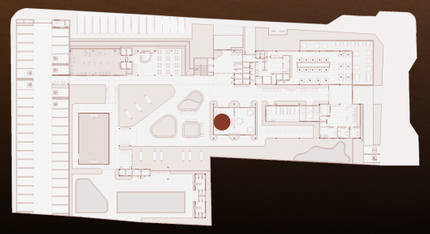
Localização

ATELIÊ 01

Figura 91: Atividades coletivas

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

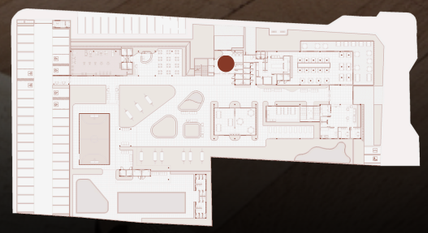


RECEPÇÃO 02

Figura 92: Entrada para o clube

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

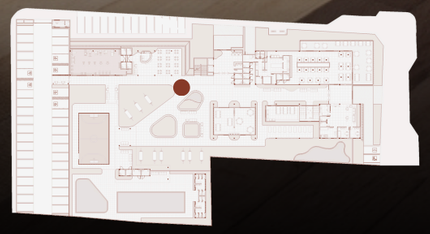


PÁTIO INTERNO

Figura 93: Área de circulação

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



PÁTIO INTERNO

Figura 94: Espaço para convívio

Fonte: AUTOR (2025)

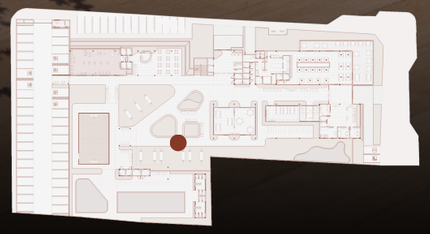
Localização

PÁTIO INTERNO

Figura 95: Redário

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

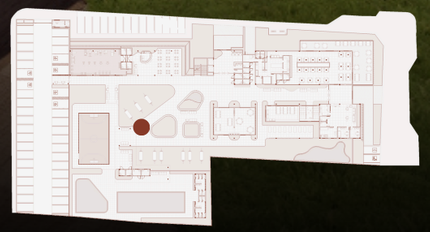


APOIO ATIVIDADES

Figura 96: Área de convívio

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

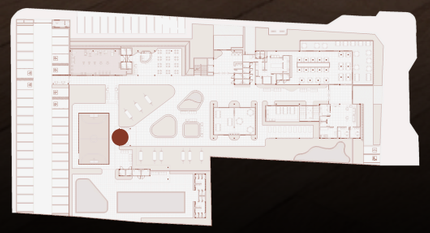


CIRCULAÇÃO

Figura 97: Apoio atividades físicas

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

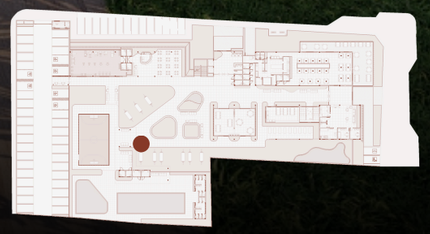


PÁTIO INTERNO

Figura 98: Espaço de convivência

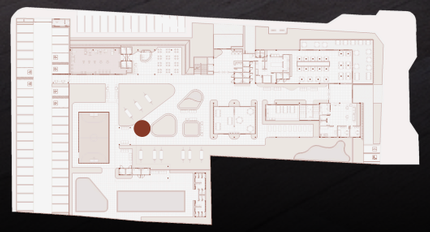
Fonte: AUTOR (2025)

Localização



PÁTIO INTERNO
Figura 99: Redário
Fonte: AUTOR (2025)

Localização

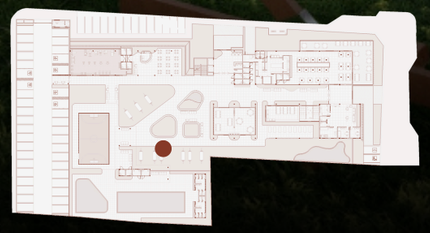


PÁTIO INTERNO

Figura 100: Redário

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



ÁREA DE ATIVIDADES FÍSICAS

Figura 101: Psicinas 01 e 02

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

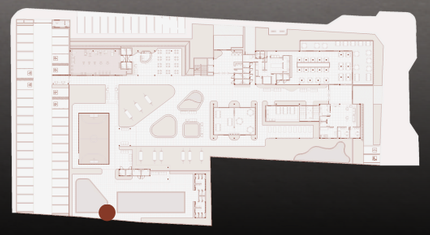
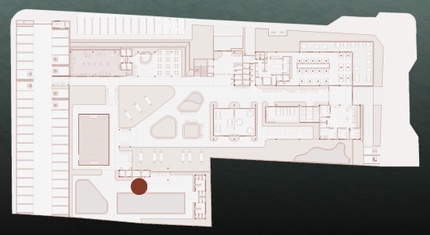


Figura 102: Psicinas e vestiários

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



RECEPÇÃO 03

Figura 103: Acesso ao clube pelo estacionamento

Fonte: AUTOR (2025)

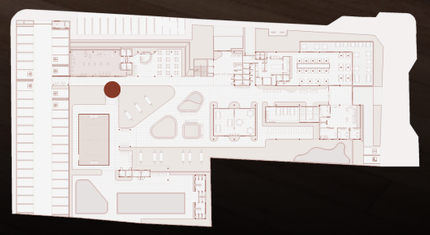
Localização

CIRCULAÇÃO

Figura 104: Vista para academia

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



CIRCULAÇÃO

Figura 105: Vista para academia

Fonte: AUTOR (2025)

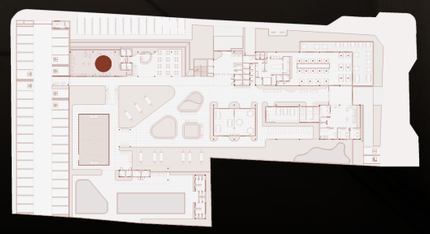
Localização

ACADEMIA

Figura 106: Espaço de atividade física

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

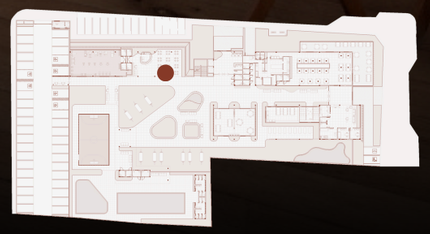


CAFÉ

Figura 107: Espaço de convívio

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

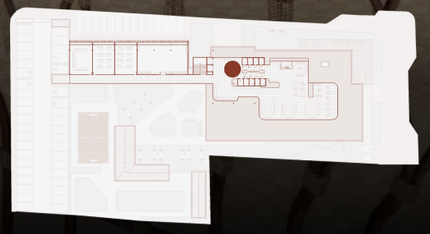


HALL ELEVADOR

Figura 108: Espaço para convívio

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

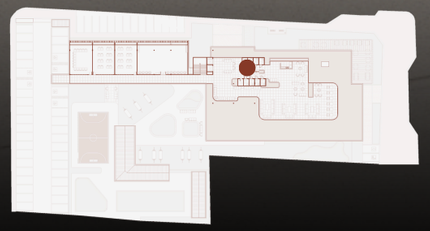


ÁREA DE APOIO

Figura 109: Banheiros Pav. Superior

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

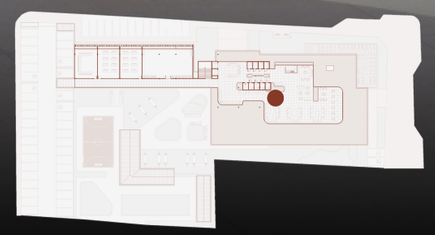


SOLÁRIO

Figura 110: Área de convívio

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

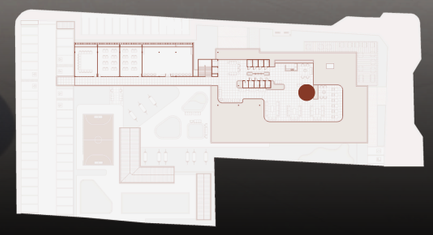


SOLÁRIO

Figura 111: Área de convívio

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

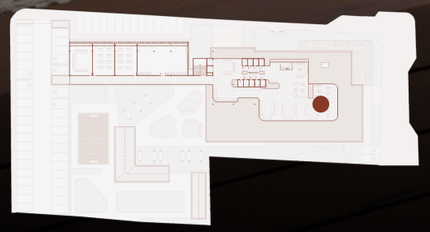


SOLÁRIO

Figura 112: Área de convívio

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

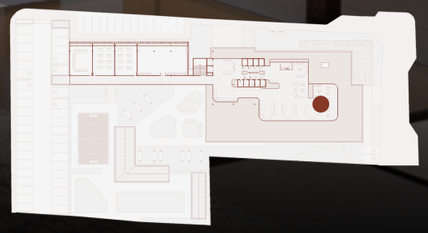


SOLÁRIO

Figura 113: Área de convívio

Fonte: AUTOR (2025)

Localização

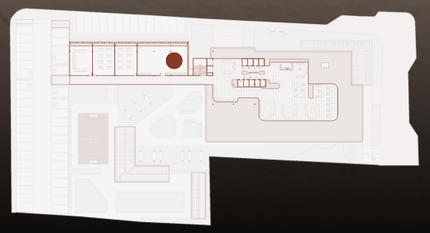


SALÃO

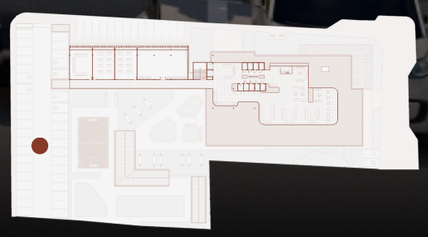
Figura 114: Área de atividade

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



Localização



VISTA DE DRONE

Figura 115: Estacionamento

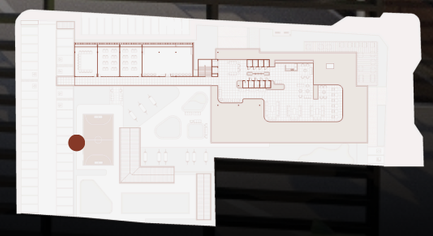
Fonte: AUTOR (2025)

VISTA DE DRONE

Figura 116: Área interna

Fonte: AUTOR (2025)

Localização



VISTA DE DRONE

Figura 117: Área do clube

Fonte: AUTOR (2025)

CONCLUSÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso buscou refletir sobre o papel da arquitetura no processo de envelhecimento ativo, reconhecendo a necessidade de espaços que favoreçam a inclusão, a autonomia e o bem-estar das pessoas idosas. A elaboração do anteprojeto de um clube em João Pessoa-PB permitiu articular conceitos de acessibilidade, neuroarquitetura e desenho universal em uma proposta que vai além da funcionalidade, valorizando a experiência sensorial e emocional dos usuários.

Ao longo da pesquisa e do desenvolvimento projetual, constatou-se que a arquitetura, quando orientada por princípios inclusivos, pode atuar como agente transformador, promovendo não apenas encontros sociais, mas também estímulos físicos, cognitivos e afetivos capazes de fortalecer vínculos e reduzir o isolamento. Dessa forma, o clube se apresenta como um espaço de convivência que reafirma a dignidade da pessoa idosa e amplia suas possibilidades de participação ativa na sociedade.

Embora se trate de um anteprojeto, o trabalho evidencia a importância de incorporar a temática do envelhecimento nas práticas arquitetônicas e urbanísticas contemporâneas, apontando caminhos para soluções mais humanas, acessíveis e integradoras. Nesse sentido, espera-se que a proposta apresentada contribua para o debate sobre o papel social da arquitetura e inspire futuros desdobramentos acadêmicos e profissionais voltados à criação de ambientes que acolham a diversidade e fortaleçam a qualidade de vida em todas as fases da existência.

FAÇA SUA (P)ARTE

QUALIDADE DE VIDA E ENVELHECIMENTO ATIVO

Figura 118: Imagem ilustrativa
Fonte: Acervo de imagens do Canva.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, James S. The Villa: Form and Ideology of Country Houses. Princeton: Princeton University Press, 1991.

AGÊNCIA GOV – Social e Políticas Públicas. Projeção do IBGE mostra que população do país vai parar de crescer em 2041. Agência Gov Social e Políticas Públicas, Brasília, 22 ago. 2024. Disponível em: https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202408/populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041. Acesso em: 25 jul. 2025.

ALLEYNE, G.A.O. Healthy and Quality of Life In: Revista Panamericana de Salud Publica, v. 9 (1), p. 1-6, 2001

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050:2021 — Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6118:2014 — Projeto de estruturas de concreto — Procedimento : Rio de Janeiro: ABNT, 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Panorama do Censo 2022: mapas – recorte bairros, tema população, localidade 2507507. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?recorte=bairros&tema=populacao&localidade=2507507. Acesso em: 21/09/2025

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Nota Informativa nº 5/2023: envelhecimento e o direito ao cuidado. Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família. Brasília, dez. 2023.

CAPOTE MARCONDES LONGO ARQUITETURA E URBANISMO. Fitness Center / Capote Marcondes Longo Arquitetura e Urbanismo. ArchDaily Brasil, 25 jan. 2025. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/1011512/fitness-center-capote-marcondes-longo-arquitetura-e-urbanismo?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 25 jul. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. O medo de envelhecer. 15 mar. 2009. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1503200908.htm. Acesso em: 25 jul. 2025.

FRANCISCO, Paulo César Moura; MENEZES, Alexandre Monteiro de. Design universal, acessibilidade e espaço construído. Construindo, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 25–29, jan./jun. 2011.

GIBSON, James J. The senses considered as perceptual systems. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

GONÇALVES, Tati. Arquitetura sensorial para uma experiência memorável. Cerejeira Arquitetura, 05 nov. 2020. Disponível em: https://www.cerejeiraarquitetura.com.br/post/arquitetura-sensorial-para-uma-experi%C3%AAncia-memor%C3%A1vel. Acesso em: 25 jul. 2025.

HESCHONG, Lisa. Thermal delight in architecture. Cambridge, MA: MIT Press, 1979.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 27 out. 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos . Acesso em: 25 jul. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022: Projeção do IBGE mostra que população do país vai parar de crescer em 2041. Agência de Notícias IBGE, 22 agosto 2024.
Disponível em: https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202408/populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041 . Acesso em: 25 jul. 2025.

JOÃO PESSOA (PB). Lei complementar nº 166, de 29 de abril de 2024. Dispõe sobre o zoneamento e o uso e ocupação do solo no município de João Pessoa/PB – LUOS, e dá outras providências. Diário Oficial do Município de João Pessoa, João Pessoa, 2024, n. 0523 (suplemento), 6 maio 2024.

LIMA, Antonio Balbino Marçal (org.). Ensaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Ilhéus, BA: Editus, 2014. Disponível em: . Acesso em: https://books.scielo.org/id/pcd44/pdf/lima-9788574554440.pdf. Acesso em: 25 jul. 2025.

MARCHIORI, G. F., DIAS, F. A. & TAVARES, D. M. S. (2013). Qualidade de vida entre idosos com e sem companheiros. Revista de enfermagem UFPE, 7(4), 1098-1106.

REFERÊNCIAS

MARQUES, Luciana Bicalho. Arquitetura e ambiência hospitalar: contribuições para o bem-estar térmico e afetivo dos usuários. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011. Tese de doutorado.

MERINO, Giselle Schmidt Alves Díaz. Metodologia para a prática projetual do design: com base no Projeto Centrado no Usuário e com ênfase no Design Universal. 2014. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Guia de Cuidados para a Pessoa Idosa [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Gestão do Cuidado Integral, 2023.

NEVES, Juliana Duarte. Arquitetura sensorial: a arte de projetar para todos os sentidos. São Paulo: Maud X, 2017.

NORD ARCHITECTS. Vila para pessoas com Alzheimer / NORD Architects. ArchDaily Brasil, 16 dez. 2021. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/974060/vila-para-pessoas-com-alzheimer-nord-architects?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 25 jul. 2025.

OMS. Promoción de la salud: glosario. Genebra: OMS, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Envelhecimento Ativo, Um Projeto de Política de Saúde. Madrid: OMS, 2002.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília: OPAS, 2005.

PAIVA, Andréa de. Como a Neuroarquitetura transforma a forma de projetar. 2018.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PARAÍBA. Paraíba tem maior índice de idosos do NE. Jornal A União, 30 out. 2023. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_paraiba/paraiba-tem-maior-indice-de-idosos-do-ne. Acesso em: 25 jul. 2025.

PORTO, Camila Feldberg; REZENDE, Edson José Carpintero. Terceira idade, design universal e aging-in-place. Estudos em Design, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 152–168, 2016

PROJETEEE. Dados Climáticos. Disponível em: https://projeteee.mme.gov.br/dados-climaticos/. Acesso em: 29 set. 2025.

REBELLLO, Yopanan Conrado Pereira. Bases para projeto estrutural na arquitetura. 2. ed. São Paulo: Zigurate Editora e Comercial Ltda, 2007.

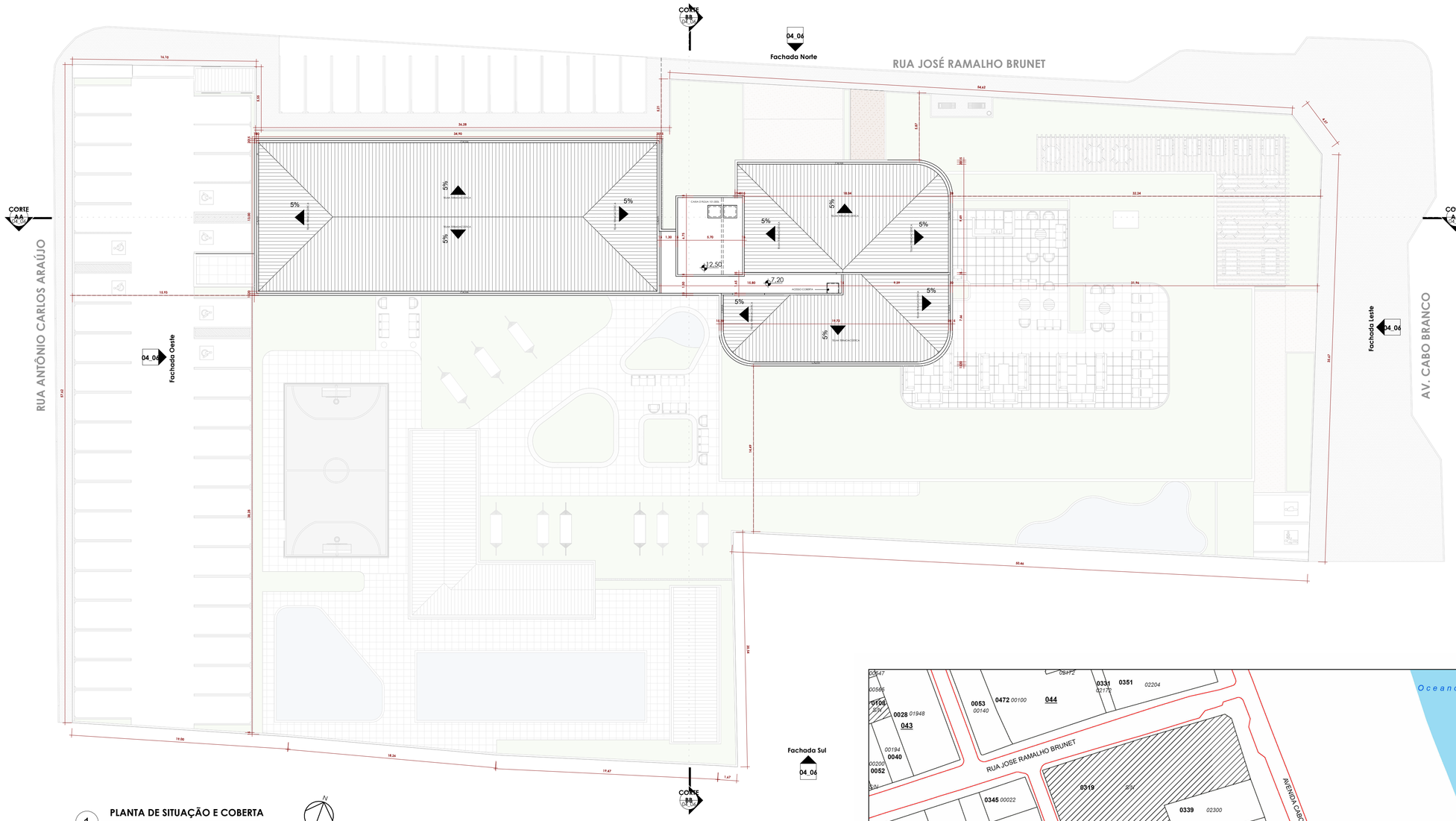
ROLIM, Flávia Sattolo. Atividade física e os domínios da qualidade de vida e do autoconceito no processo de envelhecimento. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

SEALAB. Escola para Crianças Cegas e Deficientes Visuais / SEAlab. ArchDaily Brasil, 2021. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/985031/escola-para-criancas-cegas-e-deficientes-visuais-sealab?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 25 jul. 2025.

TEIXEIRA, Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira. Revisão da literatura sobre conceitos e definições de fragilidade em idosos. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, Fortaleza, v. 21, n. 4, p. 297–305, 2008.

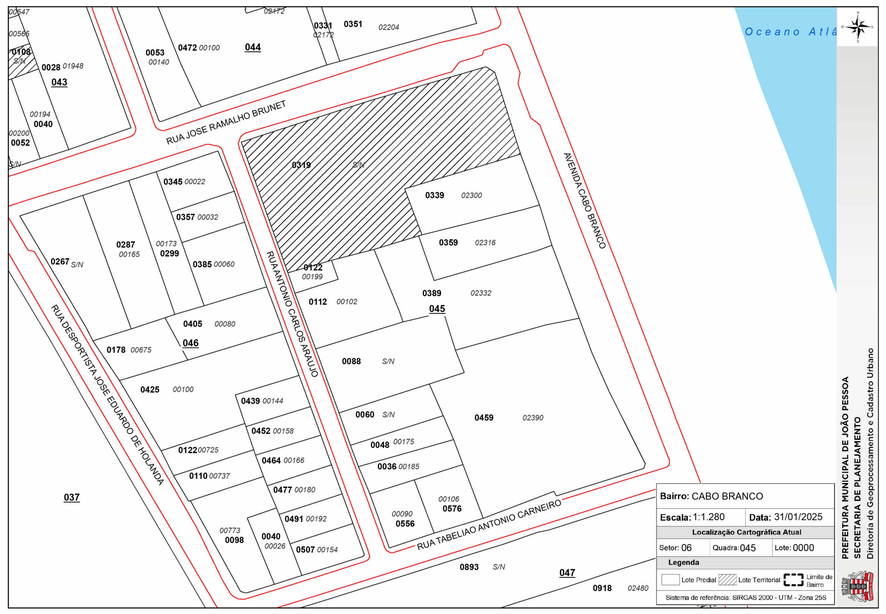
WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Social Isolation and Loneliness. Social Determinants of Health – Demographic Change and Healthy Ageing. Genève: WHO, 30 jun. 2025. Disponível em: https://www.who.int/teams/social-determinants-of-health/demographic-change-and-healthy-ageing/social-isolation-and-loneliness. Acesso em: 25 jul. 2025.

APÊNDICES



1 **PLANTA DE SITUAÇÃO E COBERTA**

1 : 200



TÉRREO		
01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,60 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha	36,58 m²
14	Limpeza Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	49,35 m²
32	Ateliê 02	48,15 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Piscina	72,97 m²
43	Piscina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC GUARITA	2,80 m²
P.AV. SUPERIOR		
53	Hall elevador	137,25 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Salário	307,11 m²
65	Salão	131,79 m²
66	Sala 01	57,22 m²
67	Sala 02	57,18 m²
68	Sala 03	58,88 m²
		2414,32 m²

ÁREA CONSTRUÍDA = 2.788 m²

ÁREA PERMEÁVEL = 30%

TAXA DE OCUPAÇÃO = 35%

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO = 0,51

ESCALA GRÁFICA

ESC: 1 : 200

1 M 5 M 10 M

Hugo Eduardo Vieira do Egito

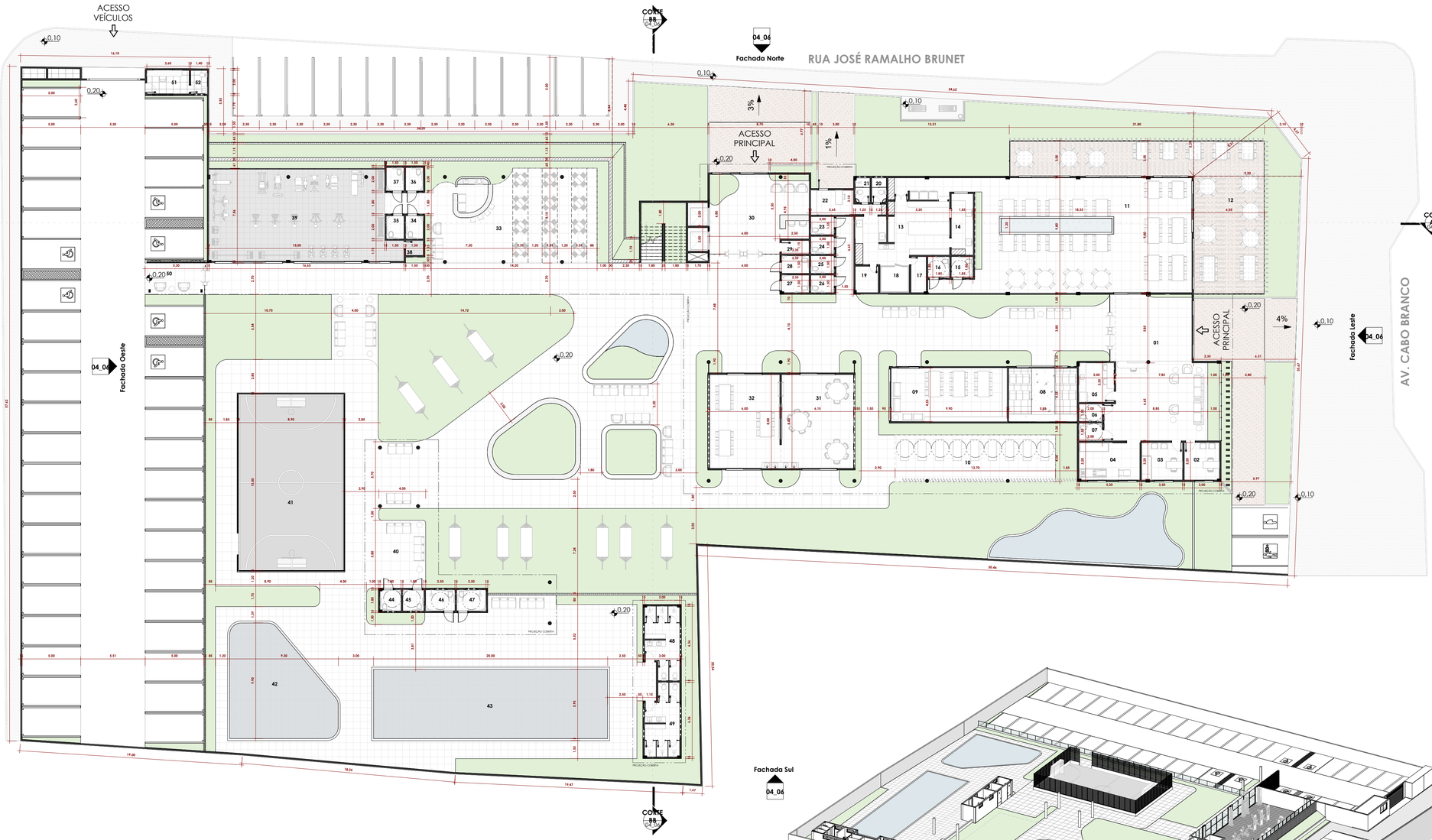
ATIVA - QUALIDADE DE VIDA

PLANTA DE COBERTA

Número do projeto	10
Data	30/09/2025
Desenhadas por	Hugo Eduardo V. Do Egito
Orientado por	Profª. Drª. Amélia Panet

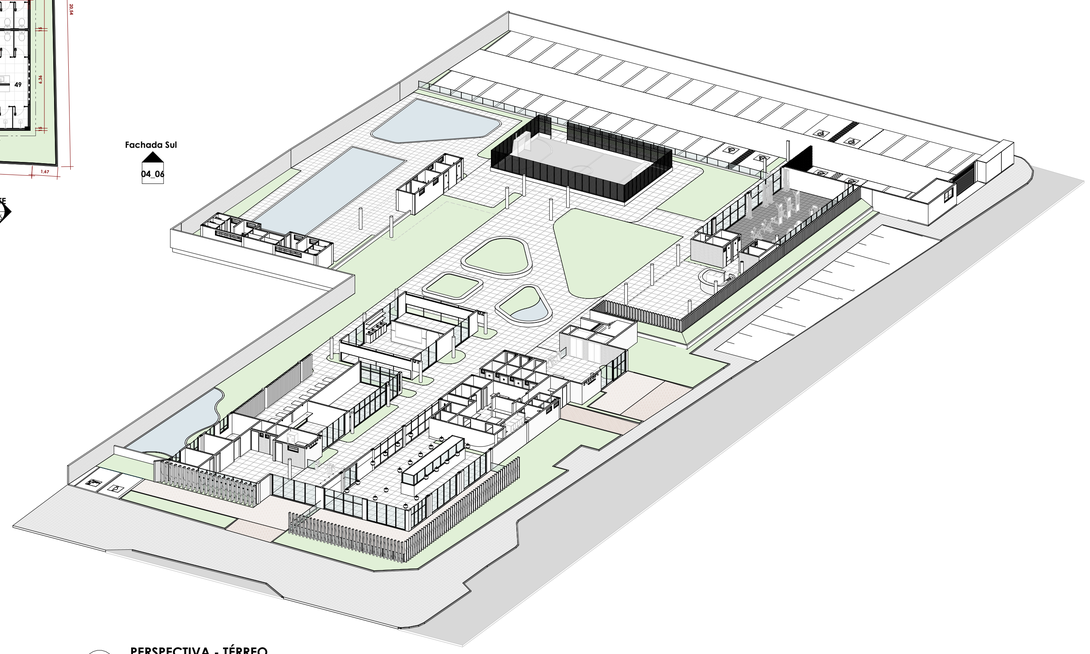
01_06

Escala: Como indicado



1 **PLANTA BAIXA - TÉRREO +0,20**

1 : 200



2 **PERSPECTIVA - TÉRREO**

TÉRREO

01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,60 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha	36,58 m²
14	Limpeza Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	49,35 m²
32	Ateliê 02	48,15 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Pscina	72,97 m²
43	Psicina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC GUARITA	2,80 m²
PAV. SUPERIOR		
53	Hall elevador	137,25 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Salário	307,11 m²
65	Salão	131,79 m²
66	Sala 01	57,22 m²
67	Sala 02	57,18 m²
68	Sala 03	58,88 m²
		2414,32 m²

ÁREA CONSTRUÍDA = 2.788 m²

ÁREA PERMEÁVEL = 30%

TAXA DE OCUPAÇÃO = 35%

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO = 0,51

ESCALA GRÁFICA

ESC: 1 : 200

1 M 5 M 10 M

Hugo Eduardo Vieira do Egito

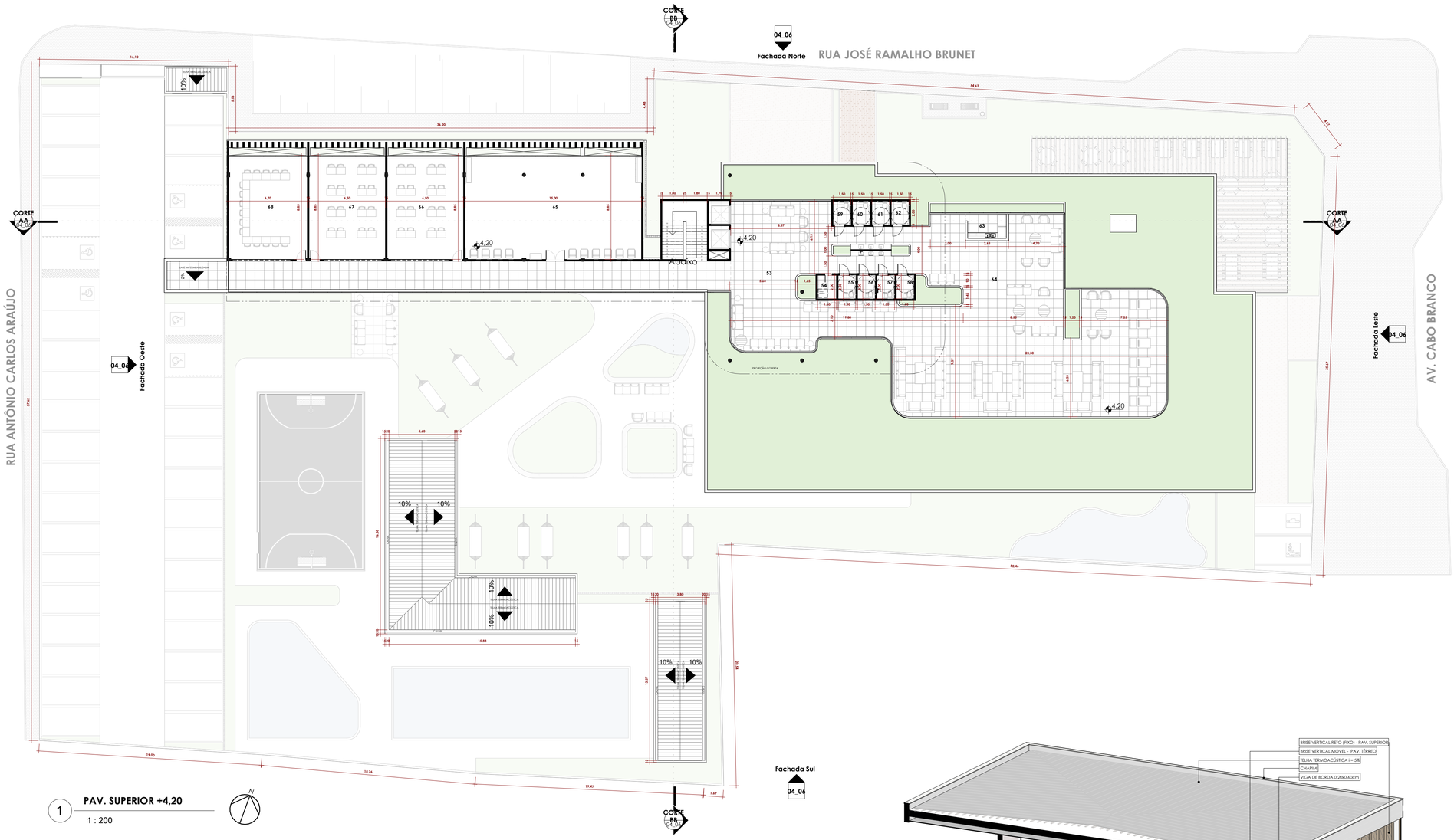
ATIVA - QUALIDADE DE VIDA

PLANTA BAIXA - TÉRREO

Número do projeto	10
Data	30/09/2025
Desenhadas por	Hugo Eduardo V. Do Egito
Orientado por	Profª. Drª. Amélia Panet

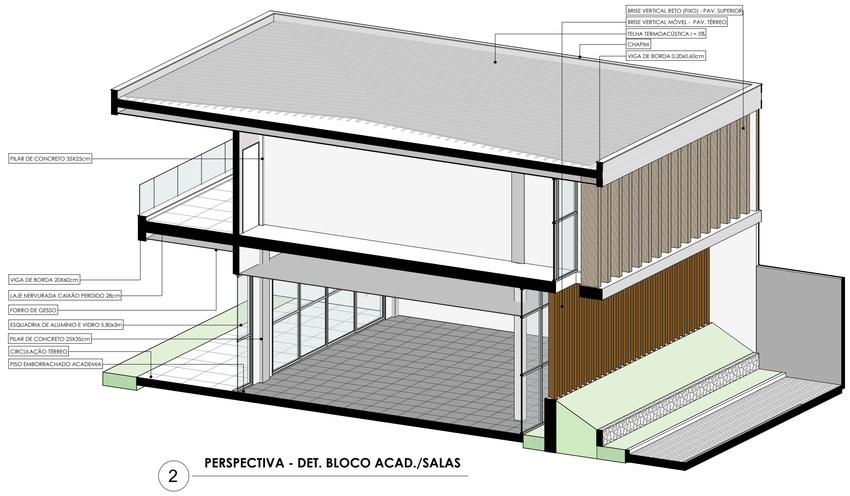
02_06

Escala: Como indicado



1 **PAV. SUPERIOR +4,20**

1 : 200



2 **PERSPECTIVA - DET. BLOCO ACAD./SALAS**

TÉRREO		
01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,60 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha	36,58 m²
14	Limpeza Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	49,35 m²
32	Ateliê 02	48,15 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Piscina	72,97 m²
43	Piscina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC GUARITA	2,80 m²
PAV. SUPERIOR		
53	Hall elevador	137,25 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Solário	307,11 m²
65	Salão	131,79 m²
66	Sala 01	57,22 m²
67	Sala 02	57,18 m²
68	Sala 03	58,88 m²
		2414,32 m²

ÁREA CONSTRUÍDA = 2,788 m²

ÁREA PERMEÁVEL = 30%

TAXA DE OCUPAÇÃO = 35%

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO = 0,51

ESCALA GRÁFICA
ESC: 1 : 200

1 M 5 M 10 M

Hugo Eduardo Vieira do Egito

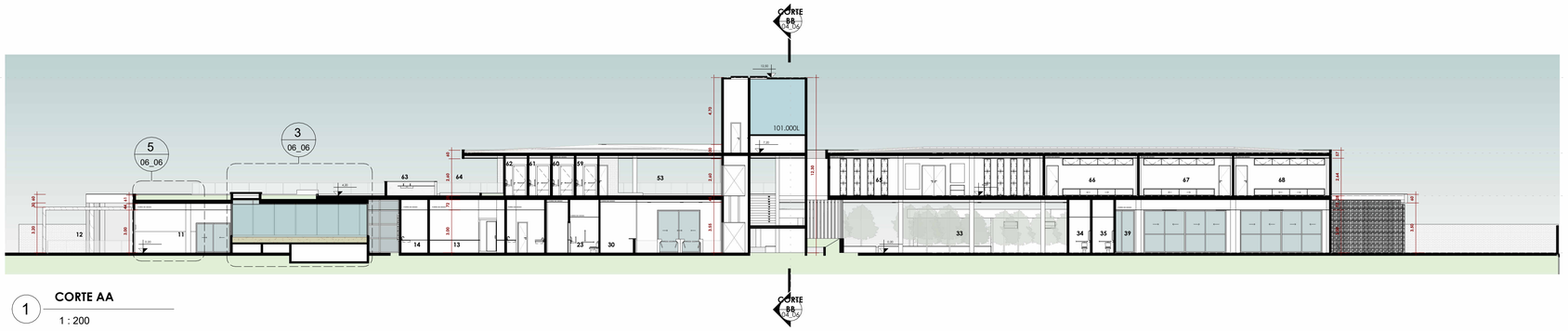
ATIVA - QUALIDADE DE VIDA

PLANTA BAIXA - PAV. SUP.

Número do projeto	10
Data	30/09/2025
Desenhadas por	Hugo Eduardo V. Do Egito
Orientado por	Profª. Drª. Amélia Panet

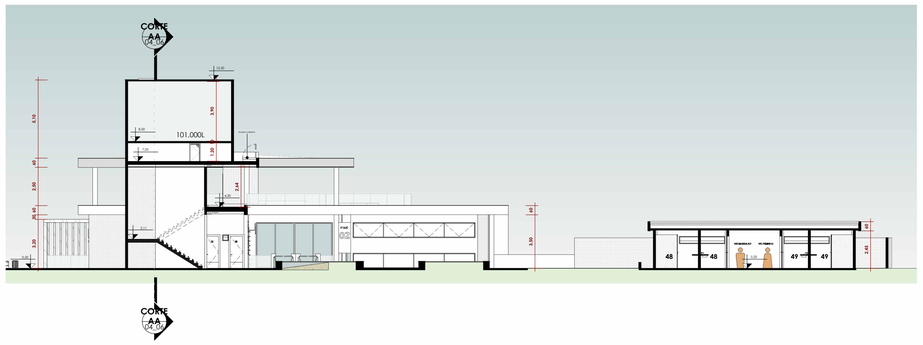
03_06

Escala: Como indicado



1 **CORTE AA**

1 : 200

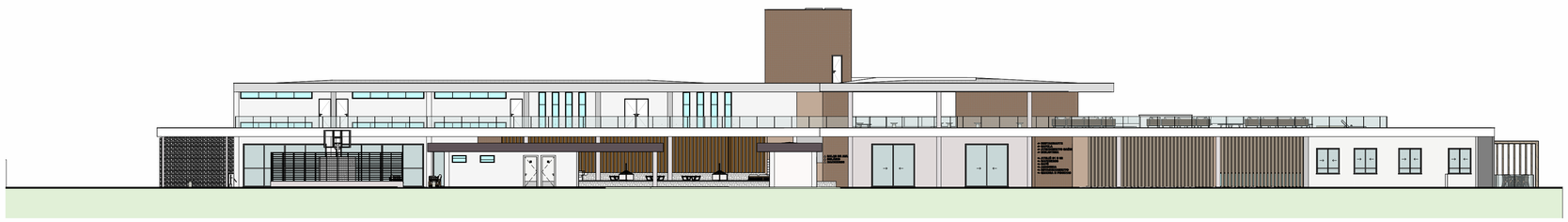


2 **CORTE BB**

1 : 200

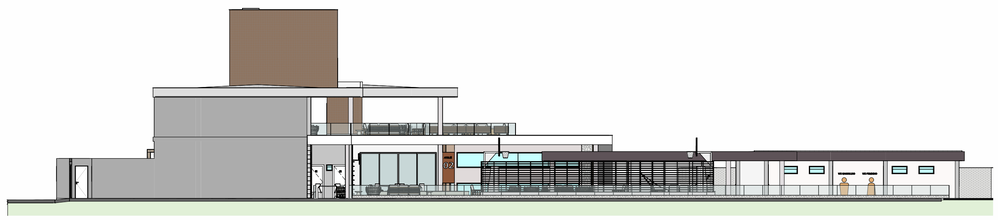
4 **Fachada Norte**

1 : 200



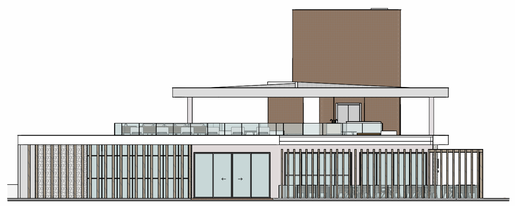
5 **Fachada Sul**

1 : 200



6 **Fachada Oeste**

1 : 200



3 **Fachada Leste**

1 : 200

TÉRREO		
01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,60 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha	36,58 m²
14	Limpeza Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	49,35 m²
32	Ateliê 02	48,15 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Piscina	72,97 m²
43	Piscina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC GUARITA	2,80 m²
PAV. SUPERIOR		
53	Hall elevador	137,25 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Solário	307,11 m²
65	Salão	131,79 m²
66	Sala 01	57,22 m²
67	Sala 02	57,18 m²
68	Sala 03	58,88 m²
		2414,32 m²

ÁREA CONSTRUÍDA = 2.788 m²

ÁREA PERMEÁVEL = 30%

TAXA DE OCUPAÇÃO = 35%

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO = 0,51

ESCALA GRÁFICA

ESC: 1 : 200

1 M 5 M 10 M

Hugo Eduardo Vieira do Egito

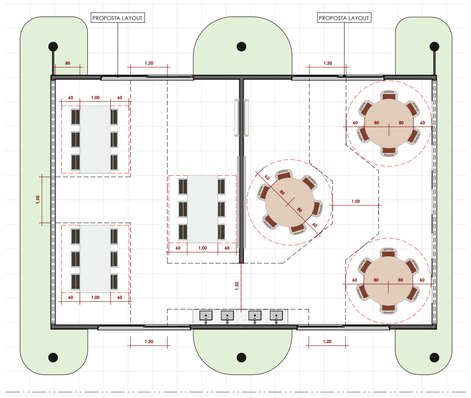
ATIVA - QUALIDADE DE VIDA

CORTES, FACHADAS, DET.

Número do projeto	10
Data	30/09/2025
Desenhadas por	Hugo Eduardo V. Do Egito
Orientado por	Profª. Drª. Amélia Panet

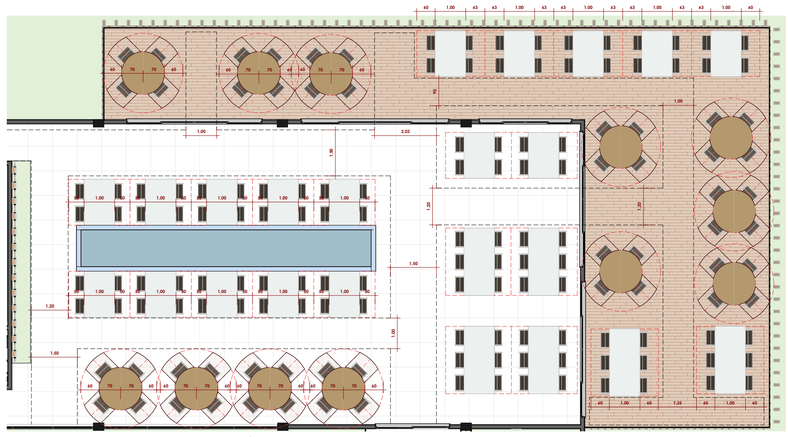
04_06

Escala: Como indicado



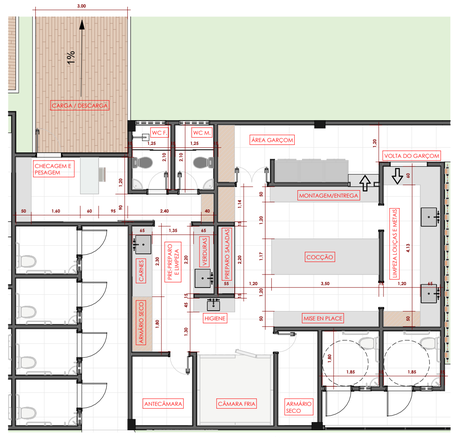
1 **PLANTA BAIXA - ATELIÊ 01-02**

1 : 100



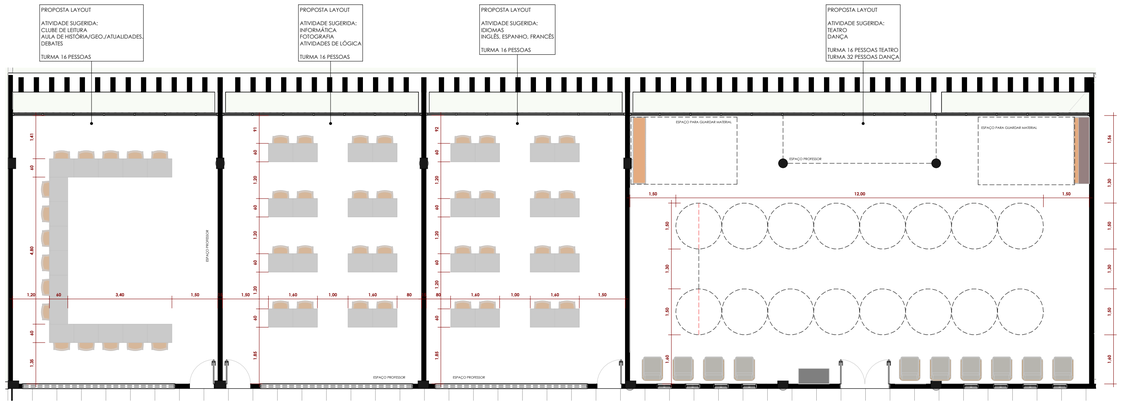
2 **PLANTA BAIXA - RESTAURANTE**

1 : 100



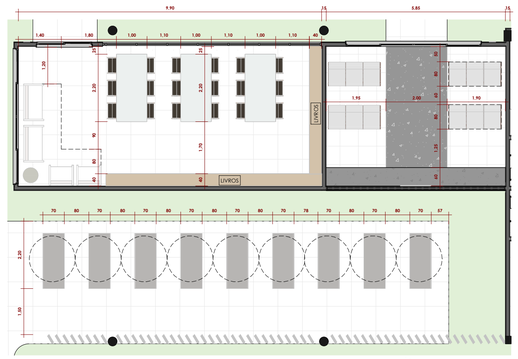
3 **PLANTA BAIXA - COZINHA**

1 : 100



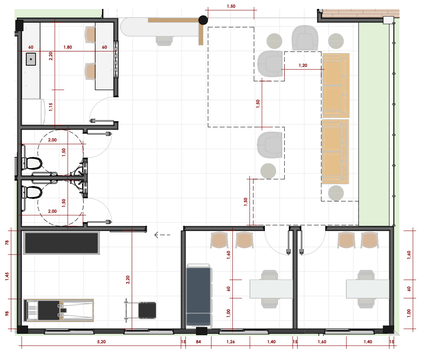
4 **PLANTA BAIXA - PAV. SUP. - SALAS**

1 : 100



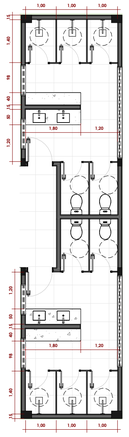
5 **PLANTA BAIXA - BIBLIOTECA / CAPELA / YOGA**

1 : 100



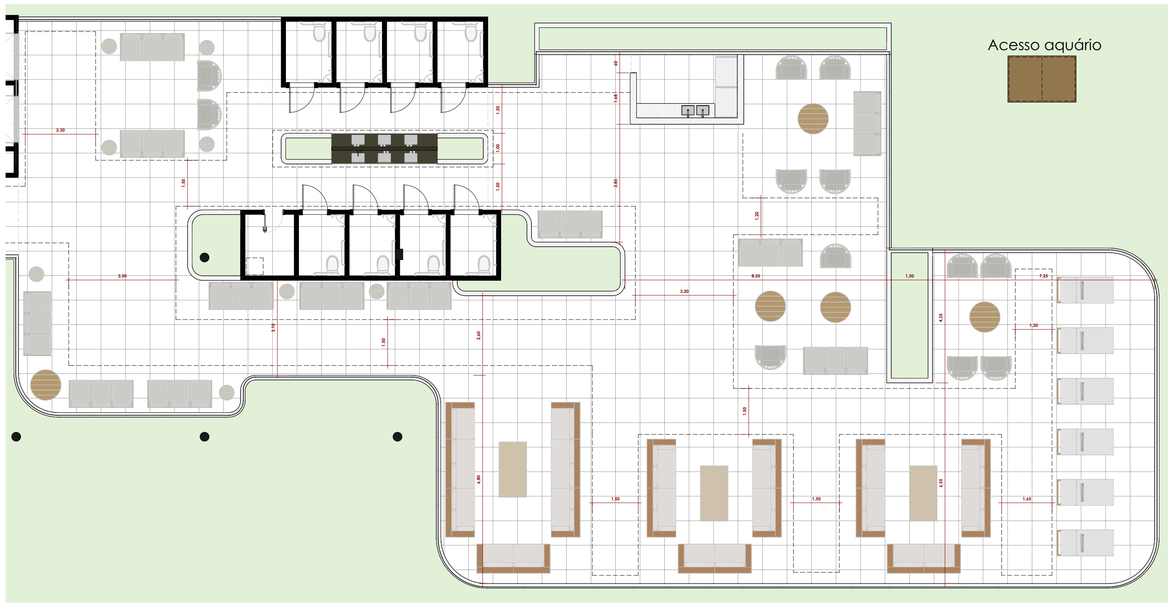
6 **PLANTA BAIXA - RECEPÇÃO E ATENDIMENTO**

1 : 100



7 **PLANTA BAIXA - VESTIÁRIOS**

1 : 100



8 **PLANTA BAIXA - PAV. SUP. - SOLÁRIO**

1 : 100

TÉRREO		
01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,60 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha	36,58 m²
14	Limpeza Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	49,35 m²
32	Ateliê 02	48,15 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Piscina	72,97 m²
43	Piscina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC GUARITA	2,80 m²
PAV. SUPERIOR		
53	Hall elevador	137,25 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Solário	307,11 m²
65	Salão	131,79 m²
66	Sala 01	57,22 m²
67	Sala 02	57,18 m²
68	Sala 03	38,88 m²
		2414,32 m²

ÁREA CONSTRUÍDA = 2.788 m²

ÁREA PERMEÁVEL = 30%

TAXA DE OCUPAÇÃO = 35%

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO = 0,51

ESCALA GRÁFICA - LAYOUT

ESC: 1 : 100

1 M 2 M 4 M 8 M

Hugo Eduardo Vieira do Egito

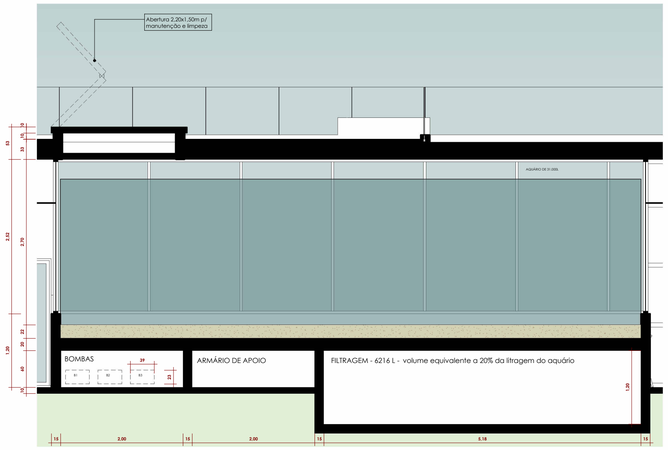
ATIVA - QUALIDADE DE VIDA

PLANTA DE LAYOUT

Número do projeto	10
Data	30/09/2025
Desenhadas por	Hugo Eduardo V. Do Egito
Orientado por	Profª. Drª. Amélia Panet

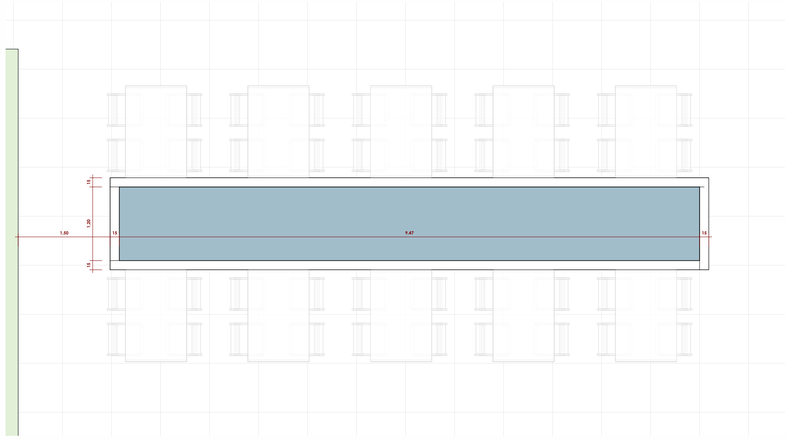
05_06

Escala: Como indicado



3 **CORTE - DETAHLE AQUÁRIO**

1 : 50



4 **PLANTA BAIXA - DET. AQUÁRIO**

1 : 50

PRÉ-CÁLCULO AQUÁRIO

Cálculo de vazão
31.000 L x 5 = 155.000 L/h

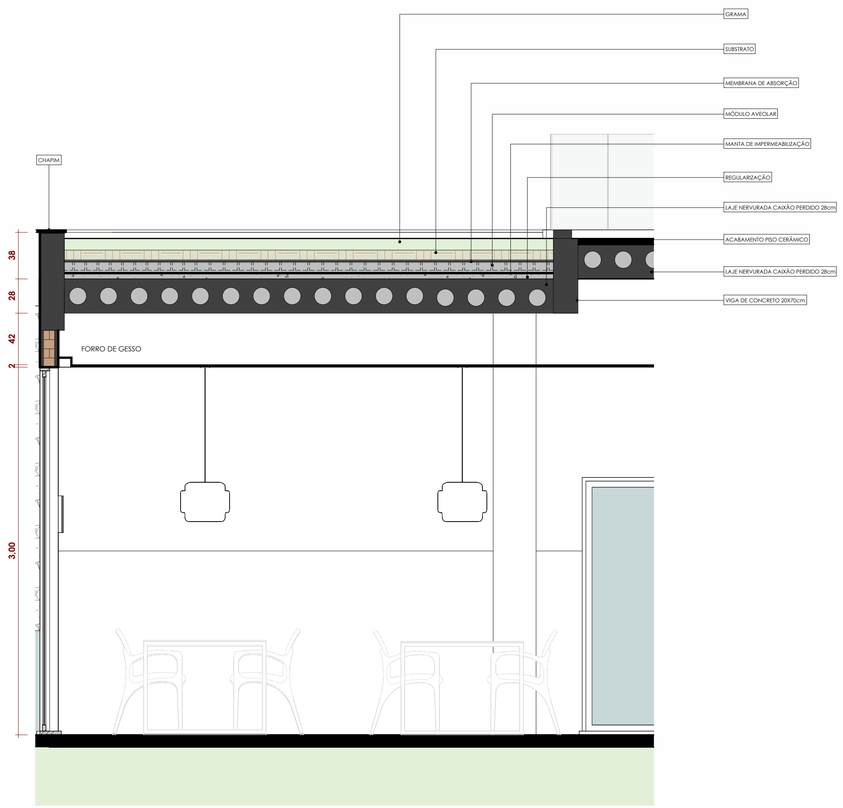
Bombas de Alta Vazão
3x 56000 L/h
Dimensão (mm) 225x225x390
Coluna máxima = 5,5m
Saída = 4" (110mm)

TOTAL = 168.000 L/h

Cálculo de espaço p/ Filtragem
31.000 L - necessário 20%

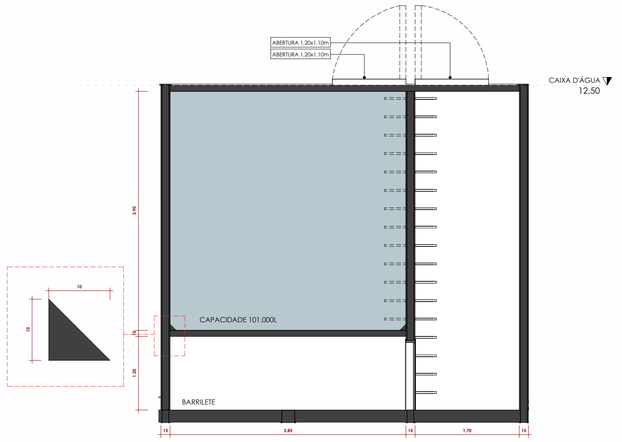
31.000 L x 0,20 = 6.200

ÁREA 5,18m x 1m x 1,20m
TOTAL = 6,216m³
TOTAL EM LITROS = 6.216 L



5 **CORTE - DET. TELHADO VERDE**

1 : 25



1 **CORTE - DET. CAIXA D'ÁGUA**

1 : 50

CÁLCULO CAIXA D'ÁGUA - (TOTAL 303.000L)

CAPACIDADE MÁXIMA RESTAURANTE - 152 PESSOAS

2 Rodadas c/ capacidade máxima - 304 pratos servidos

304 Pratos x 25 L = 7.600 L - (2 dias = 15.200 L)

RESERVA DE INCÊNDIO

20% da capacidade total do reservatório

303.000 L x 0,20 = 60.600 L

CLUBE ATIVA - QUALIDADE DE VIDA

CAPACIDADE TOTAL = 756 Pessoas/Dia
Frequência de 2x na semana

Turno manhã = 400 Pessoas

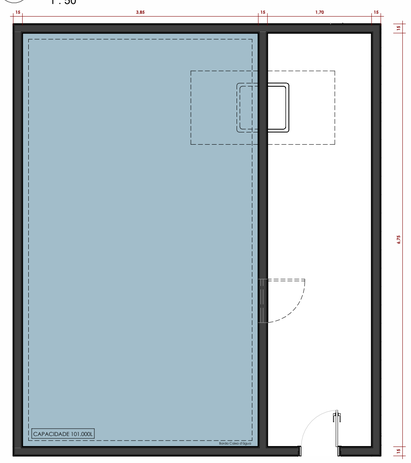
Turno tarde = 356 Pessoas

TOTAL DE IDOSOS NA SEMANA = 1890

RESERVA 2 DIAS - 227.200 L

756 Pessoas x 150 L = 113.600

113.600 L/Dia x 2 dias = 227.200 L



2 **PLANTA BAIXA - DET. CAIXA D'ÁGUA**

1 : 50

TÉRREO		
01	Recepção 01	101,17 m²
02	Psicólogo	9,58 m²
03	Triagem	11,20 m²
04	Fisioterapia	16,62 m²
05	Copa	10,05 m²
06	WC M. 01	3,00 m²
07	WC F. 01	3,00 m²
08	Capela	26,62 m²
09	Biblioteca	45,58 m²
10	Yoga	54,69 m²
11	Salão Restaurante	184,60 m²
12	Varanda Rest.	127,53 m²
13	Cozinha	36,58 m²
14	Limpeza Cozinha	9,67 m²
15	WC M.05	3,33 m²
16	WC F. 05	3,33 m²
17	Armário Seco	3,95 m²
18	Câmara fria	5,75 m²
19	Antecâmara	4,39 m²
20	WC M. 06	2,63 m²
21	WC F. 06	2,61 m²
22	Carga/ Descarga	10,19 m²
23	WC F.03	3,10 m²
24	WC M. 03	3,00 m²
25	WC F. 02	3,00 m²
26	WC M.02	3,00 m²
27	WC F. 04	3,50 m²
28	WC M. 04	3,52 m²
29	DML 01	2,70 m²
30	Recepção 02	54,14 m²
31	Ateliê 01	49,35 m²
32	Ateliê 02	48,15 m²
33	CAFÉ	106,95 m²
34	WC F. 08	3,00 m²
35	WC F. 07	3,00 m²
36	WC M. 08	3,00 m²
37	WC M. 07	3,00 m²
38	Depósito	1,88 m²
39	Academia	127,33 m²
40	Apoio Atividades	135,61 m²
41	Quadra	131,52 m²
42	Piscina	72,97 m²
43	Piscina c/ Raia	119,00 m²
44	WC F. 09	3,20 m²
45	WC M. 09	3,24 m²
46	WC F. 10	4,50 m²
47	WC M. 10	4,50 m²
48	Vestiário M.	16,78 m²
49	Vestiário F.	16,78 m²
50	Recepção 03	14,82 m²
51	Guarita	7,21 m²
52	WC GUARITA	2,80 m²
PAV. SUPERIOR		
53	Hall elevador	137,25 m²
54	DML 02	3,20 m²
55	WC F. 11	3,00 m²
56	WC F. 12	3,00 m²
57	WC F. 13	2,97 m²
58	WC F. 14	3,00 m²
59	WC M. 11	3,00 m²
60	WC M. 12	3,00 m²
61	WC M. 13	3,00 m²
62	WC M. 14	3,00 m²
63	Bar	7,13 m²
64	Solário	307,11 m²
65	Salão	131,79 m²
66	Sala 01	57,22 m²
67	Sala 02	57,18 m²
68	Sala 03	58,88 m²
		2414,32 m²

ÁREA CONSTRUÍDA = 2.788 m²

ÁREA PERMEÁVEL = 30%

TAXA DE OCUPAÇÃO = 35%

ÍNDICE DE APROVEITAMENTO = 0,51

ESCALA GRÁFICA - DETALHES
ESC: 1 : 50

1 M 2 M 4 M

Hugo Eduardo Vieira do Egito

ATIVA - QUALIDADE DE VIDA

DETETALHES

Número do projeto	10
Data	30/09/2025
Desenhadas por	Hugo Eduardo V. Do Egito
Orientado por	Profª. Drª. Amélia Panet

06_06

Escala: Como indicado